ANNO XXX. N. 290.

Por 3 mezes adiantados 4,000.
Por 3 mezes vencidos 4,500.

TERÇA FEIRA 19 DE DEZEMBRO DE 1854.

Por anno adiantado 15,000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇA'O.
Recife, o proprietario M. F. de Faria; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins; Bahia, o Sr. F. Duprad; Maceió, o Sr. Joaquim Bernardo de Mendonça; Parahiba, o Sr. Gervazio Victor da Natividade; Natal, o Sr. Joaquim Ignacio Pereira; Aracaty, o Sr. Antonio de Lemos Braga; Ceará, o Sr. Victoriano Augusto Borges; Maranhão, o Sr. Joaquim M. Rodrigues; Pará, o Sr. Justino José Ramos.

CAMBIOS.
Sobre Londres, 27 3/4 a 28 d. por 1$000.
« Paris, 342 rs. por 1 f.
« Lisboa, 105 por 100.
« Rio de Janeiro, 2 por 0/0 de rebate.
Acções do banco 40 0/0 de premio.
» da companhia de Beberibe ao par.
» da companhia de seguros ao par.
Disconto de lettras de 8 a 10 por 0/0.

METAES.
Ouro.—Onças hespanholas . . . 29$000
Moêdas de 6$400 velhas. . 16$000
» de 6$400 novas. . 16$000
» de 4$000. . . . 9$000
Prata.—Patacões brasileiros. . . . 1$940
Pesos columnarios, . . . 1$940
» mexicanos. . . . . 1$860

PARTIDA DOS CORREIOS.
Olinda, todos os dias.
Caruarú, Bonito e Garanhuns nos dias 1 e 15.
Villa-Bella, Boa-Vista, Exú e Ouricury, a 13 e 28.
Goianna e Parahiba, segundas e sextas-feiras.
Victoria e Natal, nas quintas-feiras.

PREAMAR DE HOJE.
Primeira ás 3 horas e 42 minutos da tarde.
Segunda ás 4 horas e 6 minutos da manhãa.

AUDIENCIAS.
Tribunal do Commercio, segundas e quintas-feiras.
Relação, terças-feiras e sabbados.
Fazenda, terças e sextas-feiras ás 10 horas.
Juizo de orphãos, segundas e quintas ás 10 horas.
1ª vara do civel, segundas e sextas ao meio dia.
2ª vara do civel, quartas e sabbados ao meio dia.

EPHEMERIDES.
Dezbr. 4 Lua cheia ao 44 minutos e 48 segundos da tarde.
» 12 Quarto minguante ás 3 horas, 43 minutos e 48 segundos da tarde.
» 19 Lua nova as 7 horas, 48 minutos e 48 segundos da tarde.
» 26 Quarto crescente a 1 hora, 21 minutos e 48 segundos da tarde.

DIAS DA SEMANA.
18 Segunda. S. Espiridião c.; S. Theotimo m.
19 Terça. S. Dario m.; S. Fausta; S. Paulilo.
20 Quarta. Jejum (Temporas Vigilia) S. Liberato.
21 Quinta. S Thomé Ap.; S. Themistocles m.
22 Sexta. Jejum (Temporas) S. Honorato m.
23 Sabbado. Jejum (Temporas) S. Servolo adv.
24 Domingo. 4.º do Advento. S. Delfino b.; S. Tharsila m.; S. Germina mm. S. Zenobio.

PARTE OFFICIAL.

GOVERNO Dª PROVINCIA.

Illm. e Exm. Sr. — Em cumprimento ao officio de V. Ex. de 7 do corrente, recebido no dia 20 do mesmo mez, passa a camara a informar como lhe cumpre.

Tendo sido desmoronada a ponte de Gindahy sobre o rio Serinhaem, mandou esta camara affixar editaes para ser arrematada a passagem sobre o referido rio no lugar de dita ponte, para que dest'arte não soffressem os viandantes demora em suas digressões, e a camara não perdesse o rendimento a respeito; porem no dia marcado para dita arrematação, não compareceu um só licitante, á vista do que deliberou a camara pôr em administração a sobredita passagem por seu procurador, autorisando de fazer negocio seguro de vantagem com pessoa capaz, debaixo de fiança, que com effeito o procurador cumprio exactamente, negociando com José Columbino de Araujo Lima, sendo seu fiador Bento Cavalcanti de Albuquerque Mello, proprietario do engenho Frexeiras, pela quantia de 150$ rs. pagos em quarteis, como consta do papel que se passou á respeito, o qual por copia remette a camara a V. Ex., e quanto a paga dos viandantes he o que consta do mesmo papel, e não consta a esta camara que o encarregado da mesma passagem cobre maior quantia daquella que lhe foi marcada por esta camara. He quanto tem esta camara a informar a V. Ex. que mandará o que for servido.

Deos guarde a V. Ex. — Paço da camara municipal de Serinhaem em sessão extraordinaria de 27 de novembro de 1854. — Illm. e Exm. Sr. José Bento da Cunha e Figueiredo, presidente da provincia. — P. P. Manoel da Gama Romeiro. — José Candido da Silva Braga — Antonio Joaquim de Mello e Silva —Manoel José Machado — João Damasceno Barros. —Conforme, *Antonio Leite de Pinho.*

INTERIOR.

CORRESPONDENCIA DO DIARIO DE PERNAMBUCO.

Parahiba.

15 de dezembro de 1854.

Caro mio, brevemente
Nada tenho p'ra contar-lhe,
Virei assim a faltar-lhe
Com as pobres cartinhas minhas,
Com essas tristes regrinhas.

Vejo surgir de repente
Syreneus a cada canto,
Que me enchem de espanto,
Promettend'*adjuctorios*,
Arrumando *vomitorios*.

Cada qual lhe quer contar
Tal historia a certo geito,
Guardando porém no peito
Uma parte da verdade,
Por certa *necessidade*.

E não he só isso, como sejam muitos, escriptores, e falladores (ha-os de ambos os generos, sendo peiores os ultimos), e cada um pense de sua maneira, temos que uns contam o que outros queriam calar; e assim fico eu sem ter o que contar.

E ainda não satisfeitos, conspiram-se todos contra mim porque digo quanto me diz *Mereles*, sem occultar, que o *branco* he *branco*, e o *negro escuro*. Mas deverei eu, que sou chamado por ahi além o *decano* de seus correspondentes, eu, que ainda não dei o incommodo a qualquer de contestar minhas noticias, eu, finalmente, que tenho, por meus olhos, e ouvidos, uma parelha de Mereles, superiores a quaesquer *Syreneus*, deverei recuar ante um adjuctorio, quando em apertadas circumstancias Gil Braz recambiou um tão a proposito a outro *Syreneu* de manguitos e periquito?

Parece-me, que não. Devo portanto applicar o exemplo de seus maiores ao boticario de nova especie.

Pense lá como quizer,
Charo senhor *Syreneu*,
S'encontrar algum *judeo*
No caminho solitario
Leve-lh'a a cruz ao calvario.

Quanto a mim, eu sempre posso,
Tendo os antigos *mironis*,
Dispensar taes *ceceronis*,
E dizer pura verdade,
Pondo em relevo a maldade.

Eu não sahi de meu proposito de deixar sem resposta, qualquer observação, que me fizesse, quem não fosse pessoalmente interessado nos factos por mim referidos?

Seja essa a ultima vez, em attenção á predilecção, ou bairrismo, do senhor *Syreneu*, a quem tributo todo o acatamento e respeito. Entremos em assumpto:

As febres continuam; e de vez em quando uma amarellece, e dá com o paciente no reino de *Plutão*; a maior parte, porem, contenta-se com assusta-los, ou te-los por algum tempo em estado de não poderem tomar alimentos.

Hontem morreu da amarella, legitima, na prisão o Sr. Dantas, com tres dias de febre, da qual ou zombou, ou pouco temeu. Quando menos se espera Deos lembra-se de nós.

As bexigas teem desapparecido, e foi bom, porque ja iam menos amorosas.

O calor tem continuado intenso, e vigoroso, pelo que tenho andado bem apertado de meus incommodos cronicos.

Ha dous dias, que temos pela manhãa uma bateja d'agua soffrivel; e o tempo tem tomado um aspecto de inverno.

Estão muito satisfeitos os credulos das experiencias de Santa Luzia; por que, segundo elles, teremos muita chuva em janeiro e fevereiro, taes representam na experiencia os dous dias decorridos.

Teremos cedo inverno? Digam os entendidos das cousas de telhas acima.

Se tivermos; e alcançar á Russia, mal estão os alliados, que ainda não acharam hospedagem. Muito nariz inglez tem de ficar interrado nos gelos russos.

Os Francezes não extranharão mais a brincadeira, por que ja não he a primeira vez, que mettem lá os narizes.

Um Napoleão deixou
Muitos narizes por lá;
O outro ancioso está
Por tomar *Sebastopol*,
Sem um nariz ter ao sol.

Cuida que com um *Te-Deum*,
Tres estouros de foguetes,
Derreter pode os sorvetes
De nariz inglez gelado?
De certo está enganado.

Por tocar neste assumpto, permitta-me perguntar-lhe, será certo que os desanimados Russos teem feito sortidas e tomado fresco por dias inteiros, entretendo-se em encravar peças inglezas e francezas?

Felizmente aquelles fazem saltar mui facilmente os batoques; do contrario mal estariam no artigo ouvidos.

Quando li em um de seus ultimos numeros os incommodos das alas direita e esquerda dos alliados, fiquei duvidoso, e ainda me parece que tal noticia he perfeitamente russa, e por consequencia carecedora de quarentena.

Não he crivel, que homens engaiolados, sequiosos, famelicos, asphixiados com o fumo de suas baterias, aos quaes o mesmo mar recusa a sepultura, possam fazer taes feitos, que a mesma victoria lhe tão sangrenta aos alliados como uma derrota. *Nisi videro non credam.*

Se porém he exacta a noticia, então:

Sebastopol bem parece
Não ter pressa de render-se,
O *Times* deixa morder-se,
O *petit Louis* em colicas,
Victoria a fazer bucolicas.

Não he civil ao que penso
Deixar na rua as visitas,
Bem dizem qu'os *Moscovitas*
São grosseiros, mal creados,
Inda não são illustrados.

Hão de levar a lição
Dos ilheos da Grão Bretanha,
Por bruta força, ou por manha,
Hão de ser hospitaleiros,
Philantropos, amigueiros.

O que ha indubitavelmente verdadeiro he que tem havido pancadaria a valer e doer...o que lhes faça muito bom proveito.

E o que dirá se lhe eu disser, que tambem por aqui ha questões, teimas, apostas e quasi supapos em tenção dessa briga anglo-franco-turco-russa?!

Pois, meu amigo, fique sabendo, que temos alliados e russos, sendo, he verdade, o numero daquelles mui diminuto, porque infeliz e injustamente os Inglezes não teem muitas sympathias. Digo infelizmente, porque entendo que elles são summamente sympathicos; e injustamente, porque ella he a nação humanitaria por excellencia.

Os meus patricios, que não costumam tomar calor, e nem mesmo procurar saber pelo que se passa pelos mundos alheios, estão inflammados com essa questão; e não sabe o quanto se incommodam quando o correio dessa deixa de mandar-lhes o seu mui lido *Diario* pelo correio terrestre á espera do vapor.

Bentinho recebeu noticias um pouco atrazadas da terceira comarca. Dellas soube, que no dia 18 de outubro foi aberta a primeira sessão ordinaria do jury de Piancó, que durou até o dia 24.

Foram condemnados Jūlião de Tal e João Bezerra, criminosos de morte; o primeiro a prisão simples por 14 annos; e o segundo em 15 annos 6 mezes e 20 dias; foi uma sentença complexa, geometricamente fallando.

Por falta de advogado (o que he admiravel hoje, que todos são mais ou menos rabulas) deixou o primeiro de responder por mais dous homicidios, de que he accusado.

Pelo que me parece o tal senhor caloteia a justiça necessariamente, porque se fôr absolvido delles, ou punido com penas menores do que quer a lei, o calote está pregado, levando tres mortes por 14 annos; se fôr condemnado á morte por qualquer das duas, sómente paga uma e caloteia pelas outras; e se fôr condemnado a 14 annos por cada uma das duas, temos sempre o calote, porque elle não terá necessariamente vida com que pague tantos annos de prisão.

O tal sugeitinho tem queda para negocio.

Foi preso na Alhandra Manoel Pinto, conhecido por Muriçoca, assassino de Gerarda de Tal, com quem vivia e convivia.

Foi preso em Souza, Miguel Joaquim Corisco, indigitado assassino de João Martins.

Tambem o foi com algum trabalho por dormir no matto, Sabino, de quem em outra lhe fallei.

Não me consta, e nem ao meu Merelles alguma obra *thuggal* nestes ultimos dias.

Os assassinos, escravos do major José Thomaz, foram cumprir a sentença. O condemnado a pena ultima, escolhido para algoz, não quiz ir fazer a execução; mas um *gales* tomou o encargo, por não ter o que fazer.

S. Exc. tem-se visto em embaraços para adiantamento das obras publicas e melhoramentos materiaes, porque os cofres tanto geral, como provincial estão de fundo ao ar. O geral tem recebido umas doses dessa provincia; mas tão homeopathicas, que nada tem feito em seu systema nervoso.

O provincial está como Tantalo, vê promptos uns poucos de carregamentos de assucar e algodão, mas não vê entrarem navios para recebe-los. Se viessem navios, então tinhamos salvado a crise, que só poderá durar por todo este mez.

Não cessarei de louvar o extraordinario e incansavel zelo que S. Exc. tem desenvolvido na captura e punição de criminosos; e desde já lhe auguro alguns desgostos pela imparcial severidade que vai desenvolvendo nesse ramo, a que não estão acostumados certos meus senhores.

Se me fora licito pediria ao meu *Syreneu*, que ajudasse ao fiscal desta cidade a multar as pretas e pretos que lançam de dia e publicamente lixo no becco do Rosario, que S. Exc. mandou limpar ha poucos dias, e que está novamente immundo, isso não exige dinheiro, afim de que elle não perca os creditos que tem adquirido.

Seria bom que o levasse por um braço á correr os açougues em que se vende má carne, e com pesos um pouco menores do que o quer a razão.

Tambem que o conduzissem a matança, não para certos arranjos, mas para mandar enterrar os bois que em mau estado de saude vão ao sacrificio:

Que desse com elle um passeio para ver quem monopolisa o peixe e farinha.

Para essas cousas não he mister o cofre da camara. Quanto ao mais conversaremos de vagar, já que assim o exige o meu delicado amigo, que conheço como as palmas de minhas mãos.

Nada mais ha de novo. Saude e patacos, e um bom *Syreneu* lhe desejo para ajuda-lo a levar a cruz da vida.

PERNAMBUCO.

JURY DO RECIFE.

4ª sessão ordinaria.

DIA 13.

Presidencia do Sr. Dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha.

Promotor publico o Sr. Dr. Antonio Luiz Cavalcanti de Albuquerque.

Escrivão o Sr. Joaquim Francisco de Paula Esteves Clemente.

Advogado o Sr. Dr. Filippe Lopes Netto.

Réo o capitão tenente Antonio Carlos Figueira de Figueiredo, accusado por crime de roubo.

As 10 horas e meia da manhãa feita a chamada acham-se presentes 47 Senhores jurados.

Foram sorteados para julgamento da causa os Senhores:

Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa.
Dr. Pedro Gaudiano Ratis e Silva.
Francisco Alexandrino de Vasconcellos Callaça.
Joaquim Pereira Bastos.
Joaquim Felix Machado.
José Filippe Nery da Silva.
Francisco José Rodrigues Ferreira.
João Chrisostomo Fernandes Vianna.
Luiz Francisco de Sampaio e Silva.
Manoel Joaquim Antunes Correa.
João Francisco Maia.
Antonio José Duarte.

Consta do libello da promotoria publica que o capitão-tenente Antonio Carlos Figueira de Figueiredo, recebendo da thesouraria da fazenda desta provincia no dia 4 de fevereiro deste anno a quantia de 100:000$000 rs., para entregar ao thesoureiro geral da corte, tirara dessa quantia a de 20:500$000 rs., violentando para isso o caixote dentro do qual estava acondicionado todo o dinheiro; o Sr. promotor publico sustentou que as peças dos autos provavam os artigos do seu libello, e que ao réo se devia impor no grão maximo as penas do art. 269 do codigo criminal, porque o facto era acompanhado das circumstancias aggravantes dos ns. 9, e 10 do art. 16 do codigo criminal.

Consta do interrogatorio do réo, que havendo-se dirigido a thesouraria de fazenda desta provincia para receber a quantia de 100:000$000 rs., que deviam ser remettidos para corte, dera um conhecimento do recebimento dessa quantia sem que por si mesmo a contasse, e que sendo-lhe entregue o caixote em que estava recolhido o dinheiro, o conduzira para bordo do vapor *San-Salvador*, onde o depositara em um cofre, cujas chaves estavam em seu poder, e donde foi apenas tirado no dia 14 de fevereiro para ser levado ao thesouro. Consta mais do mesmo interrogatorio do réo que o caixote fora depositado no mesmo dia na agencia dos vapores, e ahi estivera em quanto alugava um carro no qual seguio para o thesouro com o caixote, que sendo posto em uma sala diversa da em que estava elle, fora aberto pelos fieis do thesoureiro, os quaes declaram faltar 20:500$000 rs., para prefazer a quantia de 100:000$ rs., accusada no conhecimento.

Disse o réo que não fora elle que tirara os 20:500$ rs., e que não forma um juizo seguro sobre semelhante acontecimento; que não sabe explicar satisfactoriamente.

O advogado da defeza sustentou que as peças dos autos nao provavam plenamente que fosse o réo o autor do extravio do dinheiro, que o caixote foi entregue sem delle tirar o réo quantia alguma, nem isso era possivel no estado em que chegara o mesmo caixote ao réo, e neste sentido argumentando pedio a absolvição do réo.

O jury por unanimidade decide-se em favor do réo que foi absolvido.

A sessão terminou depois de 4 horas da manhãa do dia 14, e foi encerrada.

REPARTIÇAO DA POLICIA.

Parte do dia 18 de dezembro.

Illm. e Exm. Sr.—Participo a V. Exc. que, das differentes participações hontem e hoje recebidas nesta repartição, consta terem sido presos: pela subdelegacia do primeiro districto deste termo, Antonio Francisco do Nascimento e Francisco Pereira de Almeida, ambos por furto de cavallos; pela subdelegacia da freguezia do Recife, Luiz José e Rufino Francisco, por desobediencia, o preto Francisco por fugido, a preta Marcelina, os pardos Clementino de Tal e Antonio, escravo, para correcção, os marujos inglezes Slagua, Wellione Vemay, John Pocuello, Charles Welliames, todos a requisição do respectivo consul.

Deos guarde a V. Ex. Secretaria da policia de Pernambuco 18 de dezembro de 1854.— Illm. e Exm. Sr. conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo presidente da provincia,—O chefe de policia, *Luiz Carlos de Paiva Teixeira.*

Illm. Sr.—Convindo providenciar promptamente ácerca da falta de observancia dos artigos 7º e 8º do titulo 6º das posturas municipaes, que marcando cinco minutos de duração a cada repique ou dobre de sinos, ordinariamente dura cada um meia hora com grave incommodo do publico e infracção das referidas posturas; recommendo á V. S. que expeça as suas ordens aos subdelegados do districto de sua jurisdicção, para que façam ir a sua presença os sacristães das igrejas de suas freguezias e os admoeste a cumprirem restrictamente o disposto nos sobreditos artigos, e para o mesmo fim dirigindo-se aos respectivos parochos e aos juizes e presidentes das irmandades e confrarias, chame a sua attenção sobre o objecto, e delles reclame as convenientes providencias, sendo uma dellas o vedar absolutamente que as torres sejam invadidas por turmas de negros, moleques e peralvilhos, para o que deverão recorrer, quando não tenham força bastante, ao competente inspector de quarteirão, que para esse fim será prevenido pela subdelegacia.

Deos guarde á V. S. Secretaria da policia de Pernambuco 18 de dezembro de 1854. — Illm. Sr. Dr. Francisco Bernardo de Carvalho, delegado de policia do primeiro districto deste termo.—O chefe de policia, *Luiz Carlos de Paiva Teixeira.*

COMMUNICADO.

A festa de Nossa Senhora da Conceição foi hontem celebrada na sua igreja da Congregação com toda a pompa e brilhantismo devido a Mãi do Salvador do mundo, e Padroeira do Imperio.

A digna mesa regedora não poupando esforços e sarificios, apezar de muitas difficuldades que se lhe antolhavam, caprichou em apresentar o templo ricamente ornado, e teve o prazer de o conseguir combinando a elegancia e bom gosto das alfaias com a sua riqueza e profusão.

O sermão da festa correspondeu a expectativa; o Rvm. padre mestre Capistrano, pregador da imperial capella, com aquella dialectica cerrada que no pulpito lhe he tão familiar, captivou os ouvintes no desenvolvimento do misterio da Conceição; e na peroração do discurso fez sobresahir o facto bastante censuravel de certo irmão que teve a mesquinha lembrança de occultar todas as alfaias e ornamentos da irmandade para collocar em apuros a mesa regedora, a qual se vio na rigorosa necessidade de tudo pedir por emprestimo ou alugar, tornando-se assim muito mais dificil e trabalhosa a sua missão.

Tambem foi muito bem desempenhado o sermão do *Te-Deum* pelo Rvm. Sr. padre Lobo.

Faremos igualmente menção especial da excellente musica que abrilhantou a solemnidade, e que tambem coincidio com a magestosa ornamentação do templo, o que nas nossas festividades religiosas raras vezes succede.

Uma guarda de honra do segundo batalhão de infantaria da guarda nacional, com a respectiva banda de musica, esteve postada em frente da igreja, desde as 10 horas da manhãa até ao fim do *Te-Deum*, havendo dado no fim da festa tres salvas de mosquetaria.

A concurrencia foi extraordinaria; sendo de lamentar que a maior parte das pessoas que ahi affluiram não podesse apreciar o bom gosto da armação e illuminação interior de templo, por não achar lugar, em consequencia da pequenez do edificio.

Concluindo este pequeno resumo da festividade religiosa effectuada hontem na igreja da Congregação, he de rigorosa justiça darmos os devidos emboras aos dignos membros da mesa regedora, que, apezar de já servirem a quatro annos, tanto contribuiram com numerosos sacrificios e incommodos para o explendor desse acto; assim como stigmatisarmos com a nossa reprovação e entregarmos a do publico aquelle que, com a subtração dos ornamentos e alfaias da irmandade, pretendeu embaraçar a solemnidade em louvor e honra da Padroeira do Imperio.

Recife 18 de dezembro. *F. J.*

CORRESPONDENCIAS.

Parahiba

9 de dezembro de 1854.

Srs. Redactores. — Como sou sugeito destes de pão, pão, queijo, queijo, não estou para exordios, não só porque não lhes acho graça em uma correspondencia noticiatoria, como porque sou um pouco preguiçoso para escrever; e por essa causa julgo perdido o tempo empregado em palavrórios exordiaes: isto posto, dir-lhe-hei: passamos aqui o dia 2 alegremente. Cortejo de manhãa, a tarde S. Exc. convidou muitos negociantes e capitalistas, e entre estes, oh dôr! alguns agiotas, (carrascos da humanidade!) afim de declararem com quanto subscreviam para a installação de um banco provincial: com effeito concorreram, assignaram; mas disse-me o amigo Pestana, que alguns ricaços, grandes capitalistas, ficaram muito abaixo do lugar que lhes deveria competir; por isso que só assignaram cinco contos, quando se suppunha que deveriam assignar vinte, trinta, ou quarenta; corta bastante largo na fazenda alheia! Deos queira que peguem as bichas a ver se os pobres algum dia poderão obter algum dinheirinho sem a esfoladella de 2, 3, 4 e 5 por cento ao mez, e por fim, e quando o pobre diabo não tem mais succo que dar, tendo já entregue escravos, dinheiro, casas, tendo pago duas vezes mais do que aquillo que tomou, diz o ferrenho e duro agiota, e muito enfadado: — não faz conta, não faz conta dar uma pessoa o seu dinheiro a premio, e por fim que trabalho para o adquerir!! Ah! desgraçado, não olhes sómente da tua cabeça para os pés, não olhes só para o tempo que tens de estar neste vale de lagrimas, não olhes sómente para o interesse e augmento de tua burra: vê mais alguma cousa, levanta os olhos ao céo, considera o tempo que tens de existir lá nessa eternidade indefinivel; recorda-te que talvez amanhãa só necessites de nove palmos de terra, e o que levarás para alli? Essa afadiga, essa ambição, essa hydropizia por dinheiro de que te servirá alli... Oh! agora vejo, meu amigo, que estava tomando um lugar que me não compete, os sacerdotes pregadores que advirtam, que clamem; mas como hão d'elles clamar, me diz o amigo Pestana, que eu conheço alguns que tambem dão dinheiros a premio, desejam ter muito dinheiro, conversam sómente em dinheiro, já vio; procuram pela surrelfa quem lhes offereça mais, já vio, heim? E o caso he que o amigo entalou-me; porém sempre lhe direi que, se eu fôra parocho, sempre diria aos meus freguezes, que lessem o Psalmo 14.

Continuarei com o dia 2: a noite foi cheia, visto que houveram duas representações theatraes na cidade alta e baixa; sobre o seu merito nada arrisco, porque lá não fui: não gosto de perder o meu apreciavel somno; costumo deitar-me ás nove da noite para acordar cedo, e com isto me tenho achado bem.

Passando agora ao dia 8, dia faustissimo, o da Mãi de Deos da Conceição, e padroeira do imperio, tivemos as competentes nove noites de novenas em duas igrejas, S. Francisco e matriz; e devemos crer que muitas e piedosas preces subiram ao conspecto da Magestade Divina, dirigidas pelo sexo amavel, que he em que elle se occupa nessas occasiões! Eu concorri á matriz, não só ás novenas, como á festa; e que achei tudo bom, tudo bom, tudo muito solemne, e até para maior solemnidade do dia, occorreu um baptisado antes da festa: o parvulo era filho do juiz que acabava, o reverendissimo parocho foi o baptizante, e a pedido do papai do nenem, findos os exorcismos, em lugar de se dirigirem á pia baptismal, caminharam para o altar da Senhora da Conceição, e ahi em sua presença foi baptisado o infante, assistindo tambem ao solemne acto a irmandade de cruz alçada: achei aquillo bonito, imponente, engraçado e até magestoso! Porém já me diz o amigo Pestana, que ouvio alguem censurar o acto, dizendo que devia ser o menino baptisado na pia baptismal, para isso he que ella se fez, principalmente sendo o baptisado na matriz, que o reverendo parocho quando não tivesse errado, porque sabe o que faz, deu máo exemplo, não se sujeitou ao costume inveterado, não seguio á risca o ritual, etc., etc., etc. Não me atrevo a dizer cousa alguma contra a tal ceremonia, porque não entendo; o nosso velho correspondente, que tem mais idade, mais experiencia, mais leitura e mais instrucção nos dirá o que pensa sobre a materia.

Adeos, meu amigo, desejo-lhe uma festa muito feliz, boas venturas corporaes e espirituaes, e outras cousas mais, etc. *O Cyrenêo.*

Srs. Redactores.—Muitas vezes a impostura, e a fraude revestem as côres da verdade e da justiça, a mentira illude e seduz os animos desprevenidos, e com sua linguagem fallaz vai despertar no espirito publico sentimentos, e affeições indevidas contra a causa do verdadeiro direito, e em favor de torpes, e infames trapaças.

Eis o que agora exactamente acontece comigo em relação aos bens, e alguns escravos deixados por meu fallecido sogro, o capitão Antonio Dantas Correa, como se vê da correspondencia de um desses escravos inserta em seu numero 260 de 13 de novembro proximo passado.

Falleceu meu referido sogro a 29 de abril do anno passado, e eu, que apenas sobe da molestia grave, que o accommetêra, me puz immediatamente a caminho de sua residencia no termo do Pilar para prestar-lhe os devidos officios; ao chegar a sua casa já o achei sepultado, e seus bens na posse de um padre sem fé, que se quiz, e procurou introduzir no gozo, e partilha de bens e direitos, que só a mim competiam na qualidade de herdeiro universal, e marido de sua filha unica.

O caso passou-se como passo a expôr com pura verdade, pois que tendo até hoje felizmente gozado dos foros de homem honesto, e sendo-o em minha consciencia, a verdade he o meu idolo, e costumo dize-la sem rebuço, ainda mesmo quando me prejudica.

Em uma idade avançada, e gravemente affectado de molestia mortal meu fallecido sogro em estado de viuvez, e completo desaranjo mental, sem filho, ou pessoa alguma junto a si, que curasse de sua pessoa e bens, achou-se verdadeira presa da cobiça, e pilhagem d'alguns expertos, que entenderam tirrar partido desse estado de lamentavel abandono, e procuraram dispôr de sua fazenda, compartilhando-a em seu proveito, e em meu prejuizo. Para isto prevaleceram-se do manejo o mais torpe, afim de dar a essa verdadeira traficancia a côr de caridade, e colloca-la sobre a egide de direitos sagrados, que mesmo em apparencia, e mero simulacro desafiam o interesse, e patrocinio das almas bem formadas.

Assim se poz em pratica esse plano de pilhagem.

O reverendo Diogo de Barros Araujo, actor principal, e mola real d'esse manejo indigno, em relação com uma velha liberta da casa, e affectando sentimentos de officiosidade christãa, apoderou-se do que pôde em dinheiro e joias, ao passo que fingia com zelo, e abnegação hypocrita curar da saude, e alma de meu charo e finado sogro; e não estando ainda assim satisfeita sua tôrpe cobiça, mandou chamar um rabula desmoralisado da villa do Inga, José Carlos de S. Pedro, e de combinação com elle fez testamentos em que se nomeava elle proprio primeiro testamenteiro, reconhecendo como filhos, e herdeiros alguns escravos para que podesse apoderar-se tambem dos bens, que tocassem a esses miseraveis, de quem como seus instrumentos havia lançado mão.

Releva aqui observar, que tal era a cegueira, e escandalo do reverendo Diogo de Barros Araujo, e seu acolito, que nem ao menos procuraram salvar as apparencias fazendo recahir a escolha de 1.º testamenteiro, já não digo em mim, seu genro, sobrinho, e amigo dedicado, porém ao menos em algum de seus numerosos amigos e compadres, com quem sempre entretêve meu prezado sogro relações intimas, e de longa data, e de quem melhor poderia confiar a boa execução de disposições tão importantes. Porém o padre Diogo de Barros Araujo, a quem meu charo sogro tinha visto uma unica vez, de um momento para outro se constituio por interesse proprio o seu primeiro amigo, e o primeiro interessado no fiel cumprimento da sua ultima vontade! He muita bondade da parte do Sr. padre Diogo.

Para apparentar melhor essa industria immoral, figurou igualmente algumas cartas de liberdade em favor dos filhos, e filhas da referida liberta, a quem d'est'arte remunerava tambem de o haver collocado no gozo de tal pujança.

A falsidade desses titulos, e instituições resalta de muitas circumstancias, e acha-se plenamente provada em juizo competente, do qual espero uma sentença recta e desprevenida, que desmorone o edificio da fraude.

Farei algumas observações no sentido de esclarecer a questão, e desvanecer suspeitas desfavoraveis, que no animo do publico por ventura contra mim tenham ingendrado essa immunda correspondencia, e fementidas informações, que partidas de fontes impuras por todos os meios procuram desconceituar-me.

He um embuste miseravel dizer o escravo Filippe, signatario de cruz da correspondencia, a que me refiro, que meu fallecido sogro o teve já mais por filho, e isso mesmo se evidencia desse supposto testamento nuncupativo, que publica o referido escravo, no qual diz o figurado testador have-lo tido, e a outros da liberta Maria Francisca depois de viuvo de sua mulher D. Joanna Francisca Dantas, quando esta respeitavel Sra., minha chara sogra, falleceu no anno de 1842, como se vê do documento numero 1.º, e o sobredito escravo Filippe nesse mesmo testamento se declara maior!

As condições da maioridade não estão por certo modificadas para que a idade de 11 annos, decorridos da morte de minha sogra sejam para ella bastantes; entretanto que já antes do seu falecimento o mencionado escravo aprendia a ler, como se prova com o attestado de seu mestre, documento numero 2.

He publico e sabido além disso, que o pai desse escravo foi um afilhado de mui finado sogro, de nome Filippe tambem, que esteve omiziado algum tempo em sua casa no anno de 1834, e depois retirou-se para o lugar denominado Piraua de dentro, aonde por diversas vezes ia o mesmo escravo Filippe tomar-lhe a benção.

Isso por algumas vezes foi declarado por meu sogro a alguns de seus amigos, como o tenente coronel Joaquim José Ribeiro Pessôa, e igualmente confirmado pela mãi do referido escravo, que o disse tambem a diversas pessoas, como a Illm.ª Sr.ª D. Ignacia Maria da Purificação, e sua filha D. Gertrudes Maria da Purificação; e ao Illm.º Sr. Francisco Gomes d'Araujo, primo do reverendo Diogo de Barros Araujo.

He pois uma insolente impostura desse escravo, ou de quem por elle avança, e sustenta falsidades desta ordem, para ter quinhão, sem duvida, naquillo que por ventura podesse usurpar do monte de meu finado sogro.

A mentira, porém, por mais bem ataviada que seja; trahe-se, e descobre a má fé dos que recorrem aos meios reprovados. Assim que se diz nessa correspondencia que, meu sogro *não satisfeito com o testamento nuncupatico, mandou então chamar o advogado José Carlos de S. Pedro para fazer por elle testamento cerrado*; entretanto que o referido testamento nuncupativo, que publica o mencionado escravo, he já feito pelo mesmo José Carlos de S. Pedro!!

He essa penna disposta para todos os manejos do padre Diogo, quem fabrica não só o celebre testamento nuncupativo, como todas as cartas de liberdade, e quanto julgaram mister para defraudarem a herança, que unicamente me pertencia. Figura-se tudo isso feito no dia 25 d'abril, dia em que chegou as 5 horas da tarde o referido José Carlos a casa de meu sogro, quando já elle se achava em completa perturbação d'espirito, e desenganado de viver!

Não teve pois meu sogro nenhuma parte em taes manejos, nenhuma disposição fez de seus bens, e isso o affirmam, e deposeram em juizo as proprias testemunhas que figuram no sobre dito testamento e cartas de liberdade em questão.

Entretanto para cumulo da confusão, e desmentido formal dos impudentes autores de tão reprovados tramas, publico adiante, para conhecimento do publico, uma carta em publica forma do proprio José Carlos de S. Pedro, ao seu complice o padre Diogo de Barros Araujo, em que he elle mesmo quem, levantando o véo que cobre taes machinações, põe patente a má fé de seu proceder indigno.

Note o publico para a maneira porque estranha elle a exiguidade da paga, depois do que exclama—*Com effeito, fiquei pasmo de ver como se pretendia gratificar os serviços tão exorbitantes, que ahi prestei!* Aprecie devidamente taes expressões, e confronte-as com as que terminam o penultimo periodo—*Pois que ninguem, melhor que Vmc., pode saber como taes arranjos: bem me entende...* E ver-se-ha que não se trata por certo de disposições licitas feitas por um testador legitimo, mas *de arranjos immoraes e serviços exorbitantes* do advogado José Carlos de S. Pedro ao padre Diogo, a quem, não obstante a pouca generosidade com que o recompensou, assegura o referido advogado toda a sua cordialidade, e *constancia para cumprir os seus chamados nesses casos, e nos mais, todas as vezes que delle precisar!...*

Diversas outras falsidades, e inverosimilhanças se notam nessa correspondencia, e documentos publicos que denunciam a fraude e má fé, com que foram elaborados, ao passo que tendem igualmente a illudir a opinião publica e angariar protectores como passo a analisar.

Primeiramente he falso que meu finado sogro houvesse morrido no dia 30 de abril, como impudentemente affirma o escravo Filippe, ou quem por elle escreveu essas linhas que se leem no seu citado jornal, o seu fallecimento teve lugar pelas 8 horas da manhãa do dia 29 de abril, como se prova com o documento do numero 3, e só se figura um dia depois para inculcar que decorreu mais tempo entre as datas verdadeiras, ou falsas das peças de que se trata e a hora do passamento.

Falso e falsissimo he igualmente asseverar o escravo Filippe que o vendi ao Illm. Sr. coronel Ismael da Cruz Gouveia, e que este lhe usurpara 25 cabeças de gado etc., assim como he falso tambem tudo quanto inculca o referido escravo contra a probidade do mesmo Sr. Ismael nesse negocio. A verdade he que o Sr. coronel Ismael empenhou-se comigo para o libertar, ao que eu prometti acceder pelo preço de 600$000 depois de haver engeitado por elle a quantia de 1:000$000 rs., que me foi offerecida por parte do Illm. Sr. coronel João Joaquim do Rego Barros. Se pois o Sr. coronel Ismael recebeu delle esse gado de que falla, seria sem duvida para realizar a paga de sua alforria.

Em poder do Illm. Sr. coronel Ismael da Cruz Gouveia existe a carta de liberdade passada por mim a Filippe a instancia e mediante como, já disse, a quantia de seis centos mil rs., que do mesmo senhor recebi. Este facto he muito sabido, e Filippe mais do que todos sabem, que se elle não tem hoje dita carta em seu poder, he não só porque não satisfez ao dito senhor a obrigação que com elle contrahira, de o indemnisar da quantia que gratuitamente e só por um excesso de bondade da parte do Sr. coronel Ismael, foi dispendida em favor de sua liberdade; como pela sua ausencia do lugar de sua residencia para a povoação pe Timbauba, donde tem tido para com elle o procedimento mais indigno que he possivel imaginar-se, e só proprio de sua vil condição; e, pois, patente fica a maneira indigna, com que dito escravo retribue a benevola intervenção e beneficio que lhe fez o Sr. coronel Ismael, cuja reputação procura entretanto nodoar com grave injustiça, e a mais torpe ingratidão!

Notavel inexactidão se encontra igualmente em todas as datas para dessa falsa ordem chronologica inculcar-se que influio na venda, que fiz de alguns escravos e na alforria de outro, mediante a paga de 600$000 rs., essa supposta parcialidade, e pretendida connivencia do juiz, que tão impudente e cynicamente se procura fazer acreditar.

Vendi a escrava Florinda muito antes da intervenção do Sr. coronel Ismael em favor de Filippe, e libertei a Victorino seis, ou oito dias depois de minha chegada a casa de meu sogro pela quantia ácima dita, a pedido de seu pai o pardo Antonio; quando a occurrencia havida entre mim e o Sr. Ismael ácerca de Filippe teve lugar para os fins de junho, quasi dous mezes depois.

São por tanto embustes sobre embustes as asseverações do correspondencia a que respondo, em acatamento sómente a opinião publica que prezo e respeito.

Tem-se em vista dest'arte prevenir contra mim o juizo dos tribunaes, e do publico em uma causa tão melindrosa e delicada como essa de liberdade e direitos hereditarios.

Releva tambem notar uma outra repugnante inverosimilhança, que se encontra no celebre testamento que se vê publicado, a qual se refere ao nome de minha senhora, filha legitima e unica do figurado testador, que chamando-se desde a infancia —Candida Esmeraldina Lucia Dantas, como se vê do documento numero 4, he ahi denominada—*Candida Guilhermina Francisca Dantas!*

He na verdade o cumulo do incrivel que um pai, em seu perfeito juizo, desconheça ou erre o nome de sua unica filha legitima!

Convém igualmente dizer em relação as cartas de liberdade publicadas em seu dito jornal, que não foram ellas talvez fabricadas no mesmo dia dos taes testamentos e creio antes que foram arranjadas depois. O que posso porém affirmar, e provado se acha em juizo por testemunhas, he que os escravos a que se referem, não tinham dellas conhecimento na época de minha chegada a casa de meu sogro, pois que perguntando eu a liberta Maria Francisca, vulgarmente conhecida per Tapúia, mãi dos sobre ditos escravos, se algumas cartas de liberdade existiam, foi-me respondido que apenas duas, uma della e outra de sua neta Alexandrina, as quaes me foram presentes e por mim respeitadas. Isso, que foi presenciado por diversas pessoas, he tanto verdade que logo depois de minha chegada o pardo Antonio procurou-me para libertar um desses escravos, o que fiz como disse, pela quantia de 600$000. Só alguns mezes depois, quando já eu havia vendido as escravas Florinda e Thereza, foi que me chegou a noticia que haviam essas cartas de liberdade lançadas nas notas da villa da Independencia, e tratei então de tirar certidão, e propuz a competente acção de escravidão. Esse facto que affirmo igualmente se comprova pela circumstancia de haverem taes escravas procurado a diversas pessoas para as comprar, como tambem provei em juizo.

Agora, senhores redactores, cumpre-me comfessar igualmente em homenagem a verdade, uma arguição, que nessa correspondencia se me faz, bem que um tanto desnaturado o facto. Quero fallar da circumstancia, que se refere, de haver eu inutilisado esse supposto testamento cerrado, que me foi confiado na qualidade de terceiro testamenteiro ahi nomeado, e o qual de facto inutilisei em um assomo de inconsiderada indignação por ver a maneira indigna, e fraudulenta, com que esse padre e seu complice procuravam levar avante o plano immoral de prejudicar-me, e apoderar-se de parte da herança de meu sogro.

Creei assim uma difficuldade, que reconheço, e de que me arrependo, pois que não era essa peça mais do que a reproducção das mesmas falsidades do testamento nuncupativo, eivado de iguaes nullidades, como está provado em juizo pelos depoimentos das mesmas testemunhas, que nelle figuravam.

No entanto direi por demais que não tenho interesse importante em contestar aos escravos, de que se trata, essa supposta perfilhação, que para elles se pretende; pois que sendo eu credor de meu finado sogro de quantia maior de nove contos de reis, que por elle paguei a Domingos Paes Botão, e a outros credores, e que com os competentes juros absorve quasi todo o monte; não he o receio de perder grande parte de sua herança o que me leva a contestar essa pretenção illegitima, pois que deduzido o meu pagamento pouco ou quasi nada viria a restar para os novos, e pretendidos herdeiros. He pois principalmente a consciencia do meu direito, e não o interesse, o que me induz a sustentar a nullidade de taes disposições. E isto ainda mais se comprova com a maneira cavalleira, e generosa, com que sempre me portei a tudo quando dizia respeito á pessoa, e bens do casal de meu finado sogro, pois tendo fallecido minha sogra, como fica demonstrado, em 1842, e fallecendo meu sogro em abril do anno passado, nunca soffreu de mim a menor opposição ao pleno gozo de todos os bens do casal, que deveriam ser partilhados comigo, como unico herdeiro. Assim procedi sempre para com elle, mantendo ainda depois de seu passamento a melhor disposição para respeitar, e sustentar todas as suas disposições de ultima vontade, se verdadeiras e legitimas fossem.

Concluirei, senhores redactores, declarando que faço o melhor conceito da justiça, que domina na comarca de Goianna, e que não attribuo absolutamente nenhuma parte de má fé, ou de fraude as pessoas illustradas, que hoje protegem o escravo Filippe, e seus parceiros. Esse manejo he parto, e monopolio somente do padre Diogo e seu, ocorreo o advogado José Carlos.

Queiram, Srs. redactores, publicar estas linhas em desaggravo de minha reputação offendida, com o que obrigaram ao seu assignante

Manoel Salustiano de Medeiros.

DOCUMENTOS.

N. 1.—Diz Manoel Salustiano de Medeiros, que se lhe faz preciso que V. S. revendo o livro de obitos desta freguezia, lhe dê por certidão o theor do

FOLHETIM.

O CAMINHO DO DEVER.(*)

Por A. de Bernard.

CAPITULO DECIMO SETIMO.

« *Me voulez vous faire entendant*
« *De vecies que ce sont lanternes?* »
(Farça de Pathelin.)

(Continuação.)

Mr. de Saulieu approximou-se vivamente de Rigaud. Sua curiosidade estava novamente despertada, e elle perguntava a si mesmo se com effeito Rigaud possuia o segredo desses hieroglyphos, que elle não tinha podido ainda explicar inteiramente.

— Vejamos sua interpretação, disse o archeologo; o senhor já ouvio a minha, quando a expoz a Mr. de Chavilly; mas prometto-lhe que, se a sua me parecer sufficiente, a citarei na minha grande obra, tendo o cuidado, bem entendido, de deixar-lhe toda a honra.

— Sua proposta, Saulieu, me lisongea infinitamente: mas não posso aceita-la.

— Porque então? Entre nós devem haver essas reticencias? A sciencia he um terreno neutro, onde podem encontrar-se todos os bons espiritos.

— Não, eu temeria destruir-lhe ainda algumas illusões, disse o critico com o tom de quem quer ser rogado.

— Não tenha esse cuidado, pois bem sabe que não sou homem de systema. Se com effeito tem uma boa explicação que dar-me destas figuras, não hesitarei em abraçar sua opinião, assim como não hesitei em reconhecer que Ostreval datava sómente do seculo XIV.

— Sim; mas o caso he muito differente: quanto a Ostreval o senhor tinha titulos authenticos.

— Sim, authenticos, e cujo autor me he conhecido.

— Porém agora só terá minha interpretação simples e natural.

— Mas cujo autor me será igualmente conhecido.

— Que quer elle dizer com seu autor conhecido? murmurou Rigaud impacientado. Creio que desta vez he elle que zomba de mim.

Rigaud não estava longe da verdade; mas tinha picado vivamente a curiosidade de Mr. de Saulieu, e este não era homem que largasse assim a isca que mordêra.

— Oh! tornou o archeologo, quer que façamos uma troca?

— Qual? a de que ja me tem fallado, de seu pretendido quadro de Hemling pelo meu manuscripto do *Historial* de Vicente de Beauvais?

— Não; trata-se agora de uma troca intellectual. O senhor me dará sua explicação destas figuras mysticas, e eu lhe direi o nome do grande calligrapho, autor dos titulos sobre Ostreval.

Rigaud coçou a orelha. Bem que sua memoria, por mais que elle podesse interroga-la, não lhe recordasse uma circumstancia da vida de Mr. de Saulieu, em que este houvesse feito uso da figura de rhetorica chamada ironia, parecia-lhe entrever atravez da fleugma do archeologo uma certa intenção maligna. Todavia tranquillisou-se pensando que Gastão não o tinha trahido, e que além disso Mr. de Saulieu deixava-se muitas vezes enganar pelas suas proprias hypotheses, e respondeu depois de um instante de silencio:

— Aceito; mas que será de sua pobre sala de justiça?

— Então sua interpretação obrigaria a pôr em duvida o destino desta sala? perguntou o castellão em tom cheio de anciedade.

— Receio que sim.

— E minha affiliação dos barões de Valois com os Francs-Juges da Allemanha?...

— São sonhos que se dissiparão brevemente.

— Oh! Veremos. Felizmente tudo o que sahe de sua bocca, meu charo, não he palavra do evangelho.

— Assim como seus systemas não são dogmas de fé.

— Nunca aventurei um systema sem estar certo delle, e ter-me rodeado de monumentos e de provas irrecusaveis.

— Sirvam de testemunhas as torres quadradas de Valois, e a classificação hyerarchica dos campanarios.

— O senhor anda sempre censurando minhas torres quadradas e meus campanarios, e para dizer-lhe a verdade não estou convencido de ter errado nessas graves questões; mas deixemos o passado e tratemos do presente. Agora convem saber como me provará que esta admiravel crypta não he uma sala de justiça.

— Conviria talvez que o senhor nos demonstrasse primeiramente que ella teve outr'ora esse destino; mas admitto que essa demonstração tenha sido feita, meu charo Saulieu, com a clareza, lucidez e perspicacia...

— Deixemos as minhas qualidades.

— Sim, posto que confesse que custa-me muito não dar-lhe diante deste joven adepto de nossa sciencia os louvores que lhe são legitimamente devidos. Admitto que aquillo que lhe agrada chamar bancos sejam bancos, que esta mesa de pedra seja uma tribuna, que estes hieroglyphos sejam caracteres mysteriosos de uma lingua symbolica, que este circulo...

— Oh! interrompeu Mr. de Saulieu, que durante essa enumeração ironica difficilmente contivera sua impaciencia, tudo isso já foi dito.

— Sabe a geometria, Mr. de Chavilly? perguntou Rigaud dirigindo-se repentinamente a Gastão.

— Sei quanto basta para comprehender as demonstrações que o senhor vai provavelmente dar-nos, respondeu o mancebo.

— Então, meu amigo, facil lhe será reconhecer nestas figuras um desenho da abobada suspensa sobre nossas cabeças.

— Que diz? que diz? exclamou o archeologo tomando vivamente a tocha das mãos de Gastão e approximando-a da parede. O que he que o senhor chama um desenho?

— Ou, se julga melhor, meu charo Saulieu, uma projecção horisontal das differentes pedras de que se compõe os arcos desta abobada.

— Ah! eu quizera ver isso!

— Nada he mais simples: este circulo inscripto em um quadrado, que o senhor toma pelo symbolo da justiça occulta do tribunal secreto, he sem nenhuma duvida a projecção da chave da abobada. Suas duas tangentes são os dous lados da figura, e esta elypse inscripta em um parallelogramo rectangulo não he outra cousa senão a parte superior da chave: tem mais extensão que largura, porque a abobada tambem he menos larga do que longa. Comprehende-me bem, Mr. de Chavilly?

— Perfeitamente, respondeu o mancebo.

Mr. de Saulieu mordeu os beiços até verterem sangue, e disse com voz singularmente tremula:

— Muito bem, muito bem; mas o senhor nada me disse deste triangulo, emblema da justiça divina.

— Emblema material deste ultimo fecho da abobada.

— E estas figuras diversas misturadas?

— Emblemas igualmente materiaes das pedras de côrte mui complicado, que formam os primeiros fechos destes arcos.

— E... e... e... estes...

O archeologo balbuciava, e não sabia mais que dissesse; porém despertando-se-lhe repentinamente as lembranças, tornou:

— Ah! meu sabio geometra, apanhei-o agora, sua geometria falhou. O senhor fallou-me de projecção horisontal, ora esta parede não he horisontal, parece-me que he vertical. Que diz do argumento?

— Acho-o miseravel, respondeu Rigaud com negligencia.

— Miseravel!

— Sim, miseravel. Julga então que esse desenho foi feito sobre a parede? Foi traçado pela mão do apparelhador sobre as pedras que serviram depois para construir a parede. Isso tem acontecido muitas vezes.

— Mas... mas... balbuciou o archeologo exasperado, que me dirá destes bancos, desta tribuna, destas argolas?

— Estas argolas! O senhor as achará em quasi todas as chaves de abobadas das salas baixas nos castellos fortes. Ellas não eram destinadas a um uso particular, tanto podiam servir para sustentar alampadas, como para enforcar homens.

— Enforcar homens! exclamou Mr. de Saulieu tomando essa palavra como uma confissão; enforcar homens! Sala de justiça!... Tem razão... o senhor volta ao meu systema.

— Não se apresse tanto, meu charo Saulieu, espere que eu saia delle para não voltar mais. He pouco provavel que se fizesse descer condemnados aqui para serem enforcados. Faltavam por ventura argolas nas salas superiores? Faltavam arvores, pelourinhos, ameias? Quanto a esses bancos, quer saber de que serviam?

— Sim, sim, tenho curiosidade de sabê-lo...

— Pois bem, seja satisfeita a sua curiosidade. Mr. de Chavilly, quer ter a bondade de allumiar-nos?

Gastão prestou-se ao capricho do critico, e todos tres andaram ceremoniosamente em torno da sala. O mancebo precedia-os com a tocha, Rigaud ia após delle medindo com a bengala as pedras que formavam os bancos, e Mr. de Saulieu seguia-o observando sem comprehender a manobra de seu antagonista.

— Então, disse este, que vê?

— Oh! vejo... nada vejo.

— O senhor não he perspicaz, meu charo, para um futuro candidato á Academia das Inscripções. Que! não vê que cada pedra he cortada, e separada da seguinte por uma junta larga como a metade de sua mão?

— Que mais?

— Que mais! Meça todas as pedras e dar-lhe-hei por nada o meu *Historial* se não achar em todas exactamente o mesmo comprimento, o comprimento do corpo humano.

— Que mais?

— Que mais! Acrescento ao meu *Historial* o meu *Bestiaire* do seculo XIII, se não descobrir sobre estas pedras vestigios de inscripções gravadas, meio apagadas.

— Que mais?

— Que mais! Acrescento ao meu *Bestiaire* e ao meu *Historial* a menina de meus olhos, minha collecção completa dos Aldes, assim como todas as minhas gravuras de Alberto Durer...

— Albrecht Durer, interrompeu friamente o archeologo.

— Sim, Albrecht Durer, se essas inscripções não revelarem a todos os olhos exercitados, que estas pedras que o senhor chama bancos, não são outra cousa senão lousas.

— Que mais?

— Que mais! Ah! meu charo, o senhor pede muito, nada mais tenho que offerecer-lhe do que meu pobre cadaver, e se não quer encher com elle alguma destas catacumbas, que os seculos tornaram vasias, não sei o que poderá fazer dellas.

Este gracejo excitou o riso de Mr. de Chavilly; mas o archeologo impassivel não ria, encarava imperturbavelmente a Rigaud, e parecia esperar uma resposta mais séria ao seu ultimo « Que mais. » Porém como este guardava o silencio, Mr. de Saulieu tornou:

— Que prova tudo isso?

— Que prova tudo isso? Prova que seus pretendidos bancos são sepulturas...

— E esta tribuna? interrompeu o sabio.

— Essa tribuna não he outra cousa senão um antigo altar, e o que o senhor toma por sala de justiça he uma sala de catacumbas, como eu tinha razão de dizer no principio desta conversação. He verdade que a esse titulo ella póde ser chamada crypta.

Mr. de Saulieu esfregava a fronte, e procurava recolher suas idéas, que começavam a perturbar-se á vista das explicações tão claras do critico.

— Mas.... mas, tornou elle com hesitação, não póde ser que se tenham feito bancos com antigas lousas, suppondo que estas pedras tenham tido o destino que o senhor lhes suppõe?

— Ainda duvida, meu amigo? disse Rigaud, o qual tinha-se assentado sobre uma das sepulturas, e raspava-lhe a superficie com a faca. Veja isto; reconhece caracteres do seculo XIII?

— Ao menos assim o parecem.

— Quer ajudar-me a levantar esta pedra para certificarmo-nos pelos nossos proprios olhos, de que ella cobre uma sepultura?

Foram buscar o instrumento de ferro depositado

(*) Vide o *Diario* n. 289.

ILEGÍVEL

assento que se fez por fallecimento de minha finada sogra D. Joanna Francisca Dantas. Pede a V. Rvm. Illm. Sr. vigario lhe defira na forma requerida.—E.—R.—Mc.

Certifico que revendo o livro de obitos, de que trata o requerimento o achei o assento, que he do theorseguinte a folhas 176 :

Aos 14 dias do mez de fevereiro de 1842, nesta matriz de grades á cima foi sepultada a adulta D. Joanna Francisca Dantas, branca, de idade de 72 annos pouco mais ou menos, mulher que foi do capitão Antonio Dantas Correia, morador na Linda Flôr desta freguezia, envolta em habito preto, encommendada por mim, confessada, foi sua morte uma hydropizia, de que para constar fiz este termo em que me assigno.

E nada mais se continha em dito assento, que bem o copiei do proprio livro, e vai sem cousa que duvida faça. Em fé de parocho.

Villa do Pilar 9 de dezembro de 1854.—O vigario, *Jeronymo de Brito Bezerra.*

N. 2.—Illm. Sr. Cyro Diocleciano Ribeiro Pessoa.—Pilar 12 de dezembro de 1854.—Desejo merecer á V. S. o favor de attestar ao pé desta, se na época em que esteve V. S. ensinando a ler alguns meninos meus, em casa de meu sogro o capitão Antonio Dantas Correa, em Linda Flôr, tambem ensinava a um escravinho deste, de nome Filippe ; em que anno teve lugar esse ensino, se sabe que o escravinho Filippe era filho da escrava Maria, conhecida vulgarmente por Tapuia, que idade poderia elle ter nesse tempo ; e se então ainda vivia ou não minha sogra Joanna Francisca Dantas : com o que muito obrigará a quem he de V. S. muito respeitador e attento servo. *Manoel Salustiano de Medeiros.*

Illm. Sr. Manoel Salustiano de Medeiros.—Satisfazendo ao que pede-me V. S. em sua carta, respondo que estive na Linda Flor, em casa do capitão, Antonio Dantas Correa, ensinando a ler aos filhos da V. S. no anno de 1841 ; e que nessa occasião tambem ensinava ao cabrinha Filippe, que poderia ter de idade 7 annos, escravo do dito capitão Antonio Dantas,segundo elle mesmo me dizia ser filho de sua escrava Maria, vulgarmente conhecida por Tapuia. Estou ainda muito lembrado da Illm.ª Sr.ª D. Joanna, sogra de V. S., que naquella época ainda era viva. Isso que attesto á V. S. jurarei se preciso for.

Prézo-me em ser de V. S. muito respeitador e attencioso criado, *Cyro Diocleciano Ribeiro Pessoa.*

Pedras de Fogo 12 de dezembro de 1854.

N. 3.—Diz Manoel Salustiano de Medeiros, que á bem seu, precisa que V. S. á vista do livro de obitos desta freguezia, lhe dê por certidão o theor do assento que se fez por fallecimento do capitão Antonio Dantas Correa. Pede á V. S. Illm. Sr. vigario lhe dê a certidão pedida.—E—R.—Mc.

Certifico que revendo os livros dos assentos dos mortos desta freguezia, em um delles a fl. 20 achei o assento de que trata o requerimento, e he do theor seguinte :

Aos 29 de abril de 1853 falleceu da vida presente e foi sepultado aos 30 do dito mez, de grades á cima nesta matriz do Pilar Antonio Dantas Correa, branco de idade de 73 annos, viuvo, morreu de estupor, envolto em habito preto, de que para constar mandei fazer este assento em que assignei.

E nada mais se continha em dito assento, que fielmente copiei do proprio livro, e vai sem cousa que faça duvida. Em fé de parocho.

Villa do Pilar 9 de dezembro de 1854.—O vigario *Jeronymo de Brito Bezerra.*

Diz Manoel Salustiano de Medeiros, que se lhe faz preciso, que V. Rvm.ª á vista do livro dos assentos de casamento, lhe dê por certidão o theor do assento do casamento do supplicante com sua mulher D. Candida Esmeraldina Lucia Dantas.

Pede a V. Rvmª Illm. Sr. vigario lhe dê a certidão requerida.—E R. M.

Certifico que revendo os livros que servem nesta matriz para o assento de casamentos, em um delles a folhas 116, achei o assento de que trata o requerimento, e he do theor seguinte :

Ao primeiro dia do mez de fevereiro de 1831, pelas 10 horas do dia, no oratorio da casa de residencia do capitão Antonio Dantas Corrêa, feitas as denunciações *juxt. trid*,nesta onde a contrahente he natural, e moradora, e o contrahente natural, e morador na freguezia do Caicó, sem impedimento algum, depois de dispensado no impedimento do parentesco em minha presença, e das testemunhas Zeferino Gomes de Araujo e Vicente Couto de Oliveira, casados e moradores na freguezia de San Joaquim de Larangeiras, se casaram por palavras solemnes em face da igreja Manoel Salustiano de Medeiros, filho legitimo do sargento-mór Pedro Paulo de Medeiros e sua mulher D. Maria Renovata de Medeiros, e Candida Esmeraldina Lucia Dantas, filha legitima do capitão Antonio Dantas Corrêa e sua mulher Joanna Francisca Dantes, e lhes deu as benções conforme os ritos e ceremonias da Santa Madre Igreja Catholica Romana, e para constar mandei fazer este assento, que assignei, o padre José Francisco Muniz de Medeiros, vigario interino.

E nada mais se continha em dito assento que bem e fielmente o copiei do proprio livro, e vai sem cousa que duvida faça, em fé de parocho.

Villa do Pilar 11 de dezembro de 1854. — O vigario, *Jeronymo de Brito Bezerra.*

Instrumento de publica forma de uma carta do theor abaixo declarado.

Saibam quantos este publico instrumento de publica forma de uma carta virem, que sendo no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1854, aos 19 dias do mez de agosto do dito anno, nesta villa do Ingá comarca e provincia da Parahiba do Norte, em meu cartorio appareceu o tenente-coronel Manoel Salustiano de Medeiros, e apresentou-me a carta que adiante se segue, pedindo-me que lh'a passasse em publica forma, a qual aceitei por se achar sem vicio algum e nem cousa que duvida faça, e o seu theor he da forma e maneira seguinte :

Illm. Sr. padre Diogo de Barros Araujo.— Cheguei nesta sua casa neste momento (meio dia), sem novidade, desejando assás, que o senhor doente, na marcha em que ia para a melhora, e sem descrepar até seu restabelecimento. Depois de achar-me aqui foi que abri ou descobri o papel que Vmc. entregou-me na occasião de minha sahida, e deparei com 40$ rs. em 3 notas ! Com effeito, fiquei pasmo de ver como se pretendia gratificar os serviços tão exorbitantes que ahi prestei. Meu amigo,consinta que lhe diga, que se tenho usado da incivilidade de ter logo ahi desdobrado o dito papel, não teria de forma nenhuma aceitado tal quantia, pois antes prefiro prestar-me nesses casos gratuitamente, do que rebaixar-me tão indignamente.Senhor padre, quem faz de tutor faz de senhor : quem chama alguem para trabalhar, inda que seja em serviço alheio, está responsavel pelo soldo justamente ganho, e quem não quer sugeitar-se a isso, deixa de tomar voluntariamente essa tarefa de chamar aos trabalhadores sem previo ajuste. E como este não tivesse precedido, cumpria-lhe ao menos consultar a opinião dos assistentes como fez com o senhor tabellião. Mas como nem uma cousa nem outra, se tivesse praticado, entendo que não devo ficar com a forquilha ; e com a licença devida, digo ao senhor padre, que se tivesse precedido ajuste, eu só iria por 100$000 rs. Mas como pelas circumstancias do caso não houve lugar desse ajuste, eu não posso admittir os 40$000 rs., e somente aceitarei no todo 80$000 rs., isto he, mais outros 40$000 rs. para preencher os 80$000 rs. e qualquer demora na remessa, me fará crer na sua recusa a minha proposição ; e neste caso considero-me mero depositario dos 40$000 rs. que trouxe. Creio não dever estender-me mais, pois que ninguem melhor que Vmc.. póde saber como taes arranjos.... bem me entende. Não obstante isto, devo dizer-lhe, que sempre fico na mesma constancia para cumprir os seus chamados nesses casos, e mais todas as vezes que de mim precisar. Tenha a bondade de recommendar-me ao nosso excellentissimo amigo, o Sr. Armindo Cesar.

Sou de Vmc. amigo, venerador obrigado. — *José Carlos de São Pedro.* Sua casa 27 de abril de 1853.

Reconheço ser verdadeira a lettra e firma supra do proprio, por ter della inteiro conhecimento. Villa do Ingá 21 de maio de 1853. Em testemunho de verdade.—O tabellião publico, *Benicio José de Torres.*

E mais se não continha em dita carta que me foi apresentada, que eu tabellião adiante declarado e assignado, bem e fielmente trasladei do proprio original a que me reporto, vai sem cousa que duvida faça, escripta por mim e assignada, nesta sobredita villa do Ingá aos 19 dias do mez de agosto do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1854. Em testemunho de verdade. —*Benicio José de Torres.* — O tabellião publico, *Benicio José de Torres.*

PUBLICACAÕ A PEDIDO.

A SOBERANA DO BAILE.

Toda a terra ame aos céos em seus prodigios,
Adore o Creador na creatura.
(A. P. Maciel Monteiro.)

Em meu coração puro ergui-te altares.
(J. T. Canuto de Forjo'.)

D'entre tantas e mimosas donzellas
Só de uma meu amor se dimana.
Exulta em extasis meu coração
Só ella de todas foi SOBERANA.

O seu olhar expressivo e tocante
Arrebata, extasia, m'enlouquece :
A sua voz, ó meu Deos, qu'harmonia!
Prende-me, fere-me, e não s'abastece.

O seu porte gentil, engraçado,
A que Venus somente imitara,
Com magico encanto attrahe
Amor, que jámais se votára.

Mais alvas que candida e lind'açucena
Trazia as vestes de flores ornadas ;
E as flores mil tão claras, tão bellas
Realçar mui poderam de fitas orladas.

No aprasivel dansar, modesta volvendo,
Ondear fazia o setim puro e fino :
E com enleio tal asinha voltando,
Captivando a todos, entornava-lhes tino.

De perfumados cravos e gratas florinhas,
Provido com graça guiava o *bouquet*.
No arroubo do pasmo chamei-lhe—deusa—
Que a linda deusa mais linda não he.

. . . .

Eu que a vi tão lhana,
Ser tambem soberana,
Como o bello serafim,
Todos rendiam-lhe culto,
Não servindo-o d'insulto
A's outras não bellas assim :

Que arrastava garbosa,
Porém mui vergonhosa,
A turba de joveus mil,
Que humilde a cercava,
E canções lhe offertava,
Mas simples e sem ardil :

Que a todos retribuia
Com um riso, que se via
Por entre doce enlevo:
E ella tão magestosa
Tão pura e tão formosa,
Confessar agora devo.

Quem esquivança faria
Ao poder qu'ella nutria ;
Poder que eu não resisti....
E pela graça radiante
De seu lindo almo semblante,
Captivo eu logo me vi.

Ella só quem dominava
Com seu brilho, que pasmava,
Toda a turba fervorosa :
De toda festa esplendor
Foi ella, que com fulgor
Deixou-a muito amorosa.

E sua perfeição, pois, não indicara
De creatura ser assim humana.
Ella a tudo, a todas excede,
Ella só.... Ella só a SOBERANA.

F. E.

LITTERATURA.

O RAMADAN.

(*Conclusão.*)

Depois que em nome da moral publica as cantoras e dansarinas desappareceram dos cafés, a orchestra, composta quasi sempre de um velho tocador de rabeca entre os joelhos de um judeu arranhador de cythra e de um tocador de derbuca ou tamboril, está reduzida ás canções vindas do *Times*, aos poemas de amor sensual, e ás lamentações que pintam os tormentos, repertorio que ella canta com voz fanhosa » qual misturam-se muitas vezes sons discordantes e agudos.

Os indigenas todavia enchem os botequins mouros: elles ahi jogam as damas e o xadrez bebendo o café « essa bebida dos amigos de Deos, esse vinho a quem nenhum cuidado póde resistir, essa fonte de saude que tem o cheiro do musgo e a côr da tinta. » e o europeu recem-chegado sorprehende-se a escutar curiosamente a musica barbara que ahi retumba e a acalentar suas saudades com a fumaça de um cachimbo comprido. Algumas vezes arias de um rhythmo mais agudo, mais animado, impressionam-lhe os ouvidos: são arias de dansa. Parece que as almées (bailadeiras da India) vão apparecer ; a imaginação evoca-as mais os olhos dirigem-se de balde para o espaço em que essas filhas do prazer eram applaudidas ainda ha poucos annos e cobertas de moeda de prata e de ouro. Hoje he preciso ir procura-las nas N'bitas, quando o acesso dessas festas he possivel. He que ellas se encontram tão brilhantes como nos tempos passados, vestidas de uma simples camisa de filó de sêda com mangas fluctuanies, e de uma calça de pregas largas, tendo as cadeiras desenhadas por um cinto de franjas de ouro, a cabeça graciosamente toucada com um estofo de Tunis com riscas de ouro o qual retem um diadema de brilhantes, os cabellos entrançados semeados de sequins e flores de jasmim, o peito coberto de collares de perolas e diamantes sobre um seio descoberto, os braços e dedos carregados de aneis e braceletes.

Ao som dos instrumentos, uma dellas levanta-se com languidez ; durante alguns instantes, suas mãos indolentes agitam brandamente dous lenços de seda, seu corpo parece immovel debaixo das pregas do futa (1) de setim de listras, e apenas percebe-se o movimento de seus pés, cujos atilhos são ornados de fitas. A musica anima-se logo, o compasso torna-se mais vivo, mais arrebatador, o *yu yu* das mulheres cobertas de veo que inclinam-se nas galerias mistura-se com os estremecimentos e murmurios dos homens, a dansar na embriaga-se, occulta os olhos com os lenços que traz na mão, e tendo os pés fixos no mesmo lugar e o peito arquejante, não põe mais limites a flexibilidade e audacia de seus movimentos ; ella para emfim esgotada de fadiga, tendo o rosto, o peito e os braços, semeados de moedas de ouro e prata, para ser substituida por uma de suas companheiras. Estas scenas em que á realidade e o frenesi do prazer são levados a excesso, duram toda a noite ; nas tribus nós a temos visto reproduzidas por homens excitados pelo canto agudo do pifano e da gaita arabe ; ellas pertencem á infancia ou á velhice de uma nação e passado o primeiro sentimento de curiosidade, ninguem as pode contemplar muito tempo sem desgosto e sem tristeza.

Durante o Ramadan, as lojas e cafés permanecem abertos até uma hora da manhãa. Nesse momento, todos retiram-se para tornar a ultima refeição da noite, ou continuar no silencio e mysterio do lar domestico os prazeres a que um commentario complacente dos preceitos religiosos permittem-lhes entregar-se. No dia seguinte, a cidade indigena parece deserta : poucas lojas se abrem antes das onze horas; os mercados, os bazares são quasi abandonados. O musulmano repousa dos excessos ou da abstinencia da vespera, e abrevia pelo somno as peniveis horas do jejum. Não se encontram na rua senão os desgraçados obrigados, para viver, a trabalhar desde a aurora, os fieis que interesses urgentes chamam fora, os viajantes dispensades de jejuar, algumas negras immoveis junto do pão que vendem, e o judeo que em todo o tempo e por toda a parte vende sua industria e sua astucia. Pelo meio dia, a cidade torna a tomar uma physionomia accostumada ; os homens estão entregues a seus negocios e então he a vez das mulheres invadir os banhos mornos, dar esmolas e visitarem-se umas as outras ornadas, debaixo de veos brancos, de seus mais ricos vestidos.

Assim passa-se a vida dos indigenas durante o Ramadan : abstinencia durante o dia carnaval, ou cousa que o valha desde que o sol se põe até que o olho pode distinguir um fio branco de um fio preto. Assim ao contacto dos costumes se tem enfraquecido a tradicção religiosa,e o propheta poderia hoje accrescentar eloquentes maldições aos mil versetos que o Alcorão ja contem sobre o inferno promettido aos infieis.

Para os mussulmanos que observam o jejum escrupulosamente bem como para os que não o respeitão senão de dia e consagram a noite ao prazer comprehende-se que a fadiga seja grande e que o crescente da lua nova de *chanal* seja ardentemente desejado. O cadi verifica a sua apparição com a mesma solemnidade com que verifica a apparição da lua do Ramadan, e na mesma noite um tiro de peça annuncia aos fieis que o jejum está terminado.

Uma immensa acclamação derrama-se pela cidade em acção de graças. As mesquitas illuminadas toda a noite, enchem-se de crentes, e da meia noite até ás duas horas da manhãa, os muezzins não cessam de cantar o *adan* seguinte :

« Deos he grande. Vinde á oração. Só Deos he Deos e Mahomet seu propheta. Deos he grande. A oração he mais saudavel que o somno. »

Ha alguma cousa de terno e solemne nesse convite que retumba ao longe, e que da rua da Marinha sobe de torre em torre até ao cume da Kasbah. Não será o echo de uma religião e de uma nacionalidade que se extinguem ? Debaixo do céo asul da Alegria o contraste está por toda a parte. Ao lado da mesquita levanta-se a capella santa ; e se a voz do muezzin paira sobre a cidade franceza, tambem desperta o legitimo orgulho de grandes cousas consummadas á sombra da lei e da bandeira, a lembrança de gloriosas campanhas e o presentimento do futuro confiado á coragem de um exercito que « sabe obedecer e soffrer. (2) Logo que soa o *adan*, a multidão concorre á grande mesquita e permanece em oração desde a apparição do crepusculo da manhãa. » Então o muphiti sobe ao pulpito para agradecer a Deos: acabada sua predica, bache muezzin (3) apresenta o becal, pavilhão de seda verde amarello e encarnado, tendo em pala a espada de dous gumes do propheta sobre uma multidão de estrellas e de crescentes de prata, issado na torre depois da oração do fedger. A esse signal uma salva de 21 tiros de peça consagra o rompimento do jejum, e os assistentes, levando as mãos para o céo, recitam o fatcha sacramental. (4)

« Louvores a Deos, senhor do universo !

« O clemente, o misericordioso !

« Soberano no dia da retribuição !

« He a ti que adoramos, he a ti cujo soccorro imploramos : dirigi-nos no caminho recto.

« No caminho daquelles que tens cumulado de teus beneficios, e não daquelles que tem encorrido em tua colera, nem daquelles que se desgarram. »

De sua parte, as mulheres, ás quaes a mesquita he interdicta, acabam de preparar os bolos que no dia seguinte devem mandar de presente umas ás outras; mas não he isso senão uma parte de seus cuidados. Sentadas diante de um espelho de nacar, ellas introduzem o mirued (5) carregado de Keuh'l (6) entre as pestanas e impregnam delle as sobrancelhas desenhando o arco das mesmas com uma arte e casquilharia que dão-lhes aos olhos, os quaes o veo torna ainda maiores, um attractivo irresistivel e uma rara veracidade de brilho. Debaixo de seus dedos, o hennê soffre mil preparações variadas e caprichosas : umas ennegrecem com elle completamente os pes e mãos, outras não os estingem senão em parte ; estas desenham ahi especies de arabescos, aquellas não fazem senão avivar a cor rosada de suas unhas. A phantasia reina como soberana, torna-as escravas por uma noite, e seria um curioso espectaculo para um novo Asmodeo todas essas mãos e todos esses pes de mulheres adormecidas que esperam debaixo de suas fitinhas o effeito do hennê.

Logo que o canhão retumba toda a população, tendo ja renovado os vestidos de festa, espalha-se pela cidade. Por toda a parte he uma troca atroadora de longas e ceremoniosas felicitações, de visitas, de saudações, de beijos sobre o peito, sobre o hombro ou sôbre a mão, segundo a condição daquelles que se encontram, e de presentes desde o dom voluntario até á retribuição forçada que no canto de cada loja de barbeiro, exigem os meninos que inundam os passageiros com um frasco de essencia de rosa. Os personagens piedosos dão esmolias (7) consolam os doentes ou fazem uma perigrinação á sepultura de algum marabuto venerado.

As mulheres e meninos que por toda a parte tem em partilha as delicadezas do coração, vão aos cemiterios honrar a lembrança dos mortos. A rua, finalmente, he occupada por negros com suas bandeiras, seus tamtans, suas horrorosas castanholas de ferro e suas dansas nacionaes tão cheias de fogo e de selvagem originalidade.

A festa do rompimento do jejum, ou Aid-el-Seghir, (8) dura tres dias. He o Beiram celebrado com tanto esplendor e pompa em Constantinopla e Tunis. Resta apenas uma lembrança dessa ceremonia a que concorriam outr'ora os santos dignitarios da regencia, para beijar respeitosamente a mão do soberano ; as festas do interior da Kasbah, as esmolas distribuidas aos pobres, para os quaes abrem-se nesse dia as portas confiadas á guarda dos negros, os exercicios militares a que o dey assistia do alto desse pavilhão tornado tão celebre, não vivem mais que na memoria de alguns Turcos velhos, e o pache-palanen (9), que dirigia o guerrach foi morrer como valente soldado, na planicie de Staueli. Sua arte, todavia não extinguio-se com elle. Mouros conservam ainda as tradições della, e no dia das grandes solemnidades, apparecem com o corpo nu, a cabeça raspada, os olhos cheios de fogo, e lembram em um combate sabiamente regulado os faustos e heroes das lutas antigas.

Mas o prazer ardentemente amado do Arabe, o jogo que he ao mesmo tempo sua alegria e seu orgulho, que viverá em quanto elle tiver um cavallo e uma espingarda, he o jogo da polvora, o simulacro de seus combates, he a phantasia. Alguns dias antes do Aid-el-Seghir, os cavalleiros chegam da cidade. Em torno das grandes barracas dos kalifaz, dos agals e dos cahids collocam-se barracas de todas as formas e de todas as cores: negros, servos numerosos estendem no chão tapetes de Smyrna, coxins bordados de ouro, embaração magnificos cavallos. e cobrem-nos de mantas brilhantes. O campo forma logo um vasto circulo no qual se revela, como por encantamento, a vida arabe em toda sua simplicidade e encanto solemne. Eu não imagino ao pôr do sol uma scena mais arrebatadora. A alegria ahi está toda inteira encerrada entre o mar e a cidade, tendo por horisonte os cimos do Atlas coloridos dessa bella cor azul e roxa tão familiar aos pintores do Oriente. Aos mil ruidos da tarde misturam-se o canto dos Arabes, os rinchos dos cavallos presos em longas fileiras nas cordas estendidas de uma extremidade do campo á outra, os estallos das fogueiras nas quaes assam-se carneiros inteiros, os gritos dos camellos que levantam suas cabeças calmas e resignadas acima das barracas, e de quando em quando os sons selvagens da gaita que repete sua monotona canção. As horas passam-se em contemplar esse espectaculo. Pouco a pouco todos os ruidos fundem-se em um sussurro surdo e indeciso : a noite cahe, e a suave paisagem extingue-se, deixando ao pensamento a indizivel impressão de sua magestade e de sua melancolia.

No dia seguinte o campo acorda para correr á festa. Aos sons retumbantes das gaitas e dos tamtans, á vista das bandeiras que desenrolam-se em frente do acampamento, os cavallos batem a terra com impaciencia e os camellos levantam gemendo os ataliches debaixo de cujas dobras occultam-se as mulheres do Sahara. Cobertos de ricos vestidos, armado de um longo fuzil encrustado de prata e coral, levando á cinta uma partazana e pistolas, e tendo a cabeça coberta com um immenso chapéo de pennas de avestruz, o Arabe sente subir-lhe ao coração e ao rosto trigueiro o ardor dos instinctos bellicos. O primeiro tiro embriaga-o. Levantando o grito de guerra, elle lança-se com a redea nos dentes, em pé sobre os estribos e volta ao acampamento depois de ter descarregado sua arma no meio da curra concentrica que descreve. Umas vezes passa tão veloz como o raio, brincando com a espinganda como Auriol com suas balas de cobre, ou levando-a em equilibrio sobre a cabeça ao passo que dispara suas pistolas ou brande a espada ; outras vezes, faz parar sobre os jarreitos de aço o cavallo que corre a redea solta, levanta-o dos quatro pes e sustentando-o com sua mão poderosa o faz andar muito tempo sobre os pés de detraz. O Arabe nasce cavalleiro : elle reparte com seu cavallo a barraca que o abriga ; faz delle a paixão de sua vida, o companheiro de sua gloria e de seus revezes ; mas tambem que nobre e generoso animal ! affagado pelos meninos, nutrido pelas mulheres, deve-lhes sua intelligencia, sua docilidadde e a casquilharia com que traz sua manta brilhante parte azul parte encarnada, cujos sonoros cascaveis faz retinir saltando, sua sella de velludo encarnado bordada de ouro e sua bride ornada de crescentes, de amuletos e de taleigos, contendo sua genealogia. Ardente e impetuoso como seu senhor, elle estremece ao som dos tamtans ; os olhos brilham-lhe, as ventas inflammam-se á vista de uma espingarda, e elle lança-se cego no conflicto não sentindo outra cousa que a vontade que o guia.

Não se pode pintar com palavras as scenas diversas de phantasia, os grupos admiraveis de pittoresco de riqueza e de trages que succedem-se e comprimem-se debaixo dos olhos. Importa ouvir esses clamores confusos, esses selvagens gritos de guerra; importa sentir o cheiro da polvora, embriagar-se de sua fumaça. Importa ver no meio do pó luminoso que elles levantam esses ousados cavalleiros, cujo haik fluctua ao vento, precipitarem-se sobre os palanquins que contem as mulheres, tornarem a formar-se em ordem á voz dos chefes e carregarem para deixa-los nas fileiras inimigas, soldados de infantaria pendentes da sella ou da cauda dos cavallos. O combate está em toda a parte. Aqui, são conflictos de atiradores; alli cargas de cavallaria por massas numerosas e apertadas sulcam o campo de manobres. Os camellos espantados torvelinham no circulo que os encerra ; ao estrondo da fusilada responde o grito estridente das mulheres. O ardor e esforços da luta concentram-se sobre os ataliches, cujas cortinas ellas entre-abrem, e mais de um Arabe animado do desejo de agradar, faz prodigios de valor. Vinte vezes tomados e retomados, os palanquins permanecem por fim em poder de seus defensores. Essa razzia simulada nas portas de Alger, a guerreira, produz sobre o espirito uma grande impressão e o coração bate mais de uma vez ás lembranças gloriosas que ella desperta.

O brilho do sol, os tambores que rufum quando passa o governador com seu brilhante estado maior, o canhão que troveja, as musicas militares que se misturam com a musica arabe, o povo vencido confundido com o povo vencedor, o movimento da multidão na qual se apresentam todos os trages da Europa e todas as raças da Algeria—o Biskri, o Mozabita, o Laghuati armado do enorme bacamarte com o qual acaba de simular os combates do Sahara, o negro de formas atleticas, o Arabe trazendo orgulhosamente a corda do camello e o capote, o Mouro coberto de ricos vestidos, o Kabilla de cor trigueira, o Marroquino vestido com a saia listrada, o Judeu esquecendo debaixo de bonet do Europeu a servidão que tanto tempo pesou sobre sua raça, e atravessando mysteriosamente pelo meio dessa multidão, mulheres cobertas de véo seguidas de suas regras e de bellos meninos; tudo, até mesmo o andar doutoral e a sandalha amarella e pontuada dos cadis e muphtis, excita a curiosidade e mantem a imaginação despertada.

Dirijam-se os olhos tambem sobre a cidade, cujas alvas casas levantam-se por massas irregulares desde a Marenha até a Kasbah, na enseada que lembra a bahia de Napoles e cujo horisonte esplendido está innundado de luzes, e depois sobre as colinas que ella banha com suas ondas e cujas numerosas casas de campo resahem sobre um verde de esmeralda e o espectaculo se completará por uma das mais deslumbradoras perspectivas que a natureza creou nas margens do Mediterraneo.

He no meio dessas festas e desses encantamentos que se termina o Ramadan. Uma não tem variado ha seculos por serem fundadas sobre os instinctos do povo arabe e sobre as tradições de familia ; a outra se tem modificado successiva e profundamente ao contacto do tempo e dos costumes. Já o propheta antes de morrer tinha reparado na repugnancia extrema dos Arabes ao jejum e tinha adoçado singularmente a pratica e fervor primitivos do mesmo abrindo uma porta aos descansos, as esmolas e as penas expiatorias. A influencia de nossas idéas tem feito mais: tem elevado o mussulmano á liberdade de consciencia, e se elle se faz arrastar á mahakma do cadi, he menos sua impiedade do que sua devassidão que he punida pelo magistrado.

(*Moniteur.*)

(1) O futa he um pedaço de panno que as mulheres trazem preso nas cadeiras e que desce até aos pés.

(2) Palavras do duque de Isle.

(3) Cheje dos muezzins.

(4) He a invocação que forma o 1º capitulo do Alcorão.

(5) Pincel de pão polido ou de prata.

(6) Tinta preta.

(7) A esmola he principalmente nesses dias um dever para os mussulmanos. Ella he feita por grandes e pequenos.

(8) Ou pequena festa por contraposição á das immolações que lembra o sacrificio de Abraham, e que he a grande festa dos mussulmanos.

(9) Chefe dos lutadores, era ao mesmo tempo o porta estandarte da milicia turca.

Mahomet e o Alcorão.

(*Conclusão.*)

Morrer como soberano e como propheta, tal foi, durante os quinze dias que durou a sua molestia, o constante pensamento de Mahomed. Elle manteve até ao fim a grandeza deste duplice papel. Deu ordens para uma expedição para a Syria, e para a repressão de uma revolta no Yemen. Edificou os Mussulmanos pela sua humildade, porque dirigindo-se á mesquita apoiado nos braços de Ali e de outro fiel, fallou-lhes assim : « O' Mussulmanos ! se flagelei um só de entre vós, eis-aqui as minhas costas, elle pode bater ; se infamei a sua reputação, pode maldizer da minha ; se fiz-lhe alguma affronta, trate-me do mesmo modo ; se pedi-lhe algum dinheiro injustamente, eis-aqui a minha bolça. Ninguem tenha receios dos meus resentimentos, a injustiça não he propria do meu caracter. Quando elle acabou de fallar, um homem apresentou-se, reclamando tres drachmas que lhe eram devidas. Ellas lhe foram restituidas pelo propheta com muito interesse. Depois passando a tratar de cousas mais altas, voltou-se para os Ansarienses, seus defensores tão fieis, e disse-lhes : « Expelli todos os idolatras da peninsula d'Arabia; concedei a todos os novos convertidos os direitos de que gozam os Mussulmanos, e não desprezeis jámais a oração. » Estas palavras supremas permaneceram como um preceito sagrado para os Mussulmanos.

Quando suas forças não permittiram-lhe mais que se dirigisse a mesquita. Mahomet cercado de sua familia, deu-lhe instrucções sobre o seu funeral, e recommendou-lhes que não deixassem escapar nem queixas nem gemidos. « Eu vos dou a paz, disse elle aos seus, e rogo-vos que a peçais em meu nome para todos os meus companheiros ausentes. Elle não perdeu senão por um só momento esta doce serenidade, quando nos transportes, no delirio da febre, disse que queria dictar um livro divino que seria a lei das leis. Não possuimos o Alcorão, disseram muitos dos assistentes. Não nos he elle sufficiente? Outros mostravam-se dispostos a receber esta revelação suprema. O murmurio desta disputa fez com que o propheta tornasse a si, ordenou que sahissem todos aquelles que o cercavam, e desde esse momento não permittio que ninguem mais se conservasse junto delle senão Aiesha, a mais amada das suas mulheres.

Aqui convem deixar a tradição, porque ella he a expressão fiel dos sentimentos e das crenças que Mahomet soube inspirar.

Durante os tres ultimos dias da doença do propheta, segundo a narração de Aiesha, e o anjo Gabriel visitou-o algumas vezes e perguntou-lhe se queria receber o anjo da morte que apresentava-se á sua porta. Entre, respondeu Mahomet.

— Apostolo de Deos, disse-lhe o mensageiro funebre, Deos enviando-me a ti, ordenou-me que executasse as tuas vontades. Quer determines que eu tome conta da tua alma, quer ordenes que a deixe, obedecerei.— Toma conta della, respondeu então Mahomet, pois que tal he a tua vontade.—Deos, accrescentou Gabriel, deseja ardentemente a tua presença. Quanto a mim, não tornarei mais a apparecer sobre a terra, e retiro-me para sempre deste mundo. Neste momento, diz Aiesha, as palpebras do propheta estavam immoveis. Eu ouvi que elle pronunciava com voz mui fraca estas palavras. « Com os habitantes dos céos. » Então comprehendi que tinha escolhido a habitação eterna. Alguns minutos depois, Mahomet expirou murmurando um dos versetos do Alcorão a respeito dos prophetas que Deos enche de suas graças.

A morte de Mahomet achou incredulos. Omar pretendeu que o propheta não morrêra e que tinha-se retirado para o Senhor como o fizera Moyzés, ausentando-se durante quarenta dias, e ameaçou com sua cimitarra todo aquelle que ousasse sustentar que Mahomet não era immortal. No meio da multidão inflammada por estas palavras appareceu Abubekr que depois de ter pronunciado a formula solemne da oração, fallou ao povo. O' Mussulmanos, disse elle, se vossa veneração profunda para com Mahomet o julga immortal, estais em erro. Mahomet não existe mais. Só Deos vive sempre. Abubekr citou as palavras do Alcorão que annunciavam a morte do propheta, e acabou por convencer a todos os Mussulmanos de que Mahomet tinha soffrido a sorte commum.

Podemos agora caracterisar Mahomet. Era uma natureza feliz, admiravelmente dotada. Tendo uma physionomia nobre e doce, e olhos negros e vivos, era dotado de uma immensa verbosidade que lhe submettia os espiritos de todos aquelles que o escutavam ; e este orador era tambem um grande poeta, cujas descripções magnificas e lyricos transportes arrebatavam a imaginação dos filhos de Ismael.

Intrepido na guerra, politico tão flexivel quanto aos meios, como inflexivel quanto ao fim, Mahomet exerceu sobre os homens uma influencia que todos soffreram voluntariamente. Os pobres achavam-no generoso, os grandes affavel, a mocidade benevolo ; seus inimigos tiveram occasião de ver que era misericordioso com prazer e algumas vezes inexoravel por necessidade. Um temperamento cuja vivacidade extraordinaria admirava aos mesmos Arabes, o levava á voluptuosidade á qual entregava-se sem que perdesse o seu prestigio. Preoccupado por um grande designio Mahomet, para o executar, não tratou pelo seu modo de vida, de separar se do povo que queria converter. Guarda-camellos, chefe de caravanas, mercador, soldado corajoso, romeiro piedoso, ardente esposo de muitas mulheres, Mahomet foi o Arabe por excellencia, e seu caracter indigena tão fortemente assignalado augmentou sua autoridade. Nunca o espirito de um povo foi manejado com tanta arte, e suas paixões melhor aproveitadas. Mahomet soube dirigi-las, excitando-as. Os Arabes não conheciam senão o commercio ; elle infundio-lhes o gosto pela guerra, e habituou-os pouco a pouco ás expedições longinquas. Elles eram idolatras, Mahomet fanatisou-os polas predicções de um só Deos, propondo-lhes como recompensa as eternas delicias de um voluptuoso paraizo.

Em menos de um quarto de seculo, Mahomet tinha transformado os Arabes, e esta mertamorphose maravilhosa que he o mais brilhante testemunho do seu genio, manifesta-se por signaes irresistiveis, desde que fechou os olhos. Foi depois de sua morte que o culto que estabelecera se derramou pelo mundo, esta propagação feita á mão armada realisou-se em menos de um seculo.

O Islamismo derrama-se do seio da peninsula, que estende-se desde o Mar-Vermelho até ao golpho Persico, conquista a Syria, o Egypto, invade a Asia, a Africa, estabelece-se em Hespanha e ameaça a França. Quando os Arabes e os Francos juntaram-se na visinhança de Poitiers, Abd-el-Raman e Carlos Martel permaneceram acampados em presença um do outro pelo espaço de uma semana inteira, possuidos de um sentimento commum de admiração e de assombro. Hesitação eloquente ! profunda e instictiva intelligencia dos interesses sagrados de que ia decidir um combate terrivel ! Em fim a causa de Christo venceu. Porém não queremos seguir, ainda que seja rapidamente, os traços ensanguentados da cimitarra do Islamismo ; he seu espirito que desejamos apreciar encerrando-nos no Alcorão. Não esquecemos que ao lado do livro do propheta collocou-se a *sunna*, isto he, a tradicção que, durante os quatro primeiros seculos da hejira, desenvolveu o Islamismo; he este o movimento necessario das cousas humanas. Conservamos tambem na memoria as divisões e as heresias da religião de Mahomet, os sonnites e os schyytas que estabeleceram outras seitas ; emfim, não ignoramos que o Islamismo foi ensinado em commentarios, em cathecismos, em fim que delle fez-se um corpo de doutrina religiosa, moral e juridica; porém não queremos hoje senão considerar o centro geral de todos esses desenvolvimentos, de todas essas interpretações, o Alcorão tal qual nos foi transmittido ha doze seculos por Abubekr e por Othman.

Não ha senão um Deos. Tal he a idéa simples que Mahomet procurou innocular no espirito dos Arabes. Trabalho difficil, porque a sua idolatria era inveterada, e he isso o que explica as descripções innumeraveis que Mahomet traçou da grandeza e do poder de Deos. Era necessario repetir isso continuamente, era indispensavel apresentar com infatigavel perseverança aos adoradores da pedra negra da Caaba e de outras imagens grosseiras, a idea de Deos como o principio e o fim de todas as cousas. No meio dos eloquentes desenvolvimentos em que se acha celebrada a sabedoria divina, encontramos no Alcorão esta energica affirmação. Deos he um. Elle he eterno. Não teve principio nem tem fim; não ha ser que lhe seja igual. Estas palavras resumem toda a doutrina pregada por Mahomet, e por isso convém conhecer o seu espirito.

Iniciado nas tradições biblicas e na revelação christãa, Mahomet proclamou a unidade de Deos, e negou o dogma sublime da Encarnação. Isto pareceu-lhe mais conveniente. « Combatei com coragem debaixo dos estandartes de Deos, diz elle no Alcorão, pois sois os seus escolhidos. *Elle nada de difficil ordenou-vos em vossa religião.* He a fé de vosso pai Abrahão, que professais. Foi elle que vos chamou Mussulmanos. Eis a prudencia, as precauções politicas que assignalamos desde o principio no fundador do Islamismo: na religião que prega, nada quiz prescrever que fosse difficil ; tirou do mosaismo a doutrina da unidade de Deos, e ao mesmo tempo tratou de erro a fé dos Christãos na divindade de Christo e na Trindade.

Parece-nos que tomando esta deliberação, obedeceu não só ás suas proprias inspirações, porem ainda á suggestões estranhas, a conselhos odiosos dos hereges refugiados na Arabia. Quanto mais estudamos o Islamismo tanto mais nos convencemos de que em sua origem, foi não só um desmembramento do mosaismo, porem ainda uma vingança dos judeos e dos herejes coaligados contra a parte mysteriosa e divina do Christianismo.

Entretanto, os incredulos pediam milagres a Mahomet. Não creremos em tua missão, diziam-lhes elles, se não fizeres rebentar da terra uma fonte de agua viva, ou, se do meio de um jardim plantado de palmeiras e de vinhas, não fizeres apparecer regatos, ou senão baixares a abobada dos céos, como nos promettes-te em vão, e se não nos deixares ver claramente a Deos e os anjos. Eis como Mahomet traduzio em estylo poetico as propostas dos Koreishitas, que offereciam a sua conversão mediante certos testemunhos de um poder extraordinario. E elle era obrigado a responder-lhes : Sou um homem como vós ; somente fui favorecido das revelações celestes... Emfim concordou expressamente em que « o seu ministerio limitava-se á pregação. » Assim o revelador da nova religião se despojava por si mesmo de todo o caracter divino, e o homem politico via-se obrigado a dizer áquelles que negavam a sua doutrina que os prophetas que o tinham precedido tinham experimentado a mesma sorte, não obstante terem obrado milagres.

Em muitos lugares do Alcorão, Mahomet toma o tom da apologia e da argumentação. Elle discute com os incredulos, e chega até a desafia-los para que apresentem um livro semelhante ao Alcorão. Quando novos versetos dictados pelo anjo Gabriel circulavam entre os Arabes, elles eram muitas vezes o objecto das zombarias dos incredulos, e Mahomet exprime-se a esse respeito nos seguintes termos: Elles não ouvem a leitura do Alcorão senão para mofar... Este livro não he para elles senão um montão confuso de fabulas; Mahomet he o seu autor, o qual apresentou-as debaixo da forma de versos. Abandonaremos as nossas divindades, dizem elles, por um poeta insensato ? » A esta accusação de poesia, Mahomet respondeu pelo verseto seguinte : « Nós não ensinamos a poesia ao propheta. Esta arte não lhe convem. Seu ministerio he a pregação e a leitura. » Mahomet confessava que não era dotado do dom de fazer milagres, porem que não podia supportar o ser tratado como poeta.

No mesmo momento em que elle declinava de si essa qualidade, fazia-se historiador. Faltando aos Arabes, Mahomet achava-se em presença dos Judeos e dos Christãos, cuja precedencia não podia esquecer. Portanto resolveu-se a apresentar-se como o successor de Moyses e de Jesus ; o Alcorão como a confirmação, como o sello das Santas-Escripturas. Elle dictou estas palavras sahidas, dizia elle, da bocca do proprio Deos : « Nós demos o Pentateuco, a Moyzes ; e o fizemos observar pelos enviados do Senhor. Concedemos a Jesus, filho de Maria, o poder dos milagres ; fortificamo-los no espirito de santidade. » E elle accrescentava : O Alcorão he a obra de Deos. Elle confirma a verdade das escripturas que o precederam : Elle he a sua interpretação. Não poderia haver duvida alguma a esse respeito. O soberano dos mundos o fez descer dos céos. Com o fim de dar autoridade á sua religião, offerecendo-a como a consequencia, como a conclusão legitima das duas revelações mosaica e christãa, Mahomet não cansase de referir no Abrahão as tradicções biblicas nem de fallar de Alcorão, Noé, de Moyses ; elle refere tambem a historia de José, e quanto ao Novo-Testamento, appresenta debaixo de outras formas muitas narrações dos Evangelhos. Por estas exposições historicas, Mahomet obtinha por fim o duplice resultado de instruir os Arabes e procurar ganhar os Judeus e Christãos.

Porem, elle não reparava que por estes primeiros passos e por estas concessões arruinava a sua propria obra. Que credito podia ella gozar junto dos Judeos quando estes viam que referia as suas tradicções e reduzia-as a fragmentos para fabricar em sua presença uma religião nova ! Sendo os Christãos que pelo Novo-Testamento confirmaram verdadeiramente o antigo, com que desprezo, com que reprovação não repelliram elles a pretenção impia do Alcorão, quando elle veio apresentar-se-lhes como o auxiliar do Evangelho ! Quando Mahomet vio-se repellido, disse aos Arabes : Oh crentes, não ligai-vos com os Judeos nem com os Christãos. Deixai que elles se unam. Aquelle que os tomar por amigos tornar-se-ha semelhante a elles, e Deos não he o guia dos perversos. Estas palavras são um forte testemunho de que não só Mahomet desesperava da conversão dos Judeos e dos Christãos, porem ainda que desconfiava do imperio dos mesmos, sobre o espirito dos Arabes.

D'ahi em diante elle não quiz exaltar senão a Abrahão, e escreveu no Alcorão : « Abrahão não era nem judeo nem christão ; era orthodoxo, mussulmano e adorador de um só Deos. Aquelles que professam a religião de Abrahão seguem de mais perto os seus traços, Tal he o propheta e seus discipulos. Deos he o chefe dos crentes. » Em outra vez declarou que « todos os homens não tiveram originalmente senão uma crença, porém que entregaram-se depois ás disputas sobre a religião » accrescentando tambem que « se Deos quizesse, a mesma religião dominaria em toda a terra, porém que elle distribue sua misericordia com quem lhe apraz. » Não pode deixar-se de reconhecer aqui o embaraço de Mahomet, dominado pela duplice superioridade das tradicções biblicas e dos dogmas christãos, querendo ora approximar-se delles,ora separar-se, e invocando Abrahão para deixar de fallar de Moyzes e de Jesus-Christo.

No Alcorão tudo acha-se extranhamente misturado. Ao lado de narrações historicas existem voluptuosas pinturas. Mahomet promettera aquelles que acreditassem nelle « jardins cortados de regatos, vida eterna, esposas puras, e a bondade do Senhor que tem olhos sobre os seus servos. Elle insiste sobre estas promessas ; repete muitas vezes que os justos descançarão sobre leitos enriquecidos de ouro e pedras preciosas, que serão servidos por meninos dotados de uma eterna mocidade, os quaes lhes apresentarão vinhos exquisitos, cujo vapor não lhes subirá á cabeça, nem lhes obscurecerá a razão, que tambem poderão dispor de huris de bellos olhos negros, cuja belleza não terá sido jamais profanada por homem nem espirito algum, e que serão semelhantes ao jacintho e a perloa, e gozarão tambem de uma eterna mocidade. O poeta, qualquer que seja a repugnancia que Mahomet tenha a este titulo, não podemos deixar de lh'o dar, o poeta dirige-se as paixões dos Arabes, excita os seus sentidos, inflamma os seus desejos, especificando os prazeres que lhes promette. O deserto he ardente e cheio de pó ; elles passarão a outra vida em frescos e risonhos jardins. Muitas vezes a sede os devora ; elles terão deliciosas bebidas. Emfim seu temperamento ardente poderá saciar-se em inexgotaveis voluptuosidades.

O prazer dos sentidos tornava-se a recompensa do martyrio, e o phanatismo assim excitado, produzio invenciveis transportes.

Encontramos o mesmo materialismo no inferno tal qual o descreve o Alcorão. Os condemnados comerão do fructo da arvore *zacoum*, beberão agua lodosa, a qual tragarão com avidez como o camello sedento, e serão continuamente envolvidos em um vento ardente.

Mahomet não podia apresentar aos Arabes nada de peior do que um vento ardente,e uma agua lodoza por toda a eternidade.

Estas penas e estas recompensas serão retribuidas na hora do ultimo julgamento. Quando chegar o dia das victorias, diz Mahomet no Alcorão. o homem lembrar-se-ha daquillo que procurou com mais ardor; o inferno descobrirá os seus abysmos, o prevaricador que tiver preferido os prazeres terrestres será lançado no inferno; aquelle que houver temido o juizo final e tiver regulado os desejos do seu coração, esse habitará em jardins de delicias. » A uma questão indiscreta a respeito da época fatal, Mahomet responde que só Deos o sabe, e accrescenta estas poeticas palavras. No dia em que soar a hora, parecerá aos homens que não se demoraram no tumulo mais do que uma noite ou uma manhãa. Na vida futura, ha para os justos gráos de felicidade e de elevação. « Vê, diz Mahomet, como temos estabellecido gráos entre os homens. Na vida futura as ordens serão ainda mais distinctas, ainda mais gloriosas, Não pode deixar de conhecer-se aqui uma reminiscencia do novo-testamento ; ha ainda outras passagens semelhantes, principalmente a respeito da predestinação ; porém essas passagens tiradas de S. Paulo são mui grosseiramente imitadas.

Segundo o Alcorão, uma fatalidade inexoravel pesa não só sobre o homem isolado, porém ainda sobre as nações. « Nenhum povo pode appressar nem retardar o instante marcado para a sua ruina. » Eis o fundamento desse fatalismo que Leibnitz chamava fatum mahometanum, e que assignalava como o peior de todos, porque destroe as prevenções e os bons conselhos.

A theologia e a philosophia do Alcorão revelam uma fraqueza singular. Foi no conhecimento dos meios praticos que deviam ligar os Arabes a nova fé, que Mahomet mostrou-se sagaz e profundo e foi sobre a simplicidade do culto que fundou o seu poder.

« Fazei a vossa oração ao amanhecer do dia, diz elle no Alcorão, ao pôr do sol, e durante a noite. As boas obras expellem o mal.» Elle diz ainda. Ordena a oração a tua familia. Faze isso com perseverança. E accrescentava : Lê o Alcorão ao romper do dia : Os anjos serão testemunhas da tua leitura. Lê o Alcorão durante uma parte da noite. Isto será um crescimento de meritos e o Senhor te elevará a uma posição gloriosa. Pela oração repetida muitas vezes por dia, pela leitura do Alcorão no silencio da noite, Mahomet fez da vida do Arabe uma continua profissão de fé. A estes preceitos elle ajuntou outro que já fizemos conhecer, um jejum annual durante o mez do Ramadan. Este preceito tem exercido tanto imperio sobre o espirito dos Mussulmanos, que ninguem d'entre elles ousaria hoje viola-lo publicamente. O dever das obluções antes da oração fez tambem parte do culto instituido pelo propheta. Elle prescreveu ainda a romaria de Meca a todo o Mussulmano que podesse emprehender esta viagem. Em fim impoz aos ricos a obrigação de dar aos pobres a dizima das suas rendas. Estes preceitos tão simples e tão pouco numerosos não tem sido sempre sufficientes para governar immensas populações. Propheta e rei ao mesmo tempo, exercendo a soberania politica em virtude da sua missão divina, Mahomet regulou o modo de vida dos Arabes, modificou os seus costumes, e deu-lhes algumas leis civis ; ordenou-lhes que se nutrissem da carne dos seus rebanhos, mandou-lhes que se abstivessem dos animaes mortos, suffocados, espancados,mortos de queda,ou de chifrada, ou que tivessem sido presa de algum animal bravio. Prohibio-lhes tambem o sangue e a carne de porco. Prohibio-lhes emfim o vinho e os jogos de azar, dizendo-lhes : O demonio servir-se-hia do vinho e dos jogos para atear entre vos o fogo das dissenções e desviar-vos da lembrança de Deos e da oração. Quereis tornar-vos prevaricadores ? Já vimos que o propheta promettendo para a outra vida o uso de vinhos exquisitos, assegurava que a razão não podia ser por elles perturbada ; elle acrescentou ainda que os justos poderiam misturar com estes vinhos a agua de Cafour, que erá uma das fontes do Paraizo, tão persuadido estava de que aos homens do deserto nada podia ser mais doce do que a limpida frescura de uma agua pura. Mahomet pensava como Pindaro, que a agua era a melhor das cousas ! Passemos presentemente do regimen hygienico dos Arabes para sua vida domestica.

As mulheres antes da vinda de Mahomet, eram consideradas pelos Arabes como escravas, como sua propriedade. Quando de suas uniões repetidas nasciam filhas que não podiam crear, enterravam-nas vivas. Era a polygamia levada a excessos barbaros. Mahomet não podia cuidar em aboli-la, porém restringio-a, e disse aos Arabes : Se temeis ser injustos para com os orphãos, temei tambem sê-lo para com vossas mulheres. Não esposeis senão duas, tres ou quatro. Escolhei aquellas que mais vos agradarem. Se não poderdes mante-las com equidade, então não deveis tomar mais do que uma, ou deveis limitar-vos ás vossas escravas. Este procedimento sabio vos facilitará os meios de ser justos e de dotar vossas mulheres. Ha nestas palavras a evidente intenção de elevar a mulher e de não a reduzir á cousa, porem de fazer della pessoa. O propheta quer que os maridos tratem suas mulheres com humanidade, ou que as despeção com justiça : elle regularisa o repudio, concede as viuvas uma parte na succesão de seus maridos. Conheceremos todo o pensamento do legislador dos Arabes, á respeito das mulheres se a estas disposições ajuntarmos a passagem seguinte : Os homens são superiores as mulheres, porque Deos lhes deu a preeminencia sobre ellas e por isso convem que as dotem com os seus bens. As mulheres devem ser obedientes e occultar os segredos dos seus maridos, pois que o céo confiou-as ao seu cuidado. Os maridos que soffrerem dellas alguma desobediencia poderão puni-las... A submissão das mulheres deve pôr-las ao abrigo de máos tratamentos. Deos he grande e sublime. Aos olhos de Mahomet, a inferioridade da mulher não supprimia os deveres para com ellas ; impunha, pelo contrario ao homem obrigações de bondade e de generosidade. Era um verdadeiro progresso sobre a barbaria dos antigos costumes, e o tempo devia desenvolve-lo ainda. Não mostraram os Arabes depois de Mahomet para com as mulheres um amor, uma dedicação muitas vezes comparaveis aos sentimentos e ás façanhas da cavallaria christãa ?

Ao lado destes preceitos civis que regulam o casamento, a sucessão natural e a sucessão testamentaria, encontramos no Alcorão disposições penaes. O homicidio segundo he voluntario ou involuntario, he punido pela morte do assassino ou por uma somma de dinheiro que elle dá aos parentes do morto.

Notemos de passagem estas bellas palavras: Aquelle que salvar a vida a um homem será recompensado como se tivesse salvado a todo o genero humano. O ladrão, quer seja homem quer seja mulher, terá as mãos cortadas. O adulterio he punido com uma pena corporal, assim como o falso testemunho. Indulgente para com as faltas que são filhas da embriaguez dos sentidos, Mahomet reservava os seus rigores para os crimes que ultrajavam a religião, bem como a idolatria e a apostasia. A recompensa daquelles que combatem contra Deos e seu propheta, diz elle no Alcorão, e que esforçam-se por estender a corrupção sobre a terra, será a morte, o supplicio da cruz. Vós lhe cortareis os pés e as mãos. Vós os banireis de sua patria. Tal será a ignominia de que serão cobertos neste mundo. Os tormentos serão a sua partilha no outro » E para dar uma confirmação religiosa a estas penas terriveis, era prohibido aos crentes enterceder em suas orações em favor dos idolatras, ainda mesmo que fossem seus parentes. Para os adeptos de uma religião nascente, a apostasia he naturalmente o maior dos crimes. Mahomet vota o apostata ás chammas eternas. Todavia, aquelles que abandonando o Islamismo, cederam á violencia e conservaram a fé no fundo do coração, poderão alcançar a misericordia divina. Pela maneira porque Mahomet promulgava o Alcorão, reservava para si o meio de modificar os seus decretos, e não he raro que a modificação chegue até á contradicção. Ora quer que todos os infieis sejam exterminados, ora recommenda que não se use de violencias para obriga-los a abraçar o Islamismo: elle quereria empregar voluntariamente a tolerancia, porem a paixão de conseguir o seu fim, leva-o muitas vezes á crueldade.

Além do legislador habil e previdente, encontramos no Alcorão um moralista, que pela pratica da vida dá conselhos uteis, conselhos cheios de sabedoria. Estes conselhos mostram-nos Mahomet, como o ins-

---

na galeria, e levantada a pedra, viram apparecer restos de ossos humanos.

— Ainda duvida ? perguntou Rigaud.

— Não, isso parece certamente uma sepultura, mas.... mas.... não estou bem convencido sobre essas imagens symbolicas.

— Todavia percebeu minha demonstração.

— Perfeitamente e até acho-a muito engenhosa, mas.... mas o que o senhor chama altar....

— Veja bem ; a pedra he inteiriça sustida por dous cachorros, quando não o era por dous pilares. Eis-aqui um nicho que devia servir de credencia, eis-aqui outro que servia de piscina. Olhe, verá a bacia, e o cano.

— Com effeito, tudo isso he muito exacto e parece-me verosimil....

— Emfim o senhor o confessa! exclamou Rigaud triamphante. Este subterraneo não era um pretorio, mas uma sala de catacumbas, não era um tribunal secreto, mas uma verdadeira crypta, como dizia ha pouco, da palavra grega *cryptos* occulto.

— Confesso..... confesso.... disse o archeologo meneando a cabeça, não confesso nada absolutamente. Affirmo ainda o que disse : era uma sala de justiça.

— Então que faz das minhas sepulturas?

— As sepulturas das victimas.

— Do meu altar ?

— O altar das victimas.

— Do meu desenho de abobada?

— Os ultimos divertimentos das victimas.

— Ah ! isso he muito! exclamou Rigaud, cujas feições ordinariamente alegres tinham tomado repentinamente uma singular expressão de desalento. Na verdade isso he muito ! Que diz, meu joven amigo ?

Gastão que se esforçava para reprimir uma gargalhada, limitou-se a acenar com a cabeça em signal de assentimento.

— Mr. de Chavilly he de minha opinião, tornou Rigaud, elle diz como eu que vossê está louco, Saulieu.

— Eu não disse tal, interrompeu Gastão.

— O senhor o pensa, o que he o mesmo. Mr. de Chavilly pensa como eu que vossê está louco, Saulieu.

— Não tanto quanto lhe apraz dizer, respondeu o archeologo com o maior sangue frio. A' medida que reflicto nisso confirmo-me na minha opinião, e agradeço-lhe, Rigaud, ter-me feito conhecer a existencia destas sepulturas. Ellas hão de fornecer-me mais um argumento em favor da idéa inteiramente nova de que os tribunaes secretos da Allemanha tinham affiliados no Valois. Graças ao céo, este ponto de nossa historia ficará d'ora em diante bem esclarecido, e se eu poder achar uma quarta solução para esse problema dos triangulos....

— Que! o senhor pensa ainda em seus triangulos?

— Mais do que nunca, e não posso crêr que essas figuras tenham sido traçadas alli sem um designio mais serio do que esse a que o senhor quer attribui-las. Não sou ideologo, nem homem de systema, meu charo, e jámais consentirei em abdicar minha razão para segui-lo ao acaso em suas frageis hypotheses.

— Estou confuso, disse Rigaud voltando para Gastão, a molestia he incuravel. Que ! sou eu agora que faço hypotheses !

Depois recobrando repentinamente seu gaz de critica, continuou :

— E pretende expôr sua opinião na grande obra que prepara, Saulieu ?

O archeologo fez com a cabeça um signal affirmativo.

— Muito bem, tem razão, meu charo amigo ; mas como bom vizinho advirto-lhe que vou publicar uma brochura sobre a crypta de Ostreval.

— Vai então desflorar meu assumpto, disse Mr. de Saulieu com um accento de viva contrariedade ; eis justamente o que eu temia, e porque nunca havia querido deixa-lo descer nestes subterraneos. Esse procedimento não he delicado, Rigaud.

— He mais delicado induzir o publico a erro, como o senhor pretende fazer ?

— A erro ! oh ! tranquillise-se, Rigaud, o erro não sahirá de minha parte ; estou certo de que tenho a verdade.

— Vossê tem á loucura,ou antes a loucura he que o tem debaixo de seu dominio.

— Rigaud, meu amigo, o despeito o cega, seria melhor confessar sua sem razão.

— Essa he boa ! veremos se não tenho razão, e já que quer que riam á sua custa, riremos!

— Sim, sim, conheço seus epigrammas ordinarios... mas minha grande obra virá brevemente confundi-lo, e o senhor será convencido de erro assim como eu poderia, se quizesse, convence-lo de outra cousa.

— De que ?

— Meu charo amigo, disse o archeologo com um tom de superioridade e de firmeza que nunca tomava para com o rival, promettemos uma troca de confidencias ; o senhor fez-me a sua, e embora para dizer-lhe a verdade, eu não considere sua explicação muito seria, quero todavia reconhecer-lhe certo valor relativo. Devo pois pela minha parte dizer-lhe o nome do autor daquellas peças...

— Sim, sim, das peças que lhe demonstraram claramente a verdadeira época em que foram edificadas as torres de Ostreval, tão claramente que não satisfeito de construir um castello moderno, o senhor tomou a resolução de lança-las abaixo dizendo que não podia soffrer mais á vista de ruinas que o tinham tanto tempo enganado.

— Oh ! não sou talvez tão credulo quanto o senhor pensa.

Rigaud lançou os olhos sobre Gastão, o qual tinha voltado o rosto para o lado da parede afim de escapar ao interrogatorio mudo do critico. Este comprehendeu que o mancebo tinha revelado a mystificação ao archeologo, e tornou :

— Meu charo Saulieu, a prova de sua incredulidade está edificando-se no fundo do vale.

— Paciencia, a casa ainda não está feita.

— Por ventura para confirmar-me em minha opinião sobre sua incredulidade não pretende acabar aquella construcção ?

O archeologo sentio o tiro, e querendo evita-lo, disse :

— Deos me livre disso ! o que emprehendi não foi como o senhor suppõe,por ter acreditado nesses preciosos pergaminhos.

— Não duvido, meu charo amigo, com effeito he impossivel que um archeologo de sua força tenha-se deixado enganar pela cavillação de seu vizinho e amigo...

— Então já confessa ?

— Confesso que servi-me de Mr. de Chavilly para fazer chegar ao seu conhecimento titulos que, se sahissem de minhas mãos, teriam perdido todo o valor aos seus olhos. Que mal ha nisso ? Eu queria evitar-lhe um desengano cruel entregando-lhe minhas proprias armas. Diga-me, teria preferido ver-me conserva-las até á apparição de sua grande obra para fulmina-lo depois com toda a minha artilharia ?

— Sua artilharia não he mui formidavel, seus pretendidos titulos não são verdadeiros, concorde que foram fabricados para a circumstancia.

— O senhor crê isso ? perguntou Rigaud com uma admiração que lançou Mr. de Saulieu em singular perplexidade.

O critico acabava de perceber que Mr. de Saulieu só conhecia metade do segredo.

— O senhor o sabe melhor do que eu, pois he o inventor delles, aventurou todavia o archeologo.

— Eu ! exclamou o critico desatando a rir. Suppõe-me mais habil do que sou, meu charo. Oh ! leia este bilhete e verá se suas supposições tem fundamento.

Rigaud tirou do bolso uma carta que entregou ao archeologo,e este leu o seguinte á claridade da tocha:

« Senhor.»

« Envio-lhe, como o senhor pedio-me,todas as peças manuscriptas que pude reunir sobre o castello de Ostreval. Ellas custaram muitas pesquizas e despezas consideraveis ; todavia confio completamente em sua apreciação para indemnisar-me dos gastos que fiz, e rogo-lhe que continue a depositar em mim uma confiança que me esforçarei sempre por merecer.

Tenho a honra etc.

« Minutius. »

O nome de Minutius impressionou vivamente a Mr. de Saulieu ; pois era o de um celebre investigador de archivos, e traficante habil de livros velhos e de antigos manuscriptos.

— Minutius, repetio o archeologo. Oh ! não ha mais duvida, esses malditos pergaminhos são authenticos ; as torres de Ostreval só tem quatro seculos e meio de existencia.

— O senhor tinha-me trahido, disse Rigaud em voz baixa tomando o braço de Mr. de Chavilly ; graças a esta carta pude accommodar o negocio; mas rogo-lhe que não torne a dizer uma palavra.

Voltando-se depois para o castellão, elle continuou :

— Pois bem, meu amigo, isso não me parece uma razão sufficiente para desamparar tudo. Edifique sempre seu novo castello, e veremos depois o que faremos destas torres velhas. Em todo o caso estas catacumbas dos antigos senhores de Ostreval parecem-me inteiramente dignas de sere conservadas.

— Mas não são catacumbas, replicou o archeologo sahindo de repente de seu abatimento ; he uma sala de justiça.

— Sinto muito contradize-lo, meu amigo ; mas he uma sala de catacumbas.

— Não, affirmo-lhe que he uma sala de justiça, e como quero confundi-lo completamente irei á Allemanha estudar as analogas, e lhe trarei documentos que o forçarão a reconhecer a verdade. O governo não me recusará uma missão para um objecto de estudo tão serio como esse.

— Vá á Allemanha, se quer ; mas tudo o que trouxer não prevalecerá contra minha explicação.

— Creia-me, Rigaud, vossê engana-se sobre o valor della.

— Peço-lhe que me perdoe.

— Mas eu tambem peço-lhe que me perdoe.

— Não comprehendo sua obstinação.

— Nem eu a sua.

— Todavia ella he bem clara.

— Sim, muito clara, com effeito ; pois creio que demonstrei-lhe claramente que só a minha opinião he razoavel.

— Vossê se achará sosinho em sua opinião, Saulieu.

— Ninguem crerá em sua hypothese, Rigaud.

— Não tenho razão, Mr. de Chavilly ?

— Meu sabio visinho não está fóra da razão, meu joven amigo !

— Meu Deos, senhores, respondeu Gastão interpellado de ambos os lados, ser-me-hia difficil decidir tão grave questão. De um lado a idéa de ter existido nestes subterraneos uma sala de justiça parece-me cheia de originalidade e de poesia...

— Eu bem dizia ! interrompeu vivamente o castellão, ja nosso jovem adepto abraça minha opinião.

— De outra parte, tornou o mancebo, ao aspecto destas sepulturas não estou longe de crer...

— O senhor apressou-se muito, meu amigo, interrompeu Rigaud tambem ; Mr. de Chavilly he inteiramente de minha opinião.

— Nisso elle faz mal, e sua inexperiencia destas cousas...

— Basta o senso commum.

— E julga que eu não o tenha ?

— Não praza a Deos que eu pretenda isso, posto que outros sobre esse ponto sejam menos discretos do que eu.

— Quem, Mr. Rigaud ? disse o archeologo em tom irritado.

— Por favor, senhores, exclamou Gastão intervindo na disputa que começava a envenenar-se ; uma discussão historica deve tomar esse caracter de irritação ?

Querendo poupar o amor proprio de ambos os partidos,Gastão, como acontece quasi sempre em taes occasiões, excitara mais seu antagonismo. Cada um de sua parte julgando-se sustentado mostrava-se mais aferrado ás suas opiniões.

— Eia, tornou Gastão esclarecido por uma idéa repentina, não estou longe de crer,que ambos os senhores tem razão.

O archeologo e o critico chegaram-se ao mancebo, e qual continuou com o accento mais grave que poude tomar.

— Nada se oppõe a que esta crypta, como os senhores dizem, tenha sido cavada primeiramente para servir de catacumbas aos senhores de Ostreval, e que depois tenha sido transformada em sala de justiça.

— Oh ! isso não nego, disse Rigaud.

— Pode ser, accrescentou Mr. de Saulieu com o tom de quem não esta completamente convencido.

O silencio estabeleceu-se entre os passeiadores, os quaes não tendo mais problema archeologico a resolver, ou não querendo propor outro nesse momento, julgaram que era tempo de voltarem á luz do dia.

(*Continuar-se-ha.*)

ILEGÍVEL

tituidor dos Arabes; elle emprehende a educação dos mesmos, tira-os da barbaria e inicia-os nos deveres da sociabilidade. A esmola, ja o observamos, está no numero das principaes obrigações impostas pelo propheta, e elle quer que ella seja feita com um coração simples e puro. « O' crentes! diz elle, não façais inutil o merito das vossas esmolas pelo murmurio e iniquidade.

« Aquelle que faz esmolas por ostentação, e que não crê em Deos, he no dia final semelhante ao rochedo coberto de pó. Uma chuva abundante apparece e não lhe deixa senão a sua rigidez. » A avareza he severamente condemnada. « Não olhe o avarento, diz o propheta, para os bens que recebe de Deos como um favor, pois que elles serão a causa da sua desgraça. Os objectos de sua avareza lhe serão pendurados ao pescoço no dia da ressurreição. » O crente não deve maldizer de seus irmãos, nem aborrece-los, nem opprimi-los. Como falla a Arabes, Mahomet não prohibe a vingança, porem recommenda que seja proporcionada á injuria, accrescentando que o homem generoso que perdoa, tem certo seu lugar junto de Deos, o qual aborrece a violencia.

As virtudes familiares são ensinadas no Alcorão, que encerra preceitos sobre a piedade filial, sobre o respeito dos filhos que se fazem homens para com seu pais, sobre a discrição e modestia das mulheres que não devem deixar ver o semblante senão ás suas mãis, parentes e criadas.

Emfim, a temperança, a moderação em todas as cousas são aconselhadas com autoridade em nome do Senhor, que « aborrece os excessos. » Quando cumpre o dever de legislador, Mahomet eleva-se a uma moral severa, por um contraste raro na historia, vemos este propheta voluptuoso e polygamo dar com sinceridade lições de continencia.

Nada mais resta-nos, senão assignalar a physionomia litteraria que o Alcorão attribue algumas vezes a certas reminiscencias. Um dos capitulos, o XXXI, tem por titulo o nome de Lokman, que era mui distincto entre os antigos Arabes pela sua sabedoria. Attribuem-se-lhe fabulas que recordam as de Esopo, e como notou Silvestre de Sacy, não tem o caracter da invenção arabe.

Como quer que seja, este Lokman, diz le Sage, passava por ter recebido do céo o dom da eloquencia e da persuasão, e Mahomet ensinou esta tradição no Alcorão, fazendo fallar o mesmo Deos nestes termos: *Nós demos a sabedoria a Lokman, e lhe dissemos: Dá graças a Deos.* « E o propheta accrescenta: Lokman, exhortando seu filho, diz-lhe: O' meu filho! nada ha que seja comparavel a Deos. A idolatria he o maior dos crimes. »

Rendendo homenagem a sabedoria tradiccional de Lokman, Mahomet procurava agradar aos Arabes, cujo orgulho nacional não deixava de lisongear. Elle disse-lhes muitas vezes que tinham sido o objecto do favor divino, pois que Deos tinha revelado o Alcorão na lingua arabe, afim de que o propheta o pregasse em Meca e nas cidades vizinhas. Em um dia, chegou a formar um argumento da excellencia do seu estyllo para responder áquelles que o accusavam de escrever o que dictava um Christão. « Eu conheço os seus discursos, um homem, dizem elles, dicta o Alcorão a Mahomet. Aquelle de quem elles suspeitam falla uma lingua estrangeira, e o Arabe do Alcorão he puro e elegante. » As bellezas litterarias do Alcorão tem sido declaradas pelos crentes superiores a tudo o que os homens podiam escrever. Era uma tradição tal que o poeta Lebid, cujo genio os Arabes admiravam, converteu-se com a leitura de alguns versetos do segundo capitulo do Alcorão, tanto o seu estyllo pareceu-lhe inimitavel e divino!

Eis o Alcorão em sua infinita verdade. Todas as formas ahi se confundem ou antes ahi encontram-se. O Alcorão he ao mesmo tempo um discurso, uma predica, uma ode, uma apologia, um fragmento de epopea, uma historia, uma exhortação moral, um tratado de hygiene, um codigo. Ninguem admire-se dessa variedade. Era necessario que Mahomet respondesse a tudo. Era pelo Alcorão, esta leitura por excellencia, que elle emprehendia elevar um povo, e instrui-lo sobre todas as cousas; o Alcorão dava-lhe as luzes. A maior parte dos homens, dizia elle, discutem a respeito de Deos, sem estarem esclarecidos pela luz da sciencia e sem a autoridade de algum livro famoso. Este livro, elle o dava aos Arabes pagina por pagina, verseto por verseto, na hora conveniente, e no momento mais ajustado. Este livro he o resultado de vinte e tres annos de provações, de pregação e de governo. Elle encheu naturalmente de admiração e de enthusiasmo aquelles cujo espirito esclarecia, elevava a coragem, moderava os costumes, ennobrecia as paixões. Mahomet abria aos Arabes um caminho novo; elle negava que o respeito do passado devesse chegar até a conservação da idolatria e dictou estas palavras: Quando exige-se delles que abracem a religião que Deos enviou do ceo, respondem: Seguimos o culto de nossos pais. Continuarão elles a segui-lo, se Satanaz os chamar para o fogo do inferno? Mahomet foi um innovador poderoso, pois chegou a convencer-se, ninguem o duvide, da realidade da missão cuja ideia concebera, e do caracter divino da inspiração de que achava-se possuido. A força de perseverança e de vontade, o enthusiasmo apoderou-se do coração deste politico, que convenceu-se pessoalmente daquillo que fazia crer aos outros.

Porem se doze seculos depois lemos e tornamos a ler seu livro, he difficil não formar delle um juizo severo; sem fallar das incoherencias, das contradicções, e das repetições, que ja indicamos, o Alcorão repetindo quasi em cada pagina as tradições biblicas e a revelação christãa, provoca inevitavelmente approximações, comparações que o abatem. Nem o genio natural de Mahomet, nem sua habilidade politica podem occultar o plagiato. Para os Arabes de Meca e de Medina, o Alcorão foi um livro iniciador, para nós do seculo dezenove elle não he senão uma compilação diffuza, ornada por alguns traços sublimes.

Precisemos os caracteres do Islamismo primitivo tal qual sahio do Alcorão. Era uma especie de theismo abstracto e vago que pretendia seduzir os homens pela facilidade do culto e por um attrativo sensual. Era uma religião sem mysterios, sem milagres e sem sacerdocio; era um apello á força, um grito de guerra; era um fanatico designio de abater, de exterminar tudo o que não fosse Mussulmano. Entretanto este enthusiasmo não pode manter-se por muito tempo nesse grão de violencia e de furor; os Mussulmanos não entregaram mais á morte todos os vencidos; contentaram-se com impor-lhes um tributo, avassalla-los. Seu governo foi uma mistura de tolerancia interessada e de ferocidade intermitente.

No seio do Islamismo primitivo operaram-se notaveis transformações. Mahomet não tinha obrado milagres, porem disseram que elle os obrara somente para dar á sua missão um testemunho, uma sancção que lhe faltava. A original simplicidade do Alcorão desappareceu sob legendas maravilhosas.

Emfim, o khalifado que reunia ao principio os dous poderes, temporal e espiritual, desmembrou-se por si mesmo, e appareceu um poder religioso e juridico, composto ao mesmo tempo do clerigo e da magistratura, que tornou-se formidavel para as Khalifas e para os sultões.

A civilisação da qual o Alcorão foi o ponto de partida, elevou-se rapidamente, e declinou depressa. Com a mesma celeridade, os Arabes fizeram as suas conquistas e brilharam nas lettras, nas sciencias e na poesia. No imperio dos Khalifas, derramou-se pela Asia, Africa e pela Europa uma cultura intellectual que produzio felizes fructos. Porque durou tão pouco esta fecundidade? Porque o enthusiasmo não póde animar sempre a um povo mais do que a um homem. Ora, quando o enthusiasmo causado por Mahomet extinguio-se no meio dos triumphos que produzira, que mais restava senão o despotismo e costumes de uma molleza cruel? Não havia uma instituição no seio do dominio dos Arabes, propria para fortifica-lo, para dete-lo na propensão de sua ruina. A elevação foi rapida, a decadencia o foi ainda mais, e passados apenas alguns seculos, esse brilho deslumbrador tinha-se desvanecido.

Hoje o Islamismo he principalmente representado pelos Turcos-Ottomanos, que no seculo dezeseis ameaçaram a independencia da Europa, no seculo dezesete começaram a decahir, e no seculo dezenove soffrem a protecção da christandade. Os sultões terão sobre os Khalifas a vantagem de custarem mais a cahir, e em sua declinação tem-se podido notar de algum tempo para cá uma indolente magestade, e por assim dizer um epicurismo estoico.

Entretanto o Christianismo, tão maldito e tão perseguido pelos successores de Mahomet, vivifica o mundo e penetra por toda a parte. He com outras armas que elle tem triumphado. Elle não se tem propagado pela guerra, nem offerecendo em recompensa os prazeres dos sentidos; teve por primeiro campo de batalha o circo dos imperadores romanos, por victoria o martyrio, e converteu os seus verdugos; annunciou-se ao mundo como a religião da dor e da caridade e foi penetrando no intimo do coração do homem, o qual consolou e elevou. Na ordem intellectual não se mostrou menos poderoso; foi e he a religião do espirito. Queremos dizer que longe de ser o inimigo da verdadeira sciencia, he o seu complemento e fonte divina. Dezanove seculos de lutas e de controversias não tem diminuido a sua influencia, antes a tem augmentado, e se nos he permittido copiar uma palavra de San João, elle he mais que nunca sal luz dos homens. Portanto he elle hoje a unica religião que tem a virtude de propagar-se e de converter as almas e as vontades. Onde estão os missionarios do Islamismo depois que a espada dos Khalifas quebrou-se? Em muitas regiões da Africa e da Asia, a religião de Mahomet reina ainda sobre povos condemnados á immobilidade, emquanto o Christianismo não os tocar com o seu sopro; porém não vemos nós a Asia e Africa invadidas por todos os lados pela infatigavel perseverança dos missionarios do Evangelho, humildes conquistadores, finalmente invenciveis porque se renovam sempre? O Islamismo nasceu no seio de Christianismo e nelle ha de morrer.

Lerminier.
(*Revue Contemporaine.*)

SCIENCIAS E ARTES.

A ALCHIMIA NO SECULO XIX.

(*Continuação.*)

Tendo assim fallado, o philosopho parou, um pouco fatigado pela sua longa harenga. Aproveitei do seu silencio para responder em poucas palavras á apologia que elle fizera a sciencia hermetica.

« Escutei-o, disse-lhe eu, com recolhimento, posto que eu não ouvisse consideração alguma que já me não houvesse apresentado muitas vezes, argumento algum a que eu não tenha amplamente respondido em outras occasiões. Com tudo como o philosopho tenha querido instituir aqui uma especie de *disputa*, procurarei responder-lhe.

« Em primeiro lugar, pensa sorprender os nossos chymicos n'uma flagrante contradicção, por que elles admittem que quatro corpos simples bastam para formar todos os productos organicos, ao passo que as combinações mineraes exigem mais de sessenta. Mas a contradicção he apenas apparente. Examine a serie dos nossos sessenta corpos simples, reconhecerá que mui poucos de entre elles exercem um papel activo nas grandes acções physicas do nosso globo. A lista das substancias reconhecidas elementares he certamente longa, mas o numero daquellas que a natureza põe em movimento he na realidade mui restricto. Aos elementos que pertencem de uma maneira mais especial aos entes organisados, acrescente somente o chloro, o enxofre, o phosphoro, o silicio, o aluminio, o calcio e o ferro, tereis a serie quasi completa dos corpos que formam todo o dominio das reacções mineraes. Tudo induz a pensar que a ordem habitual dos grandes phenomenos do mundo não seria de forma alguma perturbada, se as insignificantes quantidades de platina, d'arsenico ou de zinco, por exemplo, que se encontram disseminadas no globo, não fossem ahi encontradas. O pequeno numero de elementos que entram na constituição dos compostos organicos não tem nada que nos deva sorprender. A' excepção do carboneo, estes quatro corpos são gazosos; o equitibrio da sua combinação deve ser em consequencia mui facilmente destruido, e pode dest'arte ser sufficiente para provocar as mutações, as transformações continuas que são a condição da vida. As combinações mineraes resistem com mais energia ás influencias exteriores, a sua estabelidade chimica he maior, o que necessita o concurso de um maior numero de elementos; mas em definitiva esta differença he mui fraca e não pode a titulo algum ser invocada aqui como argumento serio.

« Pretende aproximar factos chimicos habituaes, o modo d'acção da pedra philosophal, mostrando-nos na fermentação um phenomeno que offerece alguma analogia com a transmutação dos metaes. Verdade he que se pode despojar dest'arte a pedra philosophal das propriedades sobrenaturaes que se lhe prestam geralmente. Mas nisto fica toda a vantagem. He somente permittido ver nesta aproximação uma bella comparação, que por outro lado he mui antiga, pois que pertence a Hortulanus. Com effeito, para demonstrar que o agente das transmutações participa, de alguma sorte, das propriedades dos fermentos; para fazer admittir que nos metaes derretidos e elevados ao ultimo grao de calor, pode operar-se uma modificação molecular comparavel a uma fermentação, fôra necessario começar por estabelecer a identidade de composição dos metaes. Ora, a theoria alchimista ácerca da isomeria dos metaes ainda he menos contestavel.

Portanto, os argumentos que Vmc. invoca em favor da transmutação metalica, não repousam sobre fundamento algum serio. Mas ainda vou mais longe, admitto um instante com Vmc. que todas estas considerações tem um valor certo, admitto em particular que estas confrontações notaveis feitas por M. Dumas entre os equivalentes dos corpos simples de uma mesma familia, e est'outra relação tão singular encontrada pelo Dr. Prout entre o equivalente do hydrogeneo e os equivalentes de todos os outros corpos simples, podem autorisar a consequencia que Vmc. não receia tirar acerca da isomeria dos metaes, digo que, tudo isto admittido, a questão ainda estaria muito longe de ser resolvida em seu favor. Aceitando com effeito todos estes dados como legitimos, seriamos conduzidos á seguinte conclusão: « No estado presente dos nossos conhecimentos, não « se pode provar de uma maneira absolutamente « rigorosa que a transmutação dos metaes seja im« possivel: algumas circumstancias se oppõem a « que a opinião alchimista seja regeitada, como um « absurdo em opposição com todos os factos. » Eis-ahi, na sua expressão mais extensa, o unico beneficio do raciocinio a que Vmc. possa pretender. Mas porque um facto he reconhecido não ser impossivel, não resulta de maneira alguma que este facto exista. Não poderiamos provar que o chumbo nunca se mudará em ouro, mas dahi não se segue, que se possa effectuar a mutação reciproca destes metaes. Insisto sobre esta ultima reflexão, porque ella parece-me haver cortar por si só o nó de toda a sua argumentação. »

« O que me concede, replicou então o alchimista, he sufficiente para a causa que defendo, porque se reconhece que as nossas theorias não tem nada em definitiva que offenda demasiadamente o sentimento dos chimicos, bastará para que a victoria nos seja adquirida, fazer ver que as transmutações metallicas tem sido executadas, e que varias pessoas tem descoberto e possuido a pedra philosophal. Um só caso desta especie bastaria para esta demonstração. Ora, os escriptos hermeticos estão cheios destes factos; as narrações que nelles se encontram estão cercadas por outro lado de tal multidão de testemunhos respeitaveis, que um autor moderno, Schmieder, que escreveu em 1832 a *Historia da Alchimia* não hesita em declarar que as provas historicas são sufficientes por si sós para estabelecer a realidade da nossa sciencia e a existencia da pedra philosophal. Espero que ha de partilhar esta convicção, se dignar-se agora escutar a narração dos factos seguintes. »

Amigo leitor, saiba que na historia da alchimia, a narração da transformação forma um capitulo dos mais longos. Os adeptos não tem deixado de recolher com cuidado todos os acontecimentos estravagantes, que durante dez seculos entretiveram os espiritos n'uma duvida ou antes n'uma esperança continua. Assim, vendo o muito interlocutor se dispor a emprehender a historia demasiado longa das proezas hermeticas, fiquei assustado com as proporções que a nossa conversa ia receber. Tentei reclamar.

—He um pouco tarde; objectei eu, não sem certa desconfiança.

—Não, disse elle, apenas o sol vai-se pondo; ainda vejo os seus ultimos raios dourar as torres de S. Sulpicio. Portanto, escute a minha demonstração; hei de deixa-lo convertido.

Foi deste modo que fui obrigado a tolerar a exposição historica que se segue:

« Não lhe fallarei, disse o adepto encetando a sua narração, de factos que se referem a uma epoca remota, e sobre os quaes os testemunhos escriptos poderiam parecer insufficientes ou suspeitos. Nada lhe direi ácerca das transmutações que se attribuem a Rhasés, a Arnauld de Villeneuve, a S. Thomaz, a Alain de Isle, a Alberto Grande. Escolherei somente provas nos acontecimentos que pertencem aos seculos XVII e XVIII, isto he, n'uma época mui proxima de nós, afim de que os documentos que consagram estes factos sejam numerosos e de facil averiguação.

A autoridade mais perniciosa que posso invocar em primeiro lugar, he a de Van Helmont. Este grande medico não era adepto, mas teve muitas vezes em seu poder amostras da pedra philosophal que experimentou em publico. Em 1618, especialmente recebeu de uma pessoa desconhecida um quarto de um grão desta substancia, o qual servio para converter em ouro oito onças de mercurio. Este primeiro facto quasi que não tem replica; Van Helmont era um chimico muito habil, e por isso não se podia deixar enganar, era incapaz de impostura, e além disso não tinha interesse algum em mentir, porque nunca tirou o menor proveito desta observação. Emfim, como a experiencia teve lugar na ausencia do alchimista, he difficil comprehender-se porque maneira a fraude nella poderia intrometter-se. Van Helmont, que nas suas obras refere muitos factos semelhantes, estava tão bem edificado ácerca deste assumpto, que se tornou um dos sectarios mais ardentes da alchimia. Para honrar esta aventura deu o nome de *Mercurius* ao seu filho recem-nascido. Este Mercurius Van Helmont, não desmentio o seu baptismo alchimista. Foi elle quem converteu o grande Leibnitz em favor das nossas doutrinas; durante toda a sua vida procurou a pedra philosophal, verdade he que morreu sem te-la achado, mas como apostolo fervoroso.

« Helvecio, medico do principe de orange, era um dos adversarios mais decididos da alchimia; celebrisara-se até por um escripto contra o pó sympatico do cavalleiro Digby. A vinte sete de dezembro de 1666, recebeu em Haya a visita de um estrangeiro, vestido, diz elle, como um burguez do norte da Hollanda, o qual recusava obstinadamente declarar o seu nome. Este estrangeiro annunciou a Helvecio que por causa do rumor que causara a sua disputa com o cavalleiro Degby, elle correra afim de trazer-lhe as provas materiaes de existencia da pedra philosophal. N'uma longa conversação, o adepto defendeu os principios hermeticos, e para destruir as duvidas de seu adversario, mostrou-lhe a pedra philosophal dentro de uma pequena boceta de marfim. Era um pó de uma *metalina cor de enxofre*. Em vão Helvecio conjurou o desconhecido para demonstrar-lhe pelo fogo as virtudes de seu pó, o alchimista resistio a todas as suas instancias e retirou-se promettendo que voltaria dentro de tres semanas. Ao conversar com este homem e quando examinava a pedra philosophal teve Helvecio a destreza de separar-lhe algumas particulas e conserva-las occultas debaixo da unha. Apenas ficou só apressou-se em experimentar-lhe os effeitos. Deitou em um cadinho chumbo derretido, e fez a projecção. Tudo porem dissipou-se em fumo, e no cadinho apenas restou um pouco de chumbo e terra vidrada.

« Desde então considerou a este homem como um impostor, e tinha quasi que esquecido a aventura, quando tres semanas depois e no dia marcado reappareceu o estrangeiro. Ainda recusou fazer elle proprio a operação, mas cedendo ás supplicas do medico presenteou-o com um pouco da sua pedra quasi do tamanho de um grão de milho. E como Helvecio manifestasse o receio de que tão pequena quantidade de substancia podesse ter a menor virtude, o alchimista julgando ainda magnifico o presente tirou-lhe a metade, dizendo que o resto era sufficiente para transformar onça e meia de chumbo. Ao mesmo tempo, teve o cuidado de fazer conhecer minuciosamente as precauções necessarias para o bom exito da obra, e sobre tudo recommendou que no momento da projecção cobrisse a pedra philosophal com um pouco de cera, afim de preserva-la da fumaça do chumbo. Helvecio comprehendeu desde então o motivo porque a transformação que elle tentara falhara em suas mãos: não tinha coberto a pedra com a cera, e por conseguinte desprezou uma precaução indispensavel. O estrangeiro prometteu voltar no dia seguinte para assistir a experiencia. Helvecio esperou-o debalde; passou-se o dia inteiro sem que apparecesse alguem. A noite a mulher do medico, não podendo conter mais sua impaciencia, resolveu o marido a fazer por si só a operação. O ensaio foi executado por Helvecio na presença da mulher e filho. Elle derreteu onça e meia de chumbo, deitou sobre o metal derretido a pedra coberta de cera, tapou o cadinho e deixou-o exposto a acção do fogo por um quarto de hora. No fim deste tempo o metal tinha adquirido a bella cor verde do ouro derretido; depois de fundido e frio tornou-se de um amarello magnifico. Todos os ourives de Haya avaliaram em alto grão o quilate deste ouro; Povelio, examinador geral das moedas da Hollanda, tocou sete vezes com o antimonio, sem que diminuisse de peso.

« Tal he a narração que o proprio Helvecio fez ácerca desta aventura. Os termos e as particularidades minuciosas da sua narração tiram da sua parte qualquer suspeita de impostura. Ficou de tal sorte admirado de semelhante resultado, que foi nesta occasião que elle escreveu o seu *Vitulus aureus*, (1) no qual narra este facto e defende as verdades da alchimia. Esta transmutação fez grande estrepito em Haya, e cada qual se pode convencer da sua realidade. Spinosa, que não he contado no numero das pessoas credulas, disse em uma das suas cartas que elle proprio colheu as informações mais circumstanciadas a este respeito, e que não hesita em declarar-se convencido como toda a gente.

« O philosopho italiano Berigard de Piza foi convertido a alchimia por uma eventualidade quasi semelhante. (2)

« Factos deste genero não eram raros no seculo XVII. Tudo demonstra que varias pessoas nesta época possuiram a pedra philosophal. O que aconteceu em Helmstedt, em 1621, he uma prova mui insigne.

« Certo Martini, professor de philosophia em Helmstedt, era celebre pelas suas diatribes contra a alchimia. Um dia, n'uma das suas lições publicas, quando elle se desfazia em injurias contra os alchimistas, e em argumentos contra as suas doutrinas, um fidalgo estrangeiro presente a sessão o interrompeu com civilidade, para propor-lhe uma disputa publica. Depois de ter refutado todos os argumentos do professor, o fidalgo pedio que lhe dessem um cadinho, uma fornalha e chumbo. Na mesma sessão fez a transmutação, converteu o chumbo em ouro, e offereceu-o ao seu adversario estupefacto, dizendo-lhe: *Domine, solce mi hunc syllogismum.*

« Mas chego a factos mais notaveis. Quero fallar nas operações em que se fabricou, pelos processos alchimistas, muito ouro para cunhar moeda e gravar medalhas commemorativas. Entre os acontecimentos deste genero, o mais singular e mais conhecido he o que se passou em 1648 na corte imperial da Allemanha, entre Fernando III e Richtausen.

Um adepto conhecido sob o nome evidentemente supposto de Labujardiere, era ligado a pessoa do conde de Schlik, senhor da Bohemia. Citavam-no como possuidor da pedra philosophal. Em 1648, sentindo-se prestes a morrer, escreveu a um dos seus amigos, chamado Richtausen, que habitava em Vienna, legando-lhe a sua pedra philosophal, e convidando-o o mais cedo possivel a recebe-la das suas mãos. Richtausen chegou muito tarde, o adepto estava morto. Com tudo elle perguntou ao cozinheiro do palacio, se o defunto não tinha deixado nada, e mostraram-lhe uma caixinha, que o alchimista, no leito da morte, tinha encommendado que respeitassem. Richtausen apossou-se da caixinha e levou-a comsigo. Neste entretanto, chega o conde de Schlik que, conhecendo todo o valor da herança do seu alchimista, veio reclama-la, ameaçando o seu cozinheiro com pena de prisão. Este corre immediatamente á casa de Richtausen, pondo-lhe aos peitos duas pistolas carregadas, observa-lhe que he mister morrer ou restituir o que elle roubou. Richtausen fingio restituir o deposito; mas substituio destramente um pó inerte ao do adepto. Munido com o seu thesouro, foi nos mesmos passos apresentar-se ao imperador, pedindo que examinasse o seu talento. Fernando III, mui versado na philosophia hermetica, tomou todas as precauções necessarias, fora dos olhos de Richtausen, e pelos cuidados do conde de Rutz, director das minas. Com um grão do pó de Richtausen, transformaram-se duas libras e meia de mercurio em ouro fino: a pedra tinha produzido quasi vinte mil vezes o seu peso de mercurio.

« O imperador mandou cunhar com este ouro uma medalha, que ainda existia na thesouraria de Vienna 1797. Representava o deos do sol sustentando um caduceu com azas nos pés, para recordar a formação do ouro pelo mercurio; n'uma das faces lia-se a seguinte inscripção:

Divina metamorphosis exhibita Pragæ, 16 janeiro 1648, in præsentia sacr. Cæs. magest. Ferdinandi tertii.

« E na outra face:

Raris hæc ut hominibus est ars: ita raro in lucem prodit: laudetur Deus in æternum, qui partem suæ infinitæ nobis suis abjectissimis creaturis communicat.

« Com o pó de Richtausen, que elle tinha, Fernando III fez uma segunda projecção em Praga em 1650. A medalha que elle mandou gravar nesta occasião tem a seguinte inscripção:

Aurea progenies plumbo prognata parente.

« Ainda mostravam-na no seculo passado na collecção do castello imperial de Ambras, no Tyrol.

« Em reconhecimento destes altos feitos, o imperador ennobreceu Richtausen. Deu-lhe o titulo de barão do Chaos. Foi sob este nome bem achado que elle correu toda a Allemanha, fazendo projecções. A operação mais celebre do barão de Chaos he a que elle fez executar em 1658, ao eleitor de Mayence, o qual converteu quatro onças de mercurio em ouro puro. (3)

« As aventuras do Escossez Alexandre Sethon e de Sendivogius, que se referem a mesmo época, occupam na historia da alchimia um lugar mui importante, e por isso não os posso omittir. Trata-se ainda de transmutações feitas perante os principes de Allemanha. Todos sabem a que grão os soberanos daquelle paiz elevaram a paixão da alchimia. Durante os tres ultimos seculos, a sua côrte foi o ponto de reunião de todos os alchimistas que percorriam a Europa. Os imperadores e os eleitores opulentos tinham a seu soldo grande numero destes artistas que podiam, de um momento para outro, abrir-lhes as fontes de riquezas inexgotaveis; os principes pobres se juntavam de dous a dous para manter um destes objectos dispendiosos de luxo. He mui longa a lista destes protectores que a alchimia encontrou naquelle paiz, entre as testas coroadas. Todavia eram perigosos protectores. As barbaridades atrozes de que se tornaram criminosos para com os adeptos imprudentes que se deixaram convencer da posse do segredo, hão sido em todo o tempo considerados como testemunhos certos em favor da alchimia. As provas que os infelizes artistas lhes tinham exposto deviam ser mui notaveis e claras para provocarem estes tratamentos odiosos cuja narração lhe quero poupar. Mas a Allemanha não era o unico paiz sujeito ao furor destas paixões. A França e a Inglaterra não eram isentas, e muitas vezes apontam-se a este respeito as ordens singulares, ordens que el-rei de Inglaterra, Henrique VI, dirigio aos fidalgos, aos sacerdotes e aos doutores. Em 3 cartas patentes, convidava elle os seus subditos a procurar o segredo da pedra philosophal, para soccorrer as finanças oberadas do reino. Dirigia-se particularmente aos padres a este respeito, que tendo todos os dias a felicidade de converter o pão e o vinho no sangue e no corpo de Jesus Christo, lhes seria facil transformar um metal vil em um metal nobre. Para um principe christão a comparação era mui impia. Mas cheguemos á nossa historia.

« Alexandre Sethon, mais conhecido sob o nome *Cosmopolita*, era um fidalgo escossez que, no fim da vida, descobrira a pedra philosophal, e que viajava na Europa, para fazer conhecer as suas maravilhas. As numerosas transmutações que praticou nos Paizes-Baixos não deixam duvida alguma a este respeito. Ainda se mostrava na Hollanda, no fim do seculo passado, o ouro que elle fabricára com as suas mãos. Não pretendo entrar nas particularidades dos successos da vida deste artista celebre. Por tanto não lhe direi nada nem ácerca das suas operações hermeticas, nem ácerca das suas aventuras com o piloto hollandez Hausen, o medico Wanderliken e o infeliz ourives de Strasbourg, Gustenhofferr, chegá á sinistra aventura que o tornou celebre.

« Percorrendo os estados da Allemanha, Alexandre Sethon chegou a Dresde, residencia do eleitor de Saxe, Christiano II, e teve a imprudencia de mandar executar uma transmutação pelo criado, em presença do proprio eleitor. O principe se deu pressa em mandar prender Sethon, e mandou enterrar este thesouro vivo, n'uma torre, sob a guarda de quarenta homens, que se mudavam alternadamente. Então ordenou ao adepto que lhe revelasse o segredo, e que tratasse de fabricar ouro por conta do estado. Mas o alchimista se recusou a isto com obstinação, não querendo, dizia elle, dar a um heretico tão grande meio de fazer guerra á igreja. Promessas, ameaças, tudo foi inutil. Recorreram a tortura. O corpo destocado, os membros despedaçados, o philosopho persistio nas suas recusas.

« Haviam então em Dresde um fidalgo chamado Miguel Sendivogius que reputavam Polaco, mas que nasceran a Moravia e somente habitava na Cracovia. Como se dizia hermetico, teve a curiosidade de ver o adepto. Introduzido junto delle, Sendivogius foi ganhando pouco a pouco a sua confiança. Um dia propoz-lhe, em cambio da communicação do segredo, arranca-lo ao captiveiro. Concertaram entre si um plano de evasão. Sendivogius se da pressa em ir a Cracovia realisar a sua fortuna, e voltou a Dresde provido de dinheiro. Obteve a permissão de se estabelecer junto do prisioneiro, e se familiarisa com os seus guardas. Uma noite conseguio embriagar todos; immediatamente tira Sethon, que não podia andar em consequencia das torturas, e sahe da torre com o seu fardo. Apenas vão á casa do alchimista procurar a sua provisão de pedra philosophal, metem-se depois n'uma diligencia, e disfarçados sahem do paiz. Param somente em Cracovia. Ahi Sendivogius intimou ao philosopho que cumprisse a promessa; mas este recusou faze-lo: « Veja, disse elle, a que estado estou reduzido por não ter querido revelar o meu segredo. Estes membros quebrados, este corpo quasi podre dizem-lhe que reserva devo impor a mim para o futuro. »

« Sethon não gozou por muito tempo da sua soltura. Morreu logo depois, dizendo todavia que se o mal fosse natural e interno, o seu pó tê-lo-hia curado, mas que os seus membros quebrados pela tortura, não podiam por meio algum ser restabelecidos. Ao morrer deu ao seu libertador o que lhe restava da sua provisão de pedra philosophal.

« Sendivogius casou-se com a viuva do adepto, julgando que ella tivesse algum conhecimento do segredo. Mas ignorava-o absolutamente, e só póde tirar della os livros alchimistas de Sethon que elle publicou. Entretanto com a pedra philosophal que recebera do amigo, Sendivogius fez de repente a sua fortuna. Dirigio-se a Praga e apresentou-se ao imperador Rodolpho II, grande protector dos alchimistas. Gabou-se de possuir a arte de transformar os metaes; mas teve a prudencia de protestar que ignorava processo da preparação da pedra philosophal, que só tinha, dizia elle, a herança de um amigo. No castello de Praga, fez por varias vezes a projecção, com a maior felicidade! Em 1740, ainda se via no aposento em que estas experiencias se executaram a seguinte inscripção que o imperador mandou gravar n'uma mesa de marmore:

Faciat hoc quispiam alius,
Quod fecit Sendivogius Polonus!

« O que provou que o pó de Sendivogios gozava realmente das propriedades transformadoras, he que este havendo tido o infortunio de roubarem-na foi dahi em vante incapaz de executar novas transformações. Eis aqui como lhe aconteceu esta desventura.

« A reputação de Sendivogius se desenvolvera rapidamente na Allemanha, em consequencia do favor com que o honrara Rodolpho II. Em 1603, o duque de Wurtemberg, Frederico, convidou-o para que lhe fizesse uma visita. Foi recebido em Stuttgarod da maneira mais honrosa. Mas o alchimista da corte, que fazia ao lado delle mui pequena figura, jurou immediatamente a sua perda. Era um alchimista de humilde cathegoria, outr'ora barbeiro de profissão, e que, percorrendo o paiz, tinha tomado, com os alchimistas ambulantes, algumas tinturas de hermetica. Tinha sabido entreter com algumas transformações suspeitas o imperador Rodolpho, que o nomeou senhor de Mullenfels e o deixou partir. Tinha sido acolhido em Stuttgard, pelo duque Frederico, e gozava na corte de certa influencia. Mas os triumphos de Sendivogius faziam sensivelmente empallidecer o astro do seu credito; portanto resolveu vingar-se, e apropriar-se ao mesmo tempo do feliz instrumento da fortuna do seu correligionario. Insinua ao adepto que o duque Frederico medita apoderar-se da sua pessoa para arrancar-lhe o segredo. Sendivogius, prevendo já o fim deploravel de Alexandre Sethon, trata de fugir. Immediatamente, Mullenfels parte em basca delle com doze homens a cavallo e armados. O philosopho he apanhado, apossam-se do seu pó philosophal, e lançam-no n'uma prisão. Teria ahi morrido se o acaso lhe não tivesse proporcionado meios de escapar-se. Com uma lima que póde conseguir, cortou os varões de ferro da janella, com os vestidos fez uma corda e salvou-se no pelo meio do campo. Assim que se achou livre, citou perante o duque o seu perfido correligionario. Condemnado á morte, Mullenfels foi enforcado segundo o ceremonial adoptado no seculo XVI na Allemanha, para o supplicio dos alchimistas. Cobriam-nos desde os pés até a cabeça com vestidos brilhantes de lentejoulas, e eram enforcados n'um patibulo dourado. Mas tudo isto não restituia a Sendivogius o seu thesouro. Elle ainda tentou transmutações, mas todas foram reconhecidas manifestamente falsas.

« Terminarei este resumo das transmutações observadas no seculo XVII com um facto referido por Manget, segundo o testemunho de um dos autores da eventualidade, M. Gros, pastor do santo evangelho em Genebra.

« No anno de 1658, chegando á Italia um viajante, apeou-se no hotel do *Macaco da Cruz Verde*. Tornou-se logo amigo de M. Gros, então na idade de 20 annos e que estudava a theologia. Durante quinze dias visitaram juntos as curiosidades da cidade e dos arredores. No fim deste tempo, o estrangeiro disse em confiança ao companheiro, que o dinheiro começava a faltar-lhe, o que não deixou de inquietar o estudante, cuja bolça um pouco leve temia um appello importuno. Mas os seus receios não foram de longa duração. O Italiano se limitou a pedir que o conduzissem á casa de um ourives que podesse pôr á sua disposição a officina e os utensis. Conduziram-no a casa de um certo Bureau, que annuindo ao pedido, proporcionou lhe estanho, mercurio, cadinhos, e retirou-se para não transtornar as operações. Ficando sosinho com M. Gros e um operario da officina, o italiano tomou dous cadinhos, collocou mercurio n'um e estanho n'outro; quando o estanho se derreteu e o mercurio ficou um pouco quente, derramou o mercurio sobre o estanho e deitou na mistura um pó vermelho cercado de cera. Operou-se viva effervescencia e se applacou immediatamente. Tirando-se o cadinho do fogo, despejou-se o metal n'um molde e obtiveram-se seis pequenas barras do mais bello amarello. Neste entretanto chega o ourives, e trata de examinar as barras. Era ouro do mais fino, disse elle, que nunca vi. A pedra de toque, o antimonio justificaram a sua natureza e a elevação do seu titulo. Em signal de gratidão, o Italiano presenteou ao ourives com a mais pequena das barras, dirigio-se depois á casa da moeda onde o seu ouro foi trocado por igual peso de ducados da Hespanha. Deu vinte ducados ao joven Gros, pagou a sua conta ao hotel e despedio-se dos seus amigos, annunciando a sua volta mui breve. Até encommendou para o dia da sua chegada um jantar magnifico que pagou de ante mão. Partio, mas não voltou.

(*Continuar-se-ha.*)

(1) *Vitulus aureus quem mundus adorat et orat. in bibliotheca chimica Mangeti, t. 1, p. 196.*

(2) « Referirei, diz Berigard de Piza, o que me aconteceu outr'ora quando eu duvidava que fosse « possivel converter o mercurio em ouro. Um ho« mem habil, querendo tirar as minhas duvidas a « este respeito, deu-me um grão de pó cuja côr era « mui semelhante a da papoila silvestre, e cujo chei« ro se parecia com o do sal marinho calcinado. « Para tirar qualquer suspeita de fraude, eu mesmo « comprei o cadinho, o carvão e o mercurio em ca« sa de diversos mercadores, afim de que não hou« vesse ouro em alguma destas materias, o que pra« ticam muitas vezes os charlatães alchimistas. A « dez grãos de mercurio juntei um pouco de pó; « expuz tudo a um fogo mui forte, e dentro em « pouco a massa se achou toda convertida em quasi « dez grãos de ouro, que foi reconhecido como mui « puro pelas experiencias de diversos ourives. Se « este facto tivesse acontecido sem testemunha, fóra « da presença de arbitros estrangeiros, eu teria po« dido suspeitar alguma fraude; mas posso asseverar « com confiança que a cousa se passou como eu a « narro. *Hoc nisi in loco solo et remoto ab arbi« tris comprobassem, suspicare aliquid subesse frau« dis: nam fidenter testari possum rem ita esse.* « (*Circulus Pizanus*, 25.)

(3) « O eleitor fez em pessoa esta projecção com todos os cuidados que pode ter uma pessoa entendida na philosophia. Foi com um pequeno botão da grossura de uma lentilha, que estava cercado de gomma arabe, para juntar o pó; poz este botão na cera de uma vela, que estava acceza, collocou esta cera no fundo do cadinho, e em cima quatro onças de mercurio, e poz tudo ao fogo, coberto de carvões apagados, em cima, em baixo e em roda. Depois começaram a folear com força e tiraram o ouro derretido, mas que fazia raios mui vermelhos, que de ordinario são verdes. Chaos disse-lhe então que o ouro ainda estava demasiadamente alto, que era preciso rebaixa-lo, pondo prata dentro; então sua alteza que tinha varias moedas, tomou uma que lançou dentro, e tendo deitado tudo n'um molde, fez uma barra de um bello ouro, mas que se achou um pouco aspero, o que Chaos disse proceder de algum cheiro de latão que talvez existisse no molde, mas que se mandasse derreter na casa da moeda; o que foi feito: e dahi sahio mui bonito, e mui flexivel, e o administrador disse a sua alteza, que nunca vira tão bonito, e que era de mais de 24 quilates, e que estava admirado, como de aspero que era, se tornára perfeitamente flexivel. » Moncorvis, Viagens, tomo II, paginas 379.)

COMMERCIO.

PRAÇA DO RECIFE 18 DE DEZEMBRO AS 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes.

Cambio sobre Londres—a 60 e 90 d/v. 27 3/4. d.
Desconto de lettras—30 d/v. e 10 % ao anno.
Assucar branco 2.ª sorte—2$600 por arroba.
Dito dito 3.ª sorte superior—2$400 por arroba.
Dito mascavado escolhido—1$580 por arroba.
Dito branco someno—1$950 por arroba.

ERRATA.

Por engano sahio hontem o cambio sobre Paris a 340, devendo ser a 342.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 16	146:119$576
Idem do dia 18	15:473$658
	161:593$234

Descarregam hoje 19 de dezembro.

Brigue inglez—*Enthusiast*—mercadorias.
Brigue inglez—*Esther Ann*—bacalhão.
Brigue inglez—*Viola*—carvão.
Brigue hamburguez—*Adler*—cemento.
Escuna hamburgueza—*Minerva*—genebra.
Polaca sarda—*Raphaelino*—mercadorias.
Brigue brasileiro—*Mafra*—pipas vasias.
Hiate brasileiro—*Camões*—generos do paiz.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 1 a 16	23:593$163
Idem do dia 18	5:931$519
	29:524$682

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 1 a 16	2:957$607
Idem do dia 18	361$399
	3:319$006

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 1 a 16	11:720$782
Idem do dia 18	1:682$603
	13:403$385

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 1 a 16	32:532$182
Idem do dia 18	5:331$400
	37:863$582

MOVIMENTO DO PORTO.

Navios entrados no dia 17.

Assu'—9 dias, brigue brasileiro *Amorim*, de 196 toneladas, capitão Pedro Nolasco Vieira de Mello, equipagem 13, carga sal; a Amorim Irmãos. Segue para o Rio de Janeiro.

Parahiba—24 horas, hiate brasileiro *Camões*, de 30 toneladas, mestre Severiano da Costa e Silva, equipagem 4, carga assucar; a Francisco da Silva Rabiche. Passageiros, Antonio Francisco de Oliveira, Nicoláo Francisco da Costa.

Navios sahidos no mesmo dia.

Falmouth—Patacho hamburguez *Berth Koeba*, com a mesma carga que trouxe. Suspendeu do lameirão.

Cork—Barca ingleza *Cheshire*, com a mesma carga que trouxe. Suspendeu do lameirão.

Marselha—Barca franceza *Jeune Raymond*, capitão Prat, carga assucar e mais generos.

Lisboa—Brigue portuguez *Oceano*, capitão Francisco Jeronymo de Mendonça, carga assucar e mais generos.

Navios entrados no dia 18.

Aracaty—9 dias, hiate brasileiro *Invencivel*, de 37 toneladas, capitão Joaquim José Martins, equipagem 6, carga sola e mais generos; a José Manoel Martins.

Callão de Lima—87 dias, galera ingleza *Wood Bridge*, de 516 toneladas, capitão Coppell, equipagem 20, carga guano; ao capitão. Veio refrescar e segue para Cork com 2 passageiros.

Hamburgo—70 dias, galeota hollandeza *Jacobus*, de 107 toneladas, capitão A. I. Brost, equipagem 8, carga fazendas e mais generos; á ordem.

Chille—78 dias, barca ingleza *Anne Balduin*, de 280 toneladas, capitão Thomaz Stevenson, equipagem 13, carga cobre; ao capitão. Veio refrescar e segue para Liverpool.

Navios sahidos no mesmo dia.

Rio de Janeiro—Brigue brasileiro *Rato*, capitão José Cardoso Rangel Junior, carga assucar. Passageiro, Victorino de Madeiros Maia.

Macció—Brigue brasileiro *Amorim*, com a mesma carga que trouxe. Suspendeu do lameirão.

EDITAES.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da ordem do Exm. Sr. presidente da provincia, manda fazer publico, que no dia 21 do corrente perante a junta da fazenda da mesma thesouraria se ha de arrematar á quem por menos fizer, os reparos urgentes das pontes de Santo Amaro, Tacaruna, Arrombados e Varadouro, avaliados em 884$400 rs.

A arrematação sera feita na forma da lei provincial n. 343 de 14 de maio do corrente, e sob as condições especiaes abaixo copiadas.

As pessoas que se propozerem a esta arrematação compareçam na sala das sessões da mesma junta pelo meio dia, competentemente habilitadas.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 11 de dezembro de 1854.—O secretario,
Antonio Ferreira d'Annunciação.

Clausulas especiaes para a arrematação.

1.ª As obras dos reparos das pontes de Santo Amaro, da Tacaruna, dos Arrombados e do Varadouro serão feitas de conformidade com o orçamento remettido ao Exm. presidente da provincia na importancia de 884$400.

2.ª O arrematante principiará as ditas obras no prazo de 30 dias, e findara no de 4 mezes contados, como determina o art. 31 da lei provincial n. 286.

3.ª O pagamento será feito em uma só prestação, quando o arrematante tiver concluido todas as obras e lavrado o respectivo termo de entrega.

4.ª Para tudo mais que não estiver especificado nas presentes clausulas, seguir-se-ha o que determina a mencionada lei provincial.—Conforme.—O secretario, *Antonio Ferreira d'Annunciação.*

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, manda fazer publico para conhecimento dos contribuintes abaixo declarados, do imposto da decima urbana da freguezia dos Afogados pertencentes aos exercicios de 1833 a 1852, que tendo-se concluido a liquidação da divida activa deste imposto, devem comparecer na mencionada thesouraria dentro de 30 dias, contados do dia da publicação do presente edital, para se lhes dar a nota do seu debito, afim de que paguem na mesa do consulado provincial, ficando na intelligencia de que, findo o dito prazo, serão executados.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 15 de dezembro de 1854.—O secretario, *Antonio Ferreira da Annunciação.*

Antonio Joaquim Felix	1$209
Angela Thereza de Jesus	1$814
Antonio Pinheiro dos Santos	1$814
Herdeiros de Anna Joaquina Ferreira dos Santos	6$048
Antonio Ayres Vellozo	3$024
Alexandre Martins de Carvalho Barros	5$514
Angela Maria de Jesus	2$268
Antonio Luiz dos Santos	5$040
Antonio Pinto de Barros	15$120
Antonio José Rodrigues de Souza	4$536
Archanja Maria	1$512
Herdeiros de Agostinho da Silva Neves	2$321
Antonio Domingues de Almeida Possas	4$536
Herdeiros de Antonio Vellozo Ferreira Duarte	4$032
Affonso de Albuquerque Mello	10$302
Herdeiros de Bazilio Gonçalves Ferreira	1$209
Bernardo Luiz Ferreira	33$212
Viuva de Bento Gonçalves	10$011
Benedicto Antonio de Santa Anna	19$520
Bento Joaquim de Carvalho	16$422
Bernardino José Monteiro	1$209
Bernardo Francisco dos Santos Oliveira	11$320
Bernardo Famião Franco	6$674
Bento Antonio Domingues	3$024
Balbina de Souza Lima	2$419
Herdeiro de Bento José Alves	1$203
Claudino Pereira de Carvalho	3$628
Herdeiros de Caetano de Miranda Castro	4$354
Dr. Casemiro de Sena Madureira	89$753
Dr. Cosme de Sá Pereira	102$240
Viuva e herdeiros de Canuto José Vellozo da Silveira	14$895
Catharina Caetana de Vasconcellos	4$942
Caetano da Rocha Pereira	2$224
Herdeiros de Clemente José Ferreira da Costa	25$585
Cypriano Luiz da paz	40$602
D. Caetana Eugenia Pereira Bastos	4$032
Domingos da Rocha	73$888
Domingos José Ramos	51$127
Delfino Gonçalves Lima	69$525
Domingos Ferreira	2$903
Herdeiros de Domingos Ferreira Jorge	5$040
Eusebio Pinto	1$354
Esmenia Maria do Sacramento	20$757
Elias de Farias Xavier	2$903
Estevão da Cunha Malheiros	3$024
Francklin Manoel de Faria	18$976
Francisca Thomazia de Lima	11$902
Francisco Simplicio das Chagas	40$709
Francisco de Carvalho Paes de Andrade	125$584
Francisca Mequelina	9$676
Herdeiros do Padre Felix José de Araujo	3$024
Francisco José de Oliveira	15$098
Filippe da Cunha Santiago	11$534

(*Continuar-se-ha.*)

Manoel José Texeira Bastos, cavalleiro da ordem da Rosa e juiz de paz do 1.º anno da freguezia de S. José do Recife, em virtude da lei etc.

Faço saber que devendo proceder-se na 3.ª dominga de janeiro proximo futuro a revisão da qualificação, na conformidade do art. 25 da lei de 19 de agosto de 1846, se faz mister que os eleitores e supplentes abaixo designados, compareçam afim de proceder-se a formação da junta de qualificação: pelo que em execução do art. 4 da referida lei convoco-os para que se achem na igreja da Senhora do Terço, pelas 9 horas da manhãa da mencionada 3.ª dominga 21 de janeiro do anno proximo vindouro, sob pena de incorrerem na multa comminada pela mesma lei.

Eleitores os Srs.:
Francisco Baptista de Almeida.
Joaquim Lucio Monteiro da Franca.
Justino Pereira de Andrade.
José Hygino de Souza Peixe.
Manoel de Almeida Lima.
Joaquim Pedro dos Santos Bezerra.
Dr. Alexandre Bernardino dos Reis e Silva.
Antonio Francisco Xavier.
Amaro Benedicto de Souza.
João Moreira de Mendonça.
Manoel Joaquim Ferreira Esteves.
Joaquim Antonio de Castro Nunes.
João José de Moraes.
Joaquim Clemente dos Santos.
José Carlos de Souza Lobo.
Joaquim José Tavares.

Supplentes os Srs.:
Antonio Joaquim Ferreira de Carvalho.
Manoel Ferreira Accioly.
João de Brito Correia.
Antonio da Silva Gusmão.
Francisco de Oliveira Mello e Silva.
Joaquim Francisco de Paula Esteves Clemente.
Francisco de Paula Meira Lima.
Justiniano Antonio Alves Soares.
Raymundo Nonato Schilk.
Innocencio da Cunha Goianna.
João Francisco Bastos de Oliveira.
João Soares da Fonceca Velloso.
Domingos dos Passos Miranda.
Manoel Fonceca de Medeiros.
Honorato Joseph de Oliveira Figueiredo.
Joaquim José dos Santos.
João das Virgens Motta.
Jenuino José Trvares.

E para constar mandou-se fazer o presente que será affixado no lugar mais publico desta freguezia, e publicado pela imprensa.

Dado e passado nesta freguezia de S. José do Recife aos 9 de dezembro de 1854. Eu José Gonçalves de Sá, escrivão o escrevi.

Manoel José Teixeira Bastos.

DECLARAÇO'ES.

— O conselho de administração naval contrata para os navios armados, barca de escavação, enfermaria de marinha e maruja do arsenal, o fornecimento dos seguintes generos: aguardente branca de 20 grãos, azeite dôce de Lisboa, dito de carrapato, assucar branco, arroz branco do Maranhão, bolacha, bacalhão, café em grão, carne verde, dita secca, farinha de mandioca, feijão molatinho, lenha de mangue em achas, pão, toucinho de Santos ou de Lisboa, vinagre de dita, velas stearinas e de carnaúba, assucar refinado, chá hyson, e manteiga ingleza; pelo que são convidados os que interessarem em dito fornecimento a comparecerem ás 12 horas do dia 20 do corrente, na sala das sessões, com as amostras e propostas, declarando os ultimos preços e os fiadores, não sendo aceitas as que não contiverem essas declarações.

Sala das sessões do conselho de administração naval em Pernambuco, 16 de dezembro de 1854.—O secretario, *Christovão Santiago de Oliveira.*

— O conselho administrativo em cumprimento do art. 22 do regulamento de 14 de dezembro de 1852, faz publico que foram aceitas as propostas de Antonio Pereira de Oliveira Ramos, C. José de Siqueira, Francisco Maciel de Souza, João Pinto de Lemos Junior, Timm Monsen & Vinassa, João Fernandes Parente Vianna, Antonio Ferreira da Costa Braga, Souza & Irmão, e Antonio Francisco Correia Cardozo, para fornecimento, o primeiro, 4,956 botões grandes connexos de metal amarello com granada e n. 4, a 50 rs. cada um, 3,540 ditos pequenos com o mesmo n., a 40 rs.; o segundo 379 esteiras de palha de carnauba para o quarto batalhão de artilharia a pé a 9$000 rs. o cento, 11 ditas para a companhia fixa de cavallaria pelo mesmo preço; o terceiro 755 pares de sapatos de sola e vira feitos na terra para o quarto batalhão de artilharia a 1$490 rs., 11 ditos para a companhia de cavallaria pelo mesmo preço, 11 pares de cothurnos para a mesma a 2$500 rs.; o quarto 1,003 covados de panno azul para sobrecasacas do quarto batalhão de artilharia, a 2$400, 150 ditos de dito preto para polainas a 1$880 rs.; o quinto 682 ditos de panno azul para calças, a 2$200, 1,865 varas de brim a 290 rs.; o sexto 354 pares de colxetes pretos para o quarto batalhão de artilharia a 10 rs. o par, 1340 covados de hollanda de forro para o mesmo batalhão a 100 rs., 943 varas de algodãosinho para camisas a 210 rs., um terno de pezos de ferro de meia quarta a um quintal para a companhia de cavallaria por 12$800, 1 braço de ferro grande de balança para o 4º batalhão por 8$000 rs., 1 caldeira de ferro para 50 praças do mesmo por 18$000 rs.; o setimo 345 gravatas de sola de lustre para o 4º batalhão a 380 rs., 11 ditas para a cavallaria pelo mesmo preço; o oitavo 79 grozas de botões brancos de osso a 290 rs., 68 ditas de ditos pelo mesmo preço; o nono um braço grande de ferro de balança para a companhia de cavallaria por 12$000 rs.; e avisa aos supraditos vendedores que devem recolher os referidos objectos ao arsenal de guerra no dia 29 do corrente mez.

Secretaria do conselho administrativo para fornecimento do arsenal de guerra 18 de dezembro de 1854.—*Bernardo Pereira do Carmo Junior*, vogal e secretario.

— Acha-se nesta subdelegacia um quartão que andava vagando sem se saber quem he seu dono: a pessoa a quem elle pertencer compareça para lhe ser entregue. Subdelegacia da freguezia da Varzea 16 de dezembro de 1854.—O subdelegado,
Francisco Joaquim Machado.

— No dia 20 do corrente, depois da audiencia do Sr. Dr. juiz dos feitos da fazenda, as 11 horas da manhãa, se hão de arrematar os bens seguintes, penhorados por execuções da fazenda provincial.

Uma casa terrea na rua Direita dos Afogados n. 3 de José Martins de Mello, com 23 palmos de frente e 90 de fundo, cozinha fora, quintal murado e cacimba propria, avaliada por 800$000.

Uma dita de taipa, na travessa da rua Real n. 5 B, de Antonio José Teixeira Lima, com quintal cercado, avaliada em 400$000.

Um pequeno sitio, na estrada da Torre, de Marcolino e João Firmino da Costa Barradas, com alguns arvoredos, cercado, com uma porteira na frente com cacimba, tanque e uma casa terrea de pedra e cal, com 40 palmos de frente e 80 de fundo e mais uma pequena casa fora e um quarto, que serve de estribaria, avaliada em 2:000$000.

Uma casa terrea, na rua de João Fernandes Vieira n. 46, de Candido d'Albuquerque Maranhão, com 22 palmos de frente e 58 de fundo, quintal em aberto do lado do sul e o mais murado, a qual se acha em armazem, e tem o solo foreiro, avaliada em 350$000.

Uma dita, na rua Real n. 35, de Francisco José Vieira Machado, com 24 palmos de frente e 40 de fundo, cozinha fora, quintal em aberto com alguns arvoredos, cacimba e tanque, avaliada em 500$000.

Um dita na rua do Pilar n. 26, de Isabel Francisca, por Francisco José Simões, com 28 palmos de frente e 70 de fundo, cozinha fora, pequeno quintal murado e com portão para a rua do Brum, avaliada em 800$000.

Um sobrado de um andar e sotão, na rua de Apollo n. 17, de Joaquim Nunes da Silva, com 18 palmos de frente e 80 de fundo, cozinha dentro e pequeno quintal murado, avaliada em 1:500$000.

Uma casa terrea, na rua do Tambia n. 24, de Manoel Coelho Cintra por Antonio da Cruz, com 17 palmos de frente e 60 de fundo, cozinha fóra, quintal murado e cacimba propria, avaliada em 900$000.

Uma dita pequena, no largo da matriz dos Afogados n. 1, da viuva de João Cardozo Ayres, com cozinha fora, quintal murado e cacimba meieira, avaliada em 350$000.

Vinte enxadas novas de ferro, de João Fernandes Parente Vianna, avaliadas em 11$200.

A renda annual do sobrado de 2 andares e loja, no Aterro da Boa Vista, n. 38, dos herdeiros de Antonio Martins Ribeiro, avaliada em 750$000.

A renda annual da casa terrea, na rua de Hortas n. 56, de Manoel Pereira de Moraes, avaliada em 120$000.

A renda annual da casa terrea no becco do Tocolombó da freguezia do Recife n. 2, avaliada em 72$000.

A renda annual da casa terrea na rua da Gloria n. 27, dos herdeiros do padre Gonçalo José de Oliveira, avaliada em 120$000.

A renda annual da casa terrea na rua Direita dos Afogados n. 84, dos herdeiros de José Xavier de Oliveira, avaliada em 48$000.

A renda annual da casa terrea, na rua da Conceição da Boa Vista n. 45, de José de Freitas Barbosa, avaliada em 120$000.

A renda annual da casa terrea meia agua na rua da Senzala Nova n. 3, de Joaquina Maria da Conceição, avaliada em 48$000.

Recife 11 de dezembro de 1854.—O solicitador da fazenda provincial, *José Mariano de Albuquerque.*

CONSELHO ADMINISTRATIVO.

O conselho administrativo em virtude da autorisação do Exm. Sr. presidente da provincia, tem de comprar os objectos seguintes:

Para provimento dos armazens do arsenal de guerra.

Papel de peso, resmas 8.

Officinas de 1.ª e 2.ª classe.

Taboas de assoalho de pinho, duzias 30; oleo de linhaça, arrobas 6.

Para fornecimento de luzes ás estações militares.

Azeite de carrapato, canadas 506; dito de côco, dita 29 1/2; pavios, duzias 6; vellas de carnaúba, libras 142; fio de algodão, ditas 40.

Botica do hospital regimental.

Ameixas passadas, libras 8; amydo, ditas 8; assafetida, dita 1/2; assucar refinado branco, arrobas 8; alcool á 36, canadas 12; antimonio (metal), libra 1/2; acetato de chumbo, libras 8; acido azotico a 40, ditas 4; dito sulphurico, ditas 4; dito chloridico, ditas 4; dito tartarico, ditas 4; dito citrico, ditas 4; banha de porco, arrobas 2; bicarbonato de soda, libras 4; dito de potassa, ditas 8; cyanureto de potassio (branco), dita 1; cicuta, ditas 2; raiz de chicorea, ditas 32; cobre (metal), ditas 2; cascas de wenter, dita 1; carbonato de potassa, ditas 8; cascas de barba-timão, ditas 4; deuto chlorureto de mercurio, dita meia; extracto de salsa parrilha, ditas 2; dito de guayaco, ditas 2; enxofre, ditas 8; estanho (metal), dita 1; fumaria, ditas 8; farinha de trigo ditas 8; flôr de enxofre, ditas 4; ditas de malva, ditas 4; ditas de violas, ditas 4; ditas de papoulas, ditas 2; ditas de sabugueiro, ditas 16; figos passados, ditas 8; gramma, ditas 32; gengibre branco em pó, ditos 1; hydraleool de 20 a 24, canadas 12; iodureto de potassio, libras 4; incenso escolhido, ditas 8; lobilia inflata, ditas 2; licopodio, onças 4; mana, arrobas 2; mar fim queimado, libras 4; musgo de Corcega, dita 1/2; mel de abelhas, libras 32; nitrato de potassa, libras 8; oleo de palma, canadas 3; dito de paricio, libra 1; dito de macela, libra 1; dito de cicuta libra 1; dito de oliveira, canadas 3; dito de bagas de zimbro, onça 1; pastilhas de vichy, caixas 20; ditas de naffé, caixas 50; ditas de ortelãa pimenta, libra 1; passas, libras 8; potassa caustica (em vidro com rolha), onça 1; rob ante syphiliticio, garrafas 25; santonina, onça 1; sulphato de alumina e potassa, libras 8; sementes de Alexandria, libras 2; sulphato de cobre, ditas 4; tartrato de potassa e soda, ditas 8; valerianato de quinino, oitavas 4; dito de zinco, ditas 4; dito de atrofina, dita 1; vinho branco, canada 1; dito tinto do Porto, libras 8; xarope de naffé, vidros 50; dito de tamouroux, garrafinhas 20; dito de pontas de spargo, garrafas 20; tamaras passadas, libras 4; zinco (metal), ditas 4.

Para a colonia militar de Pimenteiras.

Aguardente de 22 graos, 2 garrafas; dita rosada, 1 dita; dita de Sedlitz, 2 ditas; dita de Colonia (essencia), 2 vidros; accetato de morphina, 2 onças; acido nitrico alcoolisado, 2 ditas; dito sulfurico, 2 ditas; dito arcenioso, 1/2 dita; alecrim 1/2 libra; alfazema, 2 ditas; alkali volatil fluido, 2 onças; alvaiade, 1 libra; assafrão, 1 onça; assucar candi, 2 libras; ambar, 1 onça; amendoas doces, 1/2 libra; aveia, 2 ditas; azougue, 4 onças; banha de porco, 4 libras; beijoim, 2 onças; balsamo de arceu, 1 libra; borrachinhas com pipos, oito; borrachas grandes, 4 ditas; calomelanos impalpaveis, 2 onças; canafistula, 1 libra; cantharidas 1/2 dita; capsulas de cupaiba, 2 caixas; cevada, 8 libras; cevadinha, 4 ditas; chocolate de Lechim, 12 pãos; conserva de rosas, 1 libra; creozote beltard, 4 vidros; crystal mineral, 1 libra; cyanure, 1 onça; cyanureto de potassa, 1 dita; citrato de magnesia, 1/2 libra; emplastro confortativo, 1 dita; encerado Le Perdriel, 6 rolos; enxofre sublimado, 1/2 libra; essencia de cravo, 1 onça; dita de rosas, 1 dita; dita de bergamota, 2 ditas; dita de terebentina, 1/2 libra; estoraque, 1 onça; extracto de estramonio, 2 ditas; flores de borragem, 1 libra; ditas de enxofre, 2 onças; ditas de rosas, 1 libra; ditas bequicas, 2 ditas; ditas de beltadona, 1/2 dita; ditas de papoilas 1/2 dita; galha, 1/2 dita; gomma arabica, 2 ditas; dita guta, 4 onças; dita kino, 4 ditas; dita lacca, 4 ditas; hyssopo, 1/2 libra; kermis mineral, 1 onça; labaca aguda, 1 libra; Le Roy purgante, 8 garrafas; dito vomitivo, 4 ditas; linhaça sement e 4 ditas; muriato de amoniaco, 2 onças; mel rosado, 1 garrafa; maná, 16 libras; oleo essencial de sabina, 2 onças; dito ricino, 8 garrafas; oxemel scilitico, 4 onças; dito simples, 4 ditas; pedra lipse, 2 ditas; polpa de tamarindos, 1 libra; pomada oxigenada, 1 dita; dita de pepinos, 1 dita; dita de saturno, 1 dita; poz aromatico 1/2 dita; poz de joanes, 4 onças; raiz de altéa, 4 libras; raspas de viado, 2 ditas; rezina eleme, 1/2 dita; ether acetico, 2 onças; dito sulfurico, 4 ditas; rob ante syphilitico lafecteur, 2 garrafas; salsa de Bristol, 2 ditas; sabão branco, 1 libra; dito de veneza, 2 ditas; espirito de vinho rectificado, 1 garrafa; cerveja preta, 4 ditas; espirito de alecrim, 1 onça; espirito volatil de sal amoniaco dulcificado, 4 onças; scilla em pó, 1 dita; senteio de esporões, 1/2 dita; sanguesugas de Hamburgo, 20; espirito de ortelãa pimenta, 1/2 libra; tapioca, 4 ditas; tuthia, 2 onças turbette mineral, 2 ditas; tintura de beijoim composta, 4 ditas; dita de ferro muriatico; 2 ditas; verdete, 4 onças; vezicatorio, 2 libras: xarope do bosque, frascos grandes quatro; ditos de acetato de morphina, garrafas 2; ditos de pontas de espargo, ditas 2; ditos de ruibarbo, ditas 1; ditos de chicoria, dita 1; dito de althea, ditas 2; dito emetico, ditas 2; dito de flor de laranja, ditas 2; dito scilitico, dita 1; dito de ipecacuanha, dita 1; laminas de puz vaccinico numero 4; aguador de folha fornida, de palmo e meio de altura, e palmo de largura, com furos no bico, para banhos de infusão nas molestias de pelle, numero 1; caixas de madeiras com ligas, para a reducção das fracturas da coxa ou membros inferiores, ditos 4; pratos de folha 12; tigellas de dita 12; machinas de sarjar com duas columnas de navalhas, 1; casarollas de pó de pedra com 12 polegadas de bocca, e uma com 8 ditas, 3; bacias de arame com 12 polegadas de bocca para lavatorio de chagas 2; marmitas de folha 8; cobertores de baeta 12; funis pequenos de folha de flandres 1; marmita de ferro forrada de estanho para a botica 2 balança de latão com conxas razas de 12 polegadas de espaço 1; orinoes brancos 6; urupemas sendo 1 bem fina 4; livros para o espediente da botica e enfermaria 4; elementos de pharmacia de pharmacopia.

Quem quizer vender estes objectos apresente as suas propostas em cartas fechadas, na secretaria do conselho as 10 horas do dia 21 do corrente mez.

Secretaria do conselho administrativo para fornecimento de arsenal de guerra 13 de dezembro de 1854.—*José de Brito Inglez*, coronel presidente, *Bernardo Pereira do Carmo Junior*, vogal e secretario.

— Por esta subdelegacia se declara, que se acha recolhido em deposito, para ser entregue a quem provar que lhe pertence, um burro com cangalha, que appareceu sem guia na tarde de 13 do corrente, pelo pateo da Penha. Subdelegacia de S. José do Recife 14 de dezembro de 1854.—O subdelegado supplente—*Manoel Ferreira Accioli.*

AVISOS MARITIMOS.

AO PARA'.

Vai seguir mui brevemente a escuna FLORA, capitão José Severo Rios, só póde receber carga miuda: trata-se com os consignatarios Antonio de Almeida Gomes & C., na rua do Trapiche n. 16, segundo andar.

Real companhia de paquetes inglezes a vapor.

No dia 21 deste mez, espera-se do sul, o vapor *Severn* commandante Gilies, o qual depois da demora do costume seguira para a Europa: para passageiros etc., trata-se com os agentes Adamson Howie & C.

—Para o Rio de Janeiro, sahe no dia 25 do corrente o brigue nacional «Sagitario», de primeira classe: para o resto da carga e passageiros, trata-se com Manoel Francisco da Silva Carriço, na rua do Collegio n. 17, segundo andar.

PARA O RIO DE JANEIRO.

Sahe com muita brevidade, o bem conhecido patacho nacional «Valente», capitão Francisco Nicoláo de Araujo: para o resto da carga e escravos a frete, trata-se com os consignatarios Novaes & C., ou com o capitão na praça.

PARA O RIO DE JANEIRO,

o brigue nacional «Mariannão» sahe com toda a brevidade; recebe carga a frete, escravos e passageiros: quem pretender embarcar, trate com Manoel Ignacio de Oliveira, na praça do Corpo Santo n. 6, escriptorio, ou com o capitão José da Cunha Junior.

— Para o Rio de Janeiro segue viagem com brevidade o brigue nacional *Nero*; para carga e escravos a frete, trata-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar.

— Para Lisboa sahe com a maior brevidade o brigue portuguez *Oceano*, de primeira marcha; para o resto da carga e passageiros, trata-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar.

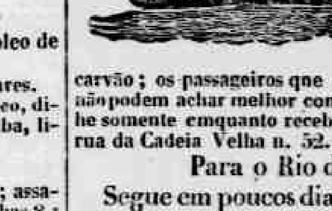
PARA O RIO DE JANEIRO,

o brigue nacional «Damão» segue com brevidade por ter parte de seu carregamento prompto; para o resto da carga, passageiros e escravos a frete, trata-se com Machado & Pinheiro, na rua do Vigario n. 19, segundo andar.

— Para Lisboa pretende seguir com toda a brevidade a barca portugueza «Gratidão»: para carga e passageiros, trata-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o capitão na praça.

— Para o Rio de Janeiro pretende sahir com a possivel brevidade o patacho nacional «D. Pedro V»: para carga e escravos a frete, trata-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar.

Companhia de Liverpool.



Espera-se de Liverpool, no dia 19, o vapor de rodas *Pampero*, commandante G. Staram, o qual tem de entrar para o mosqueiro a receber carvão; os passageiros que quizerem ir para o sul, não podem achar melhor commodidade, a sua demora he somente emquanto recebe o carvão: agencia na rua da Cadeia Velha n. 52.

Para o Rio de Janeiro

Segue em poucos dias, o brigue nacional «Hebe», capitão André Antonio da Fonseca, por ter a maior parte do seu carregamento prompto: para o resto e escravos a frete, trata-se com Manoel Alves Guerra Junior, na rua do Trapiche n. 14.

LEILO'ES.

— O agente Victor fará leilão no seu armazem, rua da Cruz n. 25, de explendido sortimento de obras de marcineiria, novas e usadas, de differentes qualidades, relogios para algibeira de ouro e de metal galvanisado, ditos de parede e de cima de mesa, candieiros para meio de sala, lanternas com pés de vidro e casquinho, charutos da Bahia, superior qualidade, esteiras de palha de carnauba, saccas com feijão branco e mulatinho, porção de chapeos do Chile, isto he pechincha; e será tambem vendido um cabriolet novo de muito gosto, com dous arreios, um novo e outro em meio uso, dous chicotes, tambem um novo e outro em meio uso, e dous pares de lanternas para o mesmo: quarta-feira, 20 do corrente, as 10 1/2 horas da manhãa.

— Rostron Rooker & Companhia farão leilão por intervenção do agente Oliveira, e por conta e risco de quem pertencer, em lotes a vontade dos compradores, de cerca de 400 barricas de farinha de trigo avariada; a bordo da galera americana «Juniper,» capitão Pinkeney, na sua recente viagem procedente de New-York com destino a este porto: terça-feira, 19 do corrente, as 11 horas da manhãa em ponto, no seu armazem, sito no becco do Gonçalves, no Recife.

— O agente Oliveira fará leilão da mobilia de um cavalleiro que se retira desta cidade, consistindo em cadeiras de diversas qualidades, sofás, mesas redondas, consolos, bancas de jogo, ditas de gavetas e para luz, toillet, espelhos, guarda-livros, guarda-louça, guarda-roupas, marquezas, lavatorios, machina de copiar, apparelho de louça para jantar, dito para chá, dito de metal, galheteiro, ornamentos para mesa, relogio dito, vasos de porcelana, rico estojo para barba, candieiro inglez de globo, lanternas, garrafas para clarete e outros vinhos, copos para agua e para vinho, banheiro de folha e outros muitos objectos: sexta-feira 22 do corrente, as 10 horas da manhãa, no primeiro andar da casa nova n. 20 do Sr. Luiz Antonio de Siqueira, na rua da Cadeia do Recife com entrada pela rua da Senzala Velha.

— O conselho de direcção do banco de Pernambuco, em conformidade com os artigos 60 e 66 dos seus estatutos, fará leilão por conta e risco de quem pertencer, e por intervenção do agente Oliveira, de 1,557 caixas sabão, contendo 27,392 libras, marca Soap, e 36,231 libras amarello: sexta-feira, 29 do corrente dezembro, ás 10 horas da manhãa, no Trapiche Alfandegado denominado—Alfandega Velha.

AVISOS DIVERSOS.

—Tendo-se reconhecido que a despeza de escripta e cobrança do importe dos annuncios he superior ao valor delles, previne-se aos senhores assignantes deste «Diario» que quando os mandarem, remettam igualmente a sua importancia; alias não serão publicados.

— Maria da Purificação retira-se para Portugal, levando em sua companhia 6 filhos de menor idade.

— Aluga-se uma casa em Beberibe, muito boa, na povoação, para passar a festa: na rua da Cadeia do Recife n. 60.

— O abaixo assignado, vendo no *Diario* n. 288, no edital do Illm. Sr. Dr. juiz dos feitos da fazenda provincial para ser arrematada pelas rendas, a sua casa terrea sita na rua de Hortas n. 56, para pagamento das decimas, e como se ache a mesma quite com o pagamento deste imposto, o que talvez isso se désse por engano, por isso previne a quem possa interessar, que protesta pelo seu direito em todo tempo.—*Antonio Ferreira Braga.*

— Precisa-se de uma ama, que saiba cozinhar e fazer todo o mais serviço de uma casa: no largo do Terço segundo andar n. 27.

ILEGÍVEL
DATA INCORRETA

— Joaquim Antonio Corrêa Gaião declara, que havendo comprado no anno de 1842 os escravos Manoel e Vicente á Joaquim José Pereira, ditos escravos desappareceram de seu engenho Palma, sito na comarca do Limoeiro, no dia 11 do corrente, seduzidos por um pardo que os conduzio para esta cidade. Consta ao abaixo assignado que ditos escravos se acham occultos nesta cidade, e que se dizem com direito a elles Luiz Pinto da Costa, Manoel e Sisinando Brilhante, os quaes todavia não se dirigiram ao abaixo assignado, nem propozeram acção alguma para reivindica-los. O abaixo assignado está disposto a sustentar o seu dominio e posse de mais de doze annos, e protesta desde já proceder contra quem seduzio ditos escravos, e os tem occultos, porque ainda no caso de não ser legitimo proprietario quem os vendeu, somente por acção competente podiam ser havidos, e portanto tem o abaixo assignado direito indisputavel de proceder contra quem as houve por meios criminosos e reprovados; quem dos mesmos escravos souber e quizer dar noticia, dirija-se a Manoel Antonio Gonçalves na rua do Cabugá, que será recompensado.—*Joaquim Antonio Corrêa Gaião*

— Aluga-se um grande armazem na rua das Flores, perto do embarque, proprio para cocheira ou recolhimento de materiaes, madeiras, ou outro qualquer estabelecimento, tem um grande sotão para dormida: a tratar na rua Nova n. 65.

— Antonio Francisco Corrêa Cardozo, avisa ao publico, que tem accrescentado o seu estabelecimento da rua da Cadeia do Recife junto ao arco da Conceição n. 64, e nova rua do Brum n. 1, com uma loja de ferragens de todas as qualidades, a qual addicionou officina de caldeireiro e funileiro: roga-se a todos os seus freguezes da praça, do matto e do sertão, desta e outras provincias, e ao publico em geral, de concorrerem ao seu estabelecimento no qual serão muito bem e com promptidão servidos; os generos são da melhor qualidade, e o sortimento completo de ferragens finas e grossas, ferro, aço e estanho, obras de cobre e de folha de flandres de todas as qualidades, vidros de vidraça; recebe encommendas para alambiques, e quaesquer obras de engenho; por seu desvelado desempenho, deseja captar a benevolencia de seus freguezes e a concurrencia publica.

— Antonio Botelho Pacleu retira-se para fóra da provincia.

— Precisa-se alugar uma preta escrava para o serviço externo e interno de uma casa; na rua da Cadeia do Recife n. 17.

— Precisa-se de uma ama para casa de pouca familia: na rua do Hospicio n. 11.

Na rua Bella n. 9, alugam-se ate 4 escravas, que sejam fieis para serem empregadas no serviço de vender nesta cidade diversos objectos, da-se 14$000 rs. por mez: quem quizer alugar dirija-se a dita casa.

LOTERIA DA PROVINCIA.

O cautelista Antonio José Rodrigues de Souza Junior avisa ao respeitavel publico, que tem resolvido d'ora em diante a pagar tambem as suas cautelas sem desconto algum como os seus bilhetes, e por isso tem exposto a venda nas lojas do costume os novos bilhetes e cautelas da loteria primeira parte da primeira das amoreiras, cujas rodas andam em principio de janeiro vindouro, aos preços abaixo declarados:

Bilhetes.	5$500
Meios.	2$800
Quartos.	1$500
Oitavos.	800
Decimos.	700
Vigesimos.	400

—O abaixo assignado roga aos senhores solicitadores do fôro, que hajam de declarar por este jornal, se alguma vez elle cobrara custas pertencentes ao Sr. escrivão Santos.—Domingos Barboza Rodrigues.

— J. R. Lasserre & C., participam ao publico, que Manoel José Dias deixou de ser seu caixeiro desde o dia 18 do corrente.

—O Sr. Joaquim Pereira de Azevedo Ramos, tem uma carta na rua do Crespo loja n. 16

LOTERIA DO RIO DE JANEIRO.

A todo instante esperamos do Rio de Janeiro o vapor «Guanâbara», conductor das listas da loteria 48 do Monte-Pio geral, e logo que se distribuam as mesmas, serão pagos sem disconto algum os premios, nas lojas do costume.

LOTERIA DA PROVINCIA.

Foi vendido na casa da Fama do aterro da Boa-Vista n. 48, o meio bilhete n. 18 com 2:000$000 rs., e outro meio n. 2455 com 400$000 rs. em decimos, tudo da loteria de N. S. do Livramento.

— Precisa-se de uma pessoa habilitada para ensinar latim, francez, geographia e musica, em um engenho distante desta praça 10 leguas: os pretendentes queiram dirigir-se á rua da União, ou na alfandega ao Dr. L. de C. Paes de Andrade, que lhes dará todos os esclarecimentos necessarios.

— Quem achou uma carteira com uma baixa de primeira linha desde o Forte do Mattos até os Afogados, e queira entregar, se gratificará: em Fóra de Portas, casa n. 135.

— O abaixo assignado, tendo-se despedido da casa do Sr. Boaventura José de Castro Azevedo, agradece o bom tratamento e confiança que recebeu do mesmo senhor durante o tempo que esteve em sua casa, e deseja ter occasião para lhe mostrar o quanto lhe he summamente grato.
Joaquim de Andrade Lima.

— Subtrahiram do poder do abaixo assignado, muito contra sua vontade, na noite de 16 do corrente, em sua propria residencia, um relogio de ouro com corrente do mesmo metal, isto em occasião em que se achava com algumas pessoas de sua amizade e outras de simples conhecimento. Acredita o abaixo assignado que isto lhe foi feito por gracejo, mas como já tenham passado 24 horas e o gracejo ainda não terminou, roga ao gracejador o obsequio de lh'o restituir, certo de que terá de ver seu nome por extenso neste jornal, no caso de pertinacia, e saberá mais o publico os dados de que se servio o tal individuo para commetter tal acção.
Miguel Fernandes Eiras.

— O Dr. Praxedes Gomes de Souza Pitanga faz sciente ao publico, que mudou sua residencia para o aterro da Boa-Vista n. 12, primeiro andar, onde póde ser procurado para os trabalhos de sua profissão medica.

— Antonio Gomes Pessoa faz sciente a quem convier, que tendo dado de renda o seu engenho Tabatinga, sito na freguezia da Tacuara, provincia da Parahiba do Norte, ao Sr. Manoel Claudio de Queiroz, acontece que este sem seu consentimento traspassasse o arrendamento do referido engenho ao Sr. tenente-coronel Herculano de Sá Cavalcanti e Albuquerque, e como não convenha esse traspasse ao abaixo assignado sem que concorde o novo rendeiro em condições diversas d'aquellas que se acham na escriptura feita ao dito Sr. Queiroz, protesta o abaixo assignado contra o traspasso, para que chegue ao publico o direito que tem aos bens do Sr. Queiroz, para solução do pagamento das lettras á que está obrigado provenientes do arrendamento. Recife 18 de novembro de 1854.—*Antonio Gomes Pessoa.*

— Victima da calumnia de um homem sem consciencia, nada respondo; porque sendo vil a calumnia, baixa e immunda sua fonte, seu dente maligno não póde morder a mim, que desafio provas contra minha honra, a qual assás conhecida por aquelles que me conhecem e por quem não se deixar levar por—vistosos e fôfos palavrões—e está bem a salvo dos botes do mais vil, hediondo e malvado reptil.—O 1.º escripturario da thesouraria da fazenda,
José Francisco Gonçalves.

— Precisa-se de um homem para trabalhar em um sitio perto, e que administre alguns escravos: na rua do Passeio Publico, loja n. 7.

— Na rua do Rangel n. 42, lava-se e engomma-se com asseio e promptidão.

— Quarta-feira 20 do corrente, finda a audiencia do Sr. juiz dos feitos da fazenda, e perante o mesmo, se ha de arrematar por ser a ultima praça, duas casas terreas, sitas na rua das Flores n. 19 e 21, as quaes vão ser arrematadas para pagamento da fazenda nacional.

— No dia 20 do corrente, pelas 3 horas da tarde, na porta do Illm. Sr. Dr. juiz da segunda vara, se hão de arrematar diversos escravos e moveis, penhorados aos herdeiros de Julião Beranger, devendo os moveis serem arrematados logo que se proceder a arrematação dos escravos: no armazem da rua da Florentina aonde se acham.

NO CONULTORIO
DO DR. CASANOVA,
RUA DAS CRUZES N. 28,
vendem-se carteiras de homeopathia de todos os tamanhos, por preços muito em conta.
Elementos de homeopathia, 4 vols. 6$000
Tinturas a escolher, cada vidro. 1$000
Tubos avulsos a escolher a 500 e 300
Consultas gratis para os pobres.

— Precisa-se de um rapaz de 12 a 14 annos para a botica da rua estreita do Rosario n. 23, e se tiver principio de pharmacia melhor será: a tratar na mesma.

CONSULTORIO DOS POBRES
25 RUA DO COLLEGIO 1 ANDAR 25.

O Dr. P. A. Lobo Moscozo dá consultas homeopathicas todos os dias aos pobres, desde 9 horas da manhãa até o meio dia, e em casos extraordinarios a qualquer hora do dia ou noite.

Offerece-se igualmente para praticar qualquer operação de cirurgia, e acudir promptamente a qualquer mulher que esteja mal de parto, e cujas circumstancias não permittam pagar ao medico.

NO CONSULTORIO DO DR. P. A. LOBO MOSCOZO.
25 RUA DO COLLEGIO 25
VENDE-SE O SEGUINTE:

Manual completo de meddicina homeopathica do Dr. G. H. Jahr, traduzido em portuguez pelo Dr. Moscozo, quatro volumes encadernados em dous e acompanhado de um diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc. . . . . . 20$000

Esta obra, a mais importante de todas as que tratam do estudo e pratica da homeopathia, por ser a unica que contém a base fundamental d'esta doutrina—A PATHOGENESIA OU EFFEITOS DOS MEDICAMENTOS NO ORGANISMO EM ESTADO DE SAUDE—conhecimentos que não podem dispensar as pessoas que se querem dedicar á pratica da verdadeira medicina, interessa á todos os medicos que quizerem experimentar a doutrina de Hahnemann, e por si mesmos se convencerem da verdade d'ella: a todos os fazendeiros e senhores de engenho que estão longe dos recursos dos medicos: a todos os capitães de navio, que uma ou outra vez não podem deixar de acudir a qualquer incommodo seu ou de seus tripulantes: a todos os pais de familia que por circumstancias, que nem sempre podem ser prevenidas, são obrigados a prestar *in continenti* os primeiros soccorros em suas enfermidades.

O vade-mecum do homeopatha ou traducção da medicina domestica do Dr. Hering, obra tambem util as pessoas que se dedicam ao estudo da homeopathia, um volume grande, acompanhado do diccionario dos termos de medicina . . . . 10$000

O diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc., encardenado. . . . 3$000

Sem verdadeiros e bem preparados medicamentos não se pode dar um passo seguro na pratica da homeopathia, e o proprietario deste estabelecimento se lisongeia de te-lo o mais bem montado possivel e ninguem duvida hoje da grande superioridade dos seus medicamentos.

Boticas de 24 medicamentos em globulos, a 10$, 12$ e 15$000 rs.

Ditas	36	ditos	a	20$000
Ditas	48	ditos	a	25$000
Ditas	60	ditos	a	30$000
Ditas	144	ditos	a	60$000
Tubos avulsos				1$000
Frascos de meia onça de tinctura				2$000

Na mesma casa ha sempre a venda grande numero de tubos de crystal de diversos tamanhos, vidros para medicamentos, e apprompta-se qualquer encommenda de medicamentos com toda a brevidade e por preços muito commodos.

— Novos livros de homeopathia em francez, obras todas de summa importancia:

Hahnemann, tratado das molestias chronicas, 4 volumes.	20$000
Teste, molestias dos meninos	6$000
Hering, homeopathia domestica	7$000
Jahr, pharmacopea homeopathica	6$000
Jahr, novo manual, 4 volumes	16$000
Jahr, molestias nervosas	6$000
Jahr, molestias da pelle	8$000
Rapou, historia da homeopathia, 2 volumes	16$000
Harthmann, tratado completo das molestias dos meninos	10$000
A Teste, materia medica homeopathica	8$000
De Fayolle, doutrina medica homeopathica	7$000
Clinica de Staoneli	6$000
Casting, verdade da homeopathia	4$000
Diccionario de Nysten	10$000
Attlas completo de anatomia com bellas estampas coloridas, contendo a descripção de todas as partes do corpo humano	30$000

vedem-se todos estes livros no consultorio homeopathico do Dr. Lobo Moscoso, rua de Collegio n. 25, primeiro audar.

CASA DA AFERIÇÃO, PATEO DO TERÇO, N. 16.

O abaixo assignado faz ver a quem interessar possa, que no dia 31 do corrente finalisa-se o prazo marcado pelo art. 2.º do tit. 11.º das posturas da camara municipal desta cidade, dentro do qual devem ser aferidos os pesos e medidas; findo este incorrerão os contraventores nas penas do mesmo artigo. Recife 13 de dezembro de 1854.—*Praxedes da Silva Gusmão.*

PUBLICAÇAO' DO INSTITUTO HOMEOPATHICO DO BRASIL.
THESOURO HOMEOPATHICO OU VADE-MECUM DO HOMEOPATHA.

Methodo conciso, claro e seguro de curar homeopathicamente todas as molestias que affligem a especie humana, e particularmente aquellas que reinam no Brasil, redigido segundo os melhores tratados de homeopathia, tanto europeos como americanos, e segundo a propria experiencia, pelo Dr. Sabino Olegario Ludgero Pinho. Esta obra he hoje reconhecida como a melhor de todas que tratam da applicação homeopathica no curativo das molestias. Os curiosos, principalmente, não podem dar um passo seguro sem possui-la e consulta-la. Os pais de familias, os senhores de engenho, sacerdotes, viajantes, capitães de navios, sertanejos etc. etc., devem te-la a mão para occorrer promptamente a qualquer caso de molestia.

Dous volumes em brochura por 10$000
» » encadernados 11$000

vende-se unicamente em casa do autor, no palacete da rua de S. Francisco (Mundo Novo) n. 68 A.

RETRATOS.

No aterro da Boa Vista n. 4, terceiro andar, continua-se a tirar retratos, pelo systema crystalotypo, com muita rapidez e perfeição.

J. JANE, DENTISTA,

continúa a residir na rua Nova n. 19, primeiro andar.

AULA DE LATIM.

O padre Vicente Ferrer de Albuquerque, professor jubilado de grammatica latina, tem estabelecido sua aula particular na rua Direita sobrado n. 27, segundo andar, onde recebe todos os alumnos, quer externos ou internos, tanto desta praça como do mato, mediante a razoavel convenção que pessoalmente offerecera'.

DENTISTA FRANCEZ.

Paulo Gaignoux, estabelecido na rua larga do Rosario n. 36, segundo andar, colloca dentes com gengivas artificiaes, e dentadura completa, ou parte della, com a pressão do ar.

Tambem tem para vender agua dentifrice do Dr. Pierre, e pó para dentes. Rua larga do Rosario n. 36 segundo andar.

— O Sr. procurador da camara municipal do Limoeiro, haja de mandar pagar a assignatura do «Diario de Pernambuco», para a mesma camara, que se acha em grande atrazo de pagamento.

— O Sr. Antonio Ferreira da Costa Braga tem uma carta na livraria ns. 6 e 8 da praça da Independencia.

— Aluga-se para o serviço de boleiro um escravo mulato com muita pratica desse officio. Na rua da Saudade fronteira a do Hospicio, casa da residencia do Dr. Lourenço Trigo de Loureiro.

— O Sr. Joaquim Ferreira que teve loja na pracinha do Livramento tem uma carta na livraria ns. 6 e 8 da praça da Independencia.

— O encarregado do reconhecimento e medição dos terrenos de marinha, faz sciente aos Srs. Manoel Joaquim Baptista, Joaquim Alves Barbosa, Manoel Peres Campello Jacome da Gama e Domingos José Pereira da Costa, que os termos da medição dos terrenos que lhes foram concedidos, acham-se lavrados, e que lhes foi marcado por ordem do Exm. Sr. presidente da provincia o prazo de tres mezes contados da data do despacho de concessão para solicitarem os seus titulos, findo o qual não os solicitando, perderão os mesmos terrenos, e serão aforados a quem os pretender.

— Precisa-se de uma ama tão sómente para fazer o almoço e cuidar do aceio da casa de um homem solteiro: a tratar na rua da Cadeia n. 9.

— No dia 14 do corrente a tarde appareceu em casa de Victorino Antonio Martins, morador na Boa-Vista, o preto Jacintho, escravo de Josepha de tal, moradora no engenho Noruega; o annunciante pretende compra-lo, sua senhora mande concluir este negocio; e de nenhum modo se responsabilisa pela fuga de dito escravo.

— Antonio Egidio da Silva, lente de geometria do lyceu desta cidade, abre no dia 2 de janeiro do anno vindouro, na casa de sua residencia, na rua Direita n. 78, um curso de geometria por Euclides e Lacroix: os senhores estudantes que o quizerem frequentar, poderão dirigir-se a mencionada casa, de manhãa das 7 horas até as 9, e de tarde das 3 até as 5.

— Aluga-se a sala defronte do primeiro andar do sobrado n. 17, na rua da Cruz, com commodos para escriptorio, está caiado e pintado de novo: a tratar no armazem n. 25, na mesma rua.

— Manoel José da Matta, subdito portuguez, retira-se para o Pará.

— Desappareceu um pardo por nome Manoel, que representa 35 annos, alto, grosso, côr acaboclada, serviço de campo, tem um ar sombrio, pés grossos, trabalhava no sitio Mongonga, na estrada da Ibura, tem mais diversas marcas de sarnas nas pernas e braços; foi escravo de Antonio Luiz de Puros, em Porto Calvo: consta tomára a estrada do sul: quem o pegar e trouxer na rua da Praia n. 43, ou no sitio Mongonga será gratificado.

— Francisco da Luz, subdito portuguez, retira-se para fóra da provincia.

— O francez Justino Neral retira-se para os portos do norte do imperio.

— Precisa-se de uma ama secca de meia idade, que seja capaz e dê fiador, para uma casa de pouca familia, que não tem meninos: a tratar na rua da Santa Cruz n. 22.

— Precisa-se de um trabalhador de masseira ou mesmo que não entenda, com tanto que saiba lêr, que tem de entregar pão em uma pequena freguezia, fiado, por conta da casa; a tratar na padaria do pateo da Santa Cruz n. 6.

— Precisa-se de uma ama para o serviço de uma casa de pouca familia: na rua do Queimado, esquina do becco do Peixe Frito.

— No hotel da Europa da rua da Aurora tem bons petiscos a cada hora, pelos preços fixos na tabella, muito razoaveis.

— Precisa-se de uma ama para casa de pouca familia, que compre e cozinhe: a tratar na rua do Livramento n. 36, loja de cera.

— Precisa-se de uma ama secca, preta ou parda: na rua Bella n. 20.

Joias.

Os abaixo assignados, donos da loja de ourives na rua do Cabugá n. 11, confronte ao pateo da matriz e rua Nova fazem publico que receberam de novo uma porção de obras de ouro muito ricas e dos melhores gostos, tanto para senhoras como para homens e meninas; continuam os preços mesmo baratos com tem sido, e passa-se contas com responsabilidade especificando a qualidade do ouro de 14 ou 18 quilates, ficando assim sujeitos os mesmos por qualquer duvida.
Serafim & Irmão.

— Perdeu-se um conhecimento de n. 90, da quantia de 400$000 rs., recebido na thesouraria da fazenda desta provincia: quem o tiver achado, ou por qualquer modo delle esteja de posse, dirija-se a rua da Praia de Santa Rita n. 42, que será generosamente gratificado além do agradecimento.

— Precisa-se alugar uma ama de leite, com boa conducta, e de bastante leite, para criar; paga-se bem: a tratar na rua Direita n. 66.

— No aterro da Boa-Vista, loja n. 1, precisa-se de um negro ou negra para o serviço da casa.

— A ABAIXO ASSIGNADA FAZ PUBLICO, que tendo entregue ao Sr. Antonio José Vieira de Souza, corretor, um seu escravo de nome José, crioulo, com os signaes seguintes: representa ter 38 annos, secco do corpo, estatura regular, côr bem preta, bem barbado, pés bem seccos, olhos avermelhados, tem nos peitos uma grande cicatriz, mostra vestigios de ter já sido surrado, quando falla he muito descançado, levou camisa de algodão de listra azul, calça de panno fino azul e chapéo de couro, o qual tinha-o dado para vender; o mesmo senhor lhe declarou ter elle fugido no dia 22 de novembro, na occasião de manda-lo a serviço seu, de deitar uma tina na praia a noite, e por isso a annunciante roga a todas as autoridades policiaes, capitães de campo e qualquer pessoa que o encontrar, o peguem e tevem-o em seu sitio, no lugar da Piranga, ou ao seu procurador o Sr. capitão Antonio Gonçalves de Moraes, ambos moradores na freguezia dos Afogados, que bem recompensará; e protesta haver o mesmo escravo, perdas e damnos não só do mesmo Sr. Souza como de outra qualquer pessoa onde fôr encontrado.
Ignacia Maria de Jesus.

COMPANHIA DE BEBERIBE.

Não tendo as propostas offerecidas a administração da companhia de Beberibe, pelo rendimento da taxa dos chafarizes da cidade, coberto o rendimento do ultimo anno administrado pela mesma companhia, que produzio rs. 65:971$759; a administração convida pela terceira vez as pessoas a quem convier contratar a arrecadação da dita taxa, por bairros ou em sua totalidade a comparecerem, com as suas propostas em cartas fechadas, declarando seus fiadores, no dia 19 do corrente ao meio-dia, no escriptorio da mesma companhia, no primeiro andar da casa n. 7 da rua Nova. Recife 15 de dezembro de 1854.—O secretario, Luiz da Costa Portocarreiro.

— O agente da empreza da livraria popular e historica de Lisboa, avisa aos senhores assignantes da Biblia Sagrada, que acaba de chegar o 6 e 7 folheto da mesma obra, os quaes se entregam na livraria classica no pateo do Collegio n. 2. O mesmo agente convida a todas as pessoas que quizerem assignar essa excellente obra, á dirigirem-se a mesma livraria, onde podem receber os 7 folhetos já publicados; assim como dá um exemplar gratis a quem se responsabilisar por oito assignaturas: dous exemplares a quem se responsabilisar por 16 assignaturas, e assim por diante, um exemplar por cada 8 assignaturas.

— Ensina-se com toda a perfeição francez e inglez: na rua do Cotovello defronte do sobrado em que morou o Dr. Alcanforado.

— Luiza Rosa de Jesus retira-se para a Ilha da Madeira, levando em sua companhia um filho de menor idade.

CINCOENTA MIL REIS DE GRATIFICAÇAO.

Desappareceu no dia 6 de novembro, Benedicta, de 14 annos de idade, vesga, côr acaboclada; levou um vestido de chita com listras, côr de rosa e de cafe, e outro tambem de chita branca com palmas, um lenço amarello no pescoço já desbotado: quem a apprehender, conduza-a á Apipucos, ao Giteiro, em casa de João Leite de Azevedo, ou no Recife, na praça do Corpo Santo n. 17, que receberá a gratificação acima.

— Quem quizer comprar uma taberna no Mondego n. 74, com pouco fundo, dirija-se a mesma, que achará com quem tratar.

— Está justa e contratada com o Sr. Joaquim Antonio de Siqueira, neto da finada D. Marianna, do Manguinho, uma morada de casa terrea, com chãos proprios, na rua em S. José do Manguinho n. 27, a qual se acha lançada nas decimas por engano, no municipio de Olinda, em nome de Joaquim José Gonçalves: quem se julgar com direito a mesma ou hypotheca, dirija-se a rua do Brum n. 16, desta data a 8 dias, e passados estes se fixará a compra, e não se annuirá a cousa alguma.

— Na rua do Vigario n. 27, precisa-se alugar um preto para todo serviço, e tambem de compra, sendo que agrade em preço e qualidade.

COMARCA E VILLA DO BONITO.

Previne-se ao intitulado senhor da propriedade Capivara, sita no termo da villa de Bonito, que os verdadeiros senhores desta propriedade são os que tem o direito de vende-la ou usufrui-la; e são estes—tres netos do finado senador José Carlos Mariink da Silva Ferrão, dentre os quaes figura como administrador dos bens de sua mulher o bacharel Nabor Carneiro Bezerra Cavalcanti.

— Precisa-se de uma ama e um criado para casa de homem solteiro, se forem aquelles captivos será melhor: quem estiver nestas circumstancias, dirija-se ao Passeio Publico, loja n. 11.

— Paulo José Gomes e Manoel Medeiros de Souza avisam ao respeitavel e muito principalmente aos seus freguezes, que mudaram o seu estabelecimento de serraria da rua da Praia de Santa Rita para a rua da Cadeia de Santo Antonio n. 19, aonde continuam a ter sortimento de taboado, tanto de amarello como de louro, por preço o mais commodo possivel.

— Da loja do abaixo assignado, sita na praça da Independencia n. 40, foi subtrahido um meio bilhete da 48 loteria do Monte Pio Geral, n. 1748 e como desde a data da subtracção até hoje não se tenha entregue ao abaixo assignado o dito meio bilhete, roga-se a pessoa em poder de quem esteja, que venha ou mande entrega-lo antes da chegada da competente lista, afiançando-se todo o silencio neste negocio; e recommenda-se altamente a quem quer que seja, de não receber tal bilhete quando tenha de sahir premiado, afim de evitar algum incommodo.
Antonio José de Faria Machado.

TOALHAS
E GUARDANAPOS DE PANNO DE LINHO PURO.

Na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a cadeia, vendem-se toalhas de panno de linho, lisas e adamascadas para rosto, ditas adamascadas para mesa, guardanapes adamascados, por preços commodos.

— Lava-se e engomma-se com toda a perfeição e aceio: no largo da ribeira de S. José, na loja do sobrado n. 15.

—Precisa-se fallar ao Sr. Jacintho Affonso Botelho, que morou no aterro da Boa-Vista, e hoje dizem que mora para as bandas de Beberibe, e como se não saiba o lugar de sua morada pede-se-lhe annuncie, ou dirija-se a esta typographia.

Manoel Custodio Peixoto Soares, D. Anna Loduvina de Paiva, e D. Hermenegilda Candida da Fonseca Soares, summamente gratos a todos os senhores que tomaram parte em seus pesares, pelo fallecimento de seu muito presado e sempre saudoso sogro, irmão e pai, o Sr. Manoel Cardozo da Fonseca, lhes agradecem cordialmente a bondade que tiveram de acompanhar o enterro ao cemiterio publico; e prevalecendo-se da opportunidade, pedem desculpa aquellas das pessoas de sua amizade que não tivessem convite, visto que as atribulações de um momento tão afflictivo, talvez as obrigassem a commetter algumas dessas involuntarias faltas.

—O cautelista Salustiano de Aquino Ferreira, avisa aos possuidores dos bilhetes inteiros n. 5815, da terceira e ultima parte da sexta loteria a favor das obras de N. S. do Livramento, em que sahio a sorte de 5:000$000 rs., e do meio bilhete n. 18 da dita loteria em que sahio o premio de 2:000$000 rs., e o bilhete inteiro n. 1170 em dous meios, em que sahio o premio de 1:000$000 rs.. podem ir receber na rua do Collegio n. 15, no dia 19, das 9 horas da manhãa as 3 da tarde. Pernambuco 18 de dezembro de 1854.—Salustiano de Aquino Ferreira.

—Aluga-se uma casa terrea na povoação do Monteiro, com a frente para a igreja de S. Pantaleão, muito limpa, fresca, com commodos para familia regular, tendo uma porta e duas janellas na frente: a tratar com Antonio José Rodrigues de Souza Junior, na mesma povoação, ou na rua do Collegio n. 21, segundo andar.

AGUA DOS AMANTES.

Liquido são e especifico para tirar todos os pannos, as sardas e as espinhas (a estas ou as tira de todo ou desenflamma, segundo a sua qualidade), refresca a cutis e faz desapparecer a côr trigueira em cinco dias, de um modo particular; augmenta o lustre e tira as rugas das pessoas que tem feito uso do solimão, que he muito prejudicial á cutis e a saude: cura a bortueja com muita facilidade, por ser muito fresca e sem prejudicar a saude. Em algumas pessoas faz mudar os pannos em tantas pintinhas brancas, que se tornam em uma só de côr natural; ficando desvanecidas todas as manchas, tanto das sardas como de outras quaesquer manchas de todo o corpo.

O methodo de a usar he o seguinte: lavar o rosto (ou qualquer parte do corpo) bem lavado, e com uma toalha lavada se limpa e enchuga-se bem; deposita-se um pouco d'agua n'uma colher de sopa, e com um trapinho ensopado nella se esfrega na parte afectada na occasião de deitar-se e de manhãa. Esta operação será feita deixando ficar o rosto e o corpo untado até segunda fricção, tendo sempre o cuidado de lavar-se e enchugar-se bem antes de untar-se.

Volta-se o duplo do valor quando não faça effeito, e vende-se no unico deposito da rua do Queimado n. 27, preço fixo 2$ a garrafa.

Roubo.

Sexta-feira, 15 do corrente, foi roubado a Mr. Villette, na refinação do Monteiro, 1:195$000 em sedulas de differentes valores, e entre ellas uma de 200$ rs. n. 10885, tendo nas costas o signal 250—54 VL., uma dita do banco n. 1946 de 26 de novembro de 1852, outra de 25 de maio de 1852 n. 416, ambas de 100$000 rs.: a pessoa que apprehender este roubo ou delle souber com certeza, dirija-se a rua Nova, casa de Mr. Lacase, relojoeiro, ou a dita refinação, que será generosamente recompensado.

— Uma criada portugueza se offerece para acompanhar alguma familia para Portugal: quem precisar procure na rua da Concordia, nas lojas do sobrado em que mora o Sr. juiz do civel.

— Aluga-se o sobrado amarello da rua da Praia: a fallar com Guilherme Sette, na rua do Queimado n. 21.

COMPRAS.

— Compra-se papel de embrulho (Diarios) a tostão a libra: na praça da Santa Cruz, na padaria debaixo do sobrado.

— Compra-se um selim que seja usado, mas em bom estado: na rua da Cruz n. 21.

VENDAS

ALMANAK PARA 1855.

Sahiram a' luz as folhinhas de algibeira com o almanak administrativo, mercantil, agricola e industrial desta provincia, corrigido e accrescentado, contendo 400 paginas: vende-se a 500 rs., na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

FOLHINHAS PARA 1855.

Acham-se a' venda as bem conhecidas folhinhas impressas nesta typographia, de algibeira a 520, de porta a 160, e ecclesiasticas a 480 rs., vendem-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

MELPOMENE DE LAN ESCOCEZ
A 500 RS. O COVADO.

Na loja n. 17 da rua do Queimado, ao pé da botica, vende-se alpaca de lãa escoceza, chegada pelo ultimo navio, a qual fazenda na Europa se dá o nome de Melpomene de Escocia, muito propria para roupões e vestidos de senhora e meninos por ser de muito brilho, pelo commodo preço de 500 rs. cada covado; dão-se as amostras com penhores.

BARRIS.

Vende-se uma porção de barris vazios de varios tamanhos, proprios para azeite ou mel: no becco do Carioca armazem de Antonio Pinto de Souza.

— Vende-se uma escrava parda, de bonita figura, de idade de 22 annos, com algumas habilidades e com uma cria de 6 mezes muito linda: na rua de Hortas n. 60.

— De uma taberna que se desmanchou, vendem-se os canteiros, caixões e dous braços para balança, de Romão & C., medidas de pão e pesos: na rua Nova n. 65.

FAMA

No aterro da Boa-Vista, defronte da boneca n. 8, acha-se um novo e completo sortimento de todos os generos de molhados, caixinhas de massas finas para sopa a 3$900, latas de bolachinhas de araruta do Rio de Janeiro a 2$600, manteiga ingleza a 320, 600, 800 e 880 a libra, champagne calmante a 2$800 a garrafa, e meias a 1$500, muito superior cha, linguiças, paios, presuntos, e muitos outros generos de superior qualidade, tudo por preço razoavel.

Castorinho inglez.

Vendem-se superiores chapeos de castorinho inglez, chegados recentemente, e de elegantes fôrmas, a 8$000: na praça da Independencia n. 24 a 30.

— Vendem-se saccas com farinha de mandioca, muito torrada e por menos preço do que em outra qualquer parte: na rua da Cadeia do Recife n. 30.

— Vende-se a armação da loja da rua da Cadeia do Recife n. 10, propria para um principiante, e commodo preço: a tratar na mesma rua n. 30.

Attenção.

Vendem-se apparelhos para cha, de porcelana, dourados, pintados e brancos, ditos azues, apparelhos de jantar, azues, copos para agua, compoteiras, garrafas, calix para vinho, galheteiros, porta-licores, bandejas, lanternas de vidro, de composição e de casquinha ingleza fina, paliteiros de porcelana, bacias, jarros, e caixas de porcelana para sabão, escarradeiras de porcelana e de vidro, frascos de crystal para espirito, e outras muitas mais fazendas por preço mais commodo do que em outra qualquer parte: junto a Conceição dos Militares n. 51.

— Vende-se um presepe de bom gosto; na aterro da Boa-Vista n. 75.

— Vende-se uma morada de casa terrea, sita no pateo do Hospital do Paraizo n. 4, travessa que vai para S. Francisco: quem pretender, dirija-se á rua da Praia, armazem de Antonio Gonçalves Ferreira & Irmão.

— No aterro da Boa-Vista n. 89, vendem-se batatas de Lisboa, ultimamente chegadas, a 1$600 a arroba.

— Vende-se um carro novo de 4 rodas, americano, o qual tem 4 assentos e o do boleiro fóra; serve tanto para um como para dous cavallos, e tambem dous cabrioletes usados: na cocheira do Sr. Miguel Sarger, no aterro da Boa-Vista.

— Vende-se um moleque de 20 annos, bom cozinheiro e bom canoeiro: na rua da Cruz n. 19.

— Vendem-se 2 escravos moços, de bonitas figuras, de idade 20 a 24 annos: na rua Direita n. 3.

ATTENÇAO'.

Vende-se uma cama franceza e uma meia cômoda: no oitão do Terço n. 2.

— Vende-se gomma muito alva a 80 rs., dita de araruta a 120: no pateo do Carmo, quina da rua de Hortas n. 2, taberna.

SELLINS INGLEZES.

Vendem-se os melhores sellins para homem, que tem vindo a este mercado, com seus competentes freios, etc., incluindo alguns para pagens recentemente despachados, tambem chicotes para carro, homem e senhora, com enfeites de gosto moderno: no armazem de Eduardo H. Wyatt, rua do Trapiche-Novo n. 18.

— Vende-se um carro inglez quasi novo, de 4 rodas, com os arreios competentes: em casa dos Srs. Johnston Pater & Companhia, rua do Vigario n. 3.

—Vendem-se boas vaccas paridas, outras proximas a parir, novilhas e garrotes: no sitio do fallecido Guilherme Patricio, junto do Remedio, e a tratar na rua do Collegio n. 13, 2º. andar.

ESTOJOS.

Vendem-se elegantes estojos de toilette para senhora e para homem: no armazem de Eduardo H. Wyatt, rua do Trapiche Novo n. 18.

VINHOS.

Vendem-se na rua do Trapiche Novo n. 18, em casa de Eduardo H. Wyatt:

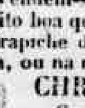
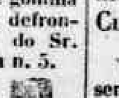
Cerveja branca em barricas de 4 e 6 duzias, em garrafas e meias garrafas, vinho do Porto e Xerez, tanto em garrafas como em barris de 4 em pipa, fructas em conserva, em caixas de 1 duzia de garrafas.

— Vendem-se 4 estolas bordadas a ouro, do melhor gosto possivel, sendo uma branca, outra encarnada, outra rôxa e a quarta preta: na loja de João da Cunha Magalhães, rua da Cadeia do Recife n. 51.

— Vendem-se duas casinhas na rua Imperial junto ao chafariz n. 46 e 48: a tratar na mesma rua n. 171.

— Vendem-se saccas com 4 ½ arrobas de gomma de muito boa qualidade a 9$000 cada uma; defronte do trapiche do algodão, armazem n. 20, do Sr. Guerra, ou na rua da Cadeia do Recife, loja n. 5.

CHRISTIANI & IRMA'O.

Com fabrica e loja de chapéos na rua Nova n. 44, tem a honra de avisar ao respeitavel publico, e em particular aos seus freguezes, que receberam pela segunda vez uma nova factura de chapéos chegados ha poucos dias pelo navio *Bellem*, vindo do Havre, como sejam os bem conhecidos chapéos de castor de pello curto (Thibet), ditos de pello (rosé), ditos de castor preto (Velours Zephir), ditos de massa franceza, formas modernas, ditos de feltro finos e de todas as cores tanto para homem como para meninas, ditos amazonas para senhora, ditos de palha enfeitados para dita, e outras muitas fazendas proprias do seu estabelecimento, e tudo por preços commodos.

— Vendem-se os seguintes generos chegados ultimamente de Lisboa na barca *Gratidão*, tudo da melhor qualidade que tem vindo neste mercado, a saber: batatas muito superiores, a 1$600 rs. a arroba; amendoas molar, a 9$000 rs. a arroba; nozes muito superiores, a 3$000 rs. a arroba; chocolate o mais superior que tem vindo tambem neste mercado; latas de 4 ½ libras, a 2$000 rs. cada uma; folha de louro de ½ arroba para cima, a 320 rs. a libra: na rua do Queimado n. 44.

— Vendem-se no armazem n. 60, da rua da Cadeia do Recife, de Henry Gibson, os mais superiores relogios fabricados em Inglaterra, por preços modicos.

— Vendem-se umas lettras com execução e penhora feita no engenho da Escada Jundiá, pertencente ao Sr. Manoel Antonio Dias, que andarão hoje por 13:000$000 rs. pouco mais ou menos: os pretendentes podem dirigir-se ao Trapiche Novo casa n. 14, que farão qualquer negocio.

— Vende-se superior carne do sertão por preço commodo: na rua da Santa Cruz esquina da rua da Alegria n. 1.

—Vende-se uma boa casa terrea, sita na rua do padre Floriano, com optimos commodos para familia: os pretendentes dirijam-se para tratar, a' rua do Vigario n. 7.

—Farinha de trigo em saccas a vontade dos compradores: a tratar com o barateiro Joaquim da Silva Lopes, na porta da alfandega.

—Vende-se a bem conhecida taberna, debaixo dos arcos da ribeira da Boa-Vista n. 6 a 8: a tratar na mesma.

— Vende-se um carro americano de quatro rodas, chegado ultimamente da America: a tratar na rua do Trapiche n. 8.

PARA VOLTARETE.
FINAS CARTAS E FIXAS DE MADREPEROLA,
na rua do Crespo n. 11.

—Em casa de J. Keller & C., na rua da Cruz n. 55, ha para vender 3 excellentes pianos vindos ultimamente de Hamburgo.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, vende-se farelo novo, chegado de Lisboa pela barca *Gratidão*.

Vendem-se chapeos de castor branco, a 4$ rs., ditos de seda preta, francezes, a 4$500 rs.: na rua do Crespo, loja amarella n. 4.

ANTIGO DEPOSITO DE CAL E POTASSA.

No antigo deposito da rua do Trapiche n. 15, ha muito superior potassa da Russia e americana, e cal virgem, chegada ha pouco, tudo por preço commodo.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se superior farinha de mandioca, em saccas que tem um alqueire, medida velha, por preço commodo: nos armazens n. 3, 5 e 7 defronte da escadinha, e no armazem defronte da porta da alfandega, ou a tratar no escriptorio de Novaes & C., na rua do Trapiche n. 34, primeiro andar.

BRILHANTES.

No hotel da Europa, rua da Aurora, tem para vender ricas obras de brilhantes do melhor gosto que tem apparecido até hoje, e tambem outras obras de ouro, tudo por preços mui razoaveis.

Chapeos para senhoras.

Chapéos para senhoras, os mais modernos e elegantes, chegados pelo ultimo navio francez, pelos preços de 16$, 18$ e 20$000 rs.: na rua Nova loja n. 16, de José Luiz Pereira & Filho.

Chapéos para homem.

Na rua Nova loja n. 16, de José Luiz Pereira & Filho, vendem-se os mais modernos chapéos com elegantes formas.

Chale de seda, manteletes e capotinhos, os mais modernos e de melhor gosto, camisas, romeiras de cambraia, e de retroz: na rua Nova loja n. 16, de José Luiz Pereira & Filho.

Seda para vestidos.

Córtes de sedas de quadros, gosto escossez com 17 covados, a 16$, 20$ e 25$000 rs.: na rua Nova n. 16, de José Luiz Pereira & Filho.

Palitós e sobre-casacas.

Palitós e sobre-casacas francezas, de pannos finos, de brim, bretanha e alpaca: na rua Nova n. 16, loja de José Luiz Pereira & Filho.

Em casa da Timm Mousen & Vinnassa, na praça do Corpo Santo n. 15, ha para vender o seguinte:
Um sortimento completo de livros em branco de superior qualidade.
Um piano vertical da qualidade mais superior.
Vinho de Champagne.
Absinthe e cherry cordial de superior qualidade.
Licores de differentes qualidades.
Vaquetas para carro.
Sola branca.
Tudo por preços commodos.

— No aterro da Boa-Vista, loja e fabrica de chapeos de sol n. 22, tem para vender um lindo sortimento de fazendas chegadas ultimamente de França, e se vende muito em conta para liquidação, sendo filó inlan enfestado, de muito lindas cores e differentes padrões, proprios para vestidos de senhora; assim como tambem cassa franceza, córtes de cassa, toalhas de algodão para mesa, córtes de vestidos imitando filó.

— Vende-se vinho do Porto fino em barris de oitavo, ultimamente chegado na barca *Santa Cruz*, por preço commodo: a tratar na rua da Senzala Nova n. 4.

— Vende-se saccos com feijão mulatinho por preço muito em conta: no caes da alfandega armazem n. 7.

— Vende-se fio de sapateiro, bom: em casa de S. P. Johnston & Companhia, rua da Sensala Nova n. 42.

CONHECIDO DEPOSITO DE POTASSA E CAL.

Na rua de Apollo armazem n. 2 B, continua a ter superior potassa da Russia e Rio de Janeiro, e cal de Lisboa em pedra: tudo a preço que muito satisfara' aos seus antigos e novos freguezes.

CEMENTO ROMANO BRANCO.

Vende-se cemento romano branco, chegado agora, de superior qualidade, muito superior ao do consumo, em barricas e as tinas: atraz do theatro, armazem de taboas de pinho.

— Na loja da rua do Crespo n. 6, tem um grande sortimento de caixas para rapé a emitação das de tartaruga, pelo modico preço de 1$280 cada uma.

— Vende-se um cabriolet com coberta e os competentes arreios para um cavallo, tudo quasi novo: para ver, no aterro da Boa-Vista, armazem do Sr. Miguel Segeiro, e para tratar no Recife rua do Trapiche n. 14, primeiro andar.

GRANDE SORTIMENTO DE BRINS PARA CALÇAS E PALITÓ'S.

Vende-se brim trançado de linho de quadros a 600 rs. a vara; dito a 700 e 1$000; dito mesclado a 1$400; córtes de fustão branco a 400 rs.; ditos de cores de bom gosto a 800 rs.; ganga amarella lisa da India a 400 rs. o covado; córtes de cassa chita a 2$000 e 2$200; lenços de cambraia de linho grandes a 640; ditos pequenos a 360; toalhas de panno de linho do Porto para rosto a 14$000 a duzia; ditas alcoxoadas a 10$000; guardanapos tambem alcoxoados a 3$600: na rua do Crespo n. 6.

O QUE GUARDA FRIO GUARDA CALOR:

portanto, vendem-se cobertores de algodão com pello como os de lãa a 1$400; ditos sem pello a 1$200; ditos de tapete a 1$200: na rua do Crespo n. 6.

RUA DO CRESPO N. 12.

Vende-se nesta loja superior damasco de seda de cores, sendo branco, encarnado, rôxo, por preço razoavel.

—Vendem-se lonas da Russia por preço commodo, e de superior qualidade: no armazem de N. O. Bieber & C., rua da Cruz n. 4.

CASEMIRAS E PANNOS.

Vende-se casemira preta e de côr para palitós por ser muito leve a 2$600 o covado, panno azul a 3$ e 4$000, dito preto a 3$, 3$500, 4$, 5$ e 5$500, córtes de casemira de gostos modernos a 6$000, setim preto de Macao a 3$200 e 4$000 o covado: na rua do Crespo n. 6

OBRAS DE LABYRINTHO.

Acham-se á venda por commodos preços ricos lenços, toalhas e coeiros de labyrintho, chegados ultimamente do Aracaty: na rua da Cruz do Recife n. 34, primeiro andar.

— Vende-se uma casa de sobrado de 2 andares, na praça da Boa-Vista n. 10; os pretendentes dirijam-se para o ajuste e informação, no pateo da matriz de Santo Antonio, sobrado de um andar.

CHALES E MANTELETES DE SEDA DE BOM GOSTO.

Na rua do Crespo loja da esquina que volta para a Cadeia: vende-se chales de seda a 8$000, 12$000, 14$000 e 18$000 rs., manteletes de seda de cor a 11$000 rs, chales pretos de lãa muito grandes a 3$600 rs., chales de algodão e seda a 1$280 rs.

Deposito de vinho de champagne Chateau-Ay, primeira qualidade, de propriedade do condi de Mareuil, rua da Cruz do Recife n. 20: este vinho, o melhor de toda a champagne, vende-se a 36$000 rs. cada caixa, acha-se unicamente em casa de L. Lecomte Feron & Companhia. N. B. As caixas são marcadas a fogo — Conde de Mareuil — e os rotulos das garrafas são azues.

AOS SENHORES DE ENGENHO.

Cobertores escuros muito grandes e encorpados, ditos brancos com pello, muito grandes, imitando os de lãa, a 1$400: na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a cadeia.

Pannos finos e casemiras.

Na rua do Crespo loja da esquina que volta para a Cadeia, vende-se panno preto a 2$400, 2$800, 3$, 3$500, 4$500, 5$500, 6$000 rs. o covado, dito azul, a 2$, 2$800, 4$, 6$, 7$, o covado; dito verde, á 2$800, 3$500, 4$, 5$ rs. o covado; dito côr de pinhão a 4$500 o covado; córtes de casemira preta franceza e elastica, a 7$500 e 8$500 rs.; ditos com pequeno defeito, á 6$500; ditos inglez enfestado a 5$000; ditos de côr a 4$, 5$500 6$ rs.; merinó preto a 1$, 1$400 o covado.

Agencia de Edwin Maw.

Na rua de Apollo n. 6, armazem de Mc. Calmon & Companhia, acha-se constantemente bons sortimentos de taixas de ferro coado e batido, tanto rasa como fundas, moendas inteiras todas de ferro para animaes, agoa, etc., ditas para armar em madeira de todos os tamanhos e modelos os mais modernos, machina horisontal para vapor com força de 4 cavallos, cocos, passadeiras de ferro estanhado para casa de purgar, por menos preço que os de cobre, esco-vens para navios, ferro da Suecia, folhas de flandres; tudo por barato preço.

— Vende-se excellente taboado de pinho, recentemente chegado da America: na rua de Apollo, trapiche do Ferreira, a entender-se com o administrador do mesmo.

Cassas francezas a 320 o covado.

Na rua do Crespo, loja da esquina que vira para a Cadeia, vendem-se cassas francezas de muito bom gosto, a 320 o covado.

—Na rua do Vigario n. 19 primeiro andar, tem a venda a superior flanella para forro de sellins chegada recentemente da America.

Potassa.

No antigo deposito da rua da Cadeia Velha, escriptorio n. 12, vende-se muito superior potassa da Russia, americana e do Rio de Janeiro, a preços baratos que he para fechar contas.

Deposito da fabrica de Todos os Santos na Bahia

Vende-se, em casa de N. O. Bieber & C., na rua da Cruz n. 4, algodaõ trançado d'aquella fabrica, muito proprio para saccos de assucar e roupa de escravos, por preço commodo.

AGENCIA
Da Fundiçao' Low-Moor. Rua da Senzala nova n. 42.

Neste estabelecimento continùa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor, e taixas de ferro batido e coado, de todos os tamanhos, para dito.

Devoto Christão.

Sahio a luz a 2.ª edição do livrinho denominado—Devoto Christão, mais correcto e acrescentado: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia a 640 rs. cada exemplar.

Redes acolchoadas,

brancas e de cores de um só panno, muito grandes e de bom gosto: vendem-se na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a cadeia.

DEPOSITO DE CAL DE LISBOA.

Na rua da Cadeia do Recife n. 50 ha para vender barris com cal de Lisboa, recentemente chegada.

— Vende-se uma balança romana com todos os seus pertences, em bom uso e de 2,000 libras: quem a pretender, dirija-se á rua da Cruz, armazem n. 4.

PUBLICAÇAO' RELIGIOSA.

Sahio á luz o novo Mez de Maria, adoptado pelos reverendissimos padres capuchinhos de N. S. da Penha desta cidade, augmentado com a novena da Senhora da Conceição, e da noticia historica da medalha milagrosa, e de N. S. do Bom Conselho: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da independencia, a 1$000.

— Vende-se uma taberna na rua do Rosario da Boa-Vista n. 47, que vende muito para a terra, os seus fundos são cerca de 1:200$000 rs., vende-se porém com menos se o comprador assim lhe convier: a tratar junto a alfandega, travessa da Madre de Deos armazem n. 21.

Completos sortimentos de fazendas de bom gosto, por preços commodos.

Na rua do Crespo loja da esquina que volta para a Cadeia, vendem-se córtes de vestidos de cambraia de seda com barra e babados, a 8$000 rs.; ditos com flores, a 7$, 9$ e 10$ rs.; ditos de quadros de bom gosto, a 11$; córtes de cambraia franceza muito fina, lisa, com barra, 9 varas por 4$500; córtes de cassa de côr com tres barras, de lindos padrões, a 3$200, peças de cambraia para cortinados, com 8 ½ varas, por 3$600, ditas de ramagem muito finas, a 6$; cambraia de salpicos miudinhos, branca e de côr muito fina, a 800 rs. a vara; atoalhado de linho acolxoado, a 900 a vara, dito adamascado com 7 ½ palmos de largura, a 2$200 e 3$500 a vara; ganga amarella liza da India muito superior, a 400 rs. o covado; córtes de collete de fustão alcoxoado e bons padrões fixos, a 800 rs.; lenços de cambraia de linho a 360; ditos grandes finos, a 600 rs.; luvas de seda brancas, de côr e pretas muito superiores, a 1600 rs. o par; ditas fio da Escocia a 500 rs. o par.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixa, de capim, na fundição de D. W. Bowman: na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

Taixas para engenhos.

Na fundiçao' de ferro de D. W. Bowmann, na rua do Brum, passando o chafariz, continua haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido e batido de 5 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidao': embarcam-se ou carregam-se em carro sem despeza ao comprador.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, tem para vender diversas musicas para piano, violão e flauta, como sejam, quadrilhas, valsas, redowas, schotickes, modinhas, tudo modernissimo, chegado do Rio de Janeiro.

CEMENTO ROMANO.

Vende-se cemento romano, em barricas de 12 arrobas, e as maiores que ha no mercado, chegado ultimamente de Hamburgo, por menos preço do que em outra qualquer parte: na rua da Cruz no Recife, armazem n. 13.

NAVALHAS A CONTENTO E TESOURAS.

Na rua da Cadeia do Recife n. 48, primeiro andar, escriptorio de Augusto C. de Abreu, continuam-se a vender a 8$000 o par (preço fixo) as ja bem conhecidas e afamadas navalhas de barba, feitas pelo habil fabricante que foi premiado na exposição de Londres, as quaes além de durarem extraordinariamente, não se sentem no rosto na acção de cortar; vendem-se com a condição de, não agradando, poderem os compradores devolve-las até 15 dias depois da compra restituindo-se o importe. Na mesma casa ha ricas tesourinhas para unhas, feitas pelo mesmo fabricante.

—Farello de arroz muito novo e por preço commodo, em saccas e barricas, cujo he saudaveis e de muita nutrição para cavallos, gallinhas e cevados: a tratar na Praia de San Francisco cocheira de João da Cunha Reis.

— Vende-se na rua do Queimado, loja n. 21, chitas largas de padrões modernos a 200 rs. cada covado.

RUA DO CRESPO LOJA ENCARNADA.

Vendem-se cortes de seda escosseza, pelo baratissimo preço de 16$000 rs.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se a bordo do brigue *Conceição*, entrado de Santa Catharina, e fundeado na volta do Forte do Mattos, a mais nova farinha que existe hoje no mercado, e para porções a tratar no escriptorio de Manoel Alves Guerra Junior, na rua do Trapiche n. 14.

AOS SENHORES DE ENGENHO.

O arcano da invençao' do Dr. Eduardo Stolle em Berlin, empregado nas colonias inglezas e hollandezas, com grande vantagem para o melhoramento do assucar, acha-se a venda, em latas de 10 libras, junto com o methodo de emprega-lo no idioma portuguez, em casa de N. O. Bieber & Companhia, na rua da Cruz. n. 4.

—Vende-se uma rica mobilia de jacaranda', com consolos e mesa de tampo de marmore branco, a dinheiro ou a prazo, conforme se ajustar: a tratar na rua do Collegio n. 25, taberna.

—Na livraria da rua do Collegio n. 8, vende-se uma escolhida collecção das mais brilhantes peças de musica para piano, as quaes são as melhores que se podem achar para fazer um rico presente.

RUA DO TRAPICHE N. 10.
Em casa de Paton Nash & C., ha para vender:
Sortimento variado de ferragens.
Amarras de ferro de 5 quartos até 1 polegada.
Champagne da melhor qualidade em garrafas e meias ditas.
Um piano inglez dos melhores.

— Vende-se uma bonita negra da Costa muito moça, cozinha perfeitamente o diario de uma casa, engomma e ensabôa, e he optima quitandeira: quem a pretender, dirija-se á rua dos Martyrios n. 14.

CEMENTO ROMANO.

Vende-se superior cemento em barricas grandes; assim como tambem vendem-se as tinas: atraz do theatro, armazem de Joaquim Lopes de Almeida.

PARA ACABAR.

Vendem-se cassas francezas de cores fixas, e lindos padrões, pelo baratissimo preço de 140 rs. o covado: na loja da Guimarães & Henriques, rua do Crespo n. 5.

Lindos córtes de lanzinha para vestido de senhora, com 15 covados cada córte, a 4$500.

Na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a Cadeia.

BOM E COMMODO.

Cassas de panno e cores fini-simas, pelo baratissimo preço de 500 rs. a vara: na loja do sobrado amarello, na rua do Queimado n. 29, de José Moreira Lopes.

Ao bom e barato.

Alpacas de seda para vestidos, do melhor gosto possivel, e cassas organdiz, fazenda dos melhores desenhos que tem vindo a esta praça: na loja do sobrado amarello, na rua do Queimado n. 29, de José Moreira Lopes.

— Vende-se uma boa casa terrea em Olinda, rua da bica de S. Pedro, que faz esquina com o cercado de madeira, com 2 portas e 2 janellas de frente, 3 salas, 3 quartos, cozinha grande, copiar, estribaria, grande quintal todo murado, com portão e cacimba, muito propria para se passar a festa, mesmo para morar todo o anno: a tratar no Recife, rua do Collegio n. 21, segundo andar.

—Vende-se um cabriolet e um cavallo, que foi do Andrade, da rua Nova: a tratar na rua do Pires n. 28.

—Vende-se champagne a 28$000 rs., e superior vinho de Bordeaux: em casa de Schapheitlin & C., rua da Cruz n. 58.

ESCRAVOS FUGIDOS.

— Desappareceram do abaixo assignado, no dia 27 de novembro do engenho Itapirema de Cima, da comarca de Goianna dous escravos, um de nome Joaquim, crioulo, que representa ter 30 annos de idade, altura regular, tem por costume embriagar-se, e foi escravo de José do Rego Lima, que o recebeu em pagamento, morador em Barreiros; Benedicto, tambem crioulo, representa ter 24 annos de idade, he reforçado do corpo, principia agora a barbar, e foi escravo de Manoel Serafim, lavrador do engenho Jurissaca: roga-se as autoridades policiaes ou capitães de campo, de os apprehender e leva-los a dito engenho, ou nesta praça na rua Direita n. 14, que serão recompensados generosamente.
José Pinto da Costa.

100$000 de gratificação.

Desappareceu no dia 8 de setembro de 1854 o escravo crioulo, amulatado, de nome Antonio, que representa ter 30 a 35 annos, pouco mais ou menos, nascido em Cariri Novo, d'onde veio ha tempos, he muito ladino, costuma trocar o nome e intitular-se forro; foi preso em fins do anno de 1851 pelo Sr. delegado de policia do termo de Seriuhaem, com o nome de Pedro Sereno, como desertor, e sendo remettido para a cadeia desta cidade a ordem do Illm. Sr. desembargador chefe de policia com officio de 2 de janeiro de 1852 se verificou ser escravo, e o seu legitimo senhor foi Antonio José de Sant'Anna, morador no engenho Caité, da comarca de Santo Antão, do poder de quem desappareceu, e sendo outra vez capturado e recolhido a cadeia desta cidade em 9 de agosto, foi ahi embargado por execução de José Dias da Silva Guimarães, e ultimamente arrematado em praça publica do juizo da segunda vara desta cidade no dia 30 do mesmo mez pelo abaixo assignado. Os signaes são os seguintes: idade de 30 a 35 annos, estatura e corpo regular, cabellos pretos e carapinhados, côr amulatada, olhos escuros, nariz grande e grosso, beiços grossos, o semblante fechado, bem barbado, com todos os dentes na frente: roga-se, portanto, as autoridades policiaes, capitães de campo e pessoas particulares, o favor de o apprehenderem e mandarem nesta praça do Recife, na rua larga do Rosario n. 14, que receberão a gratificação acima de 100$000; assim como protesto contra quem o tiver em seu poder occulto.—*Manoel de Almeida Lopes.*

— Da casa pertencente ao Sr. José Leão de Castro, sita no lugar denominado Cordeiro, fugiram as 7 horas da noite do dia 15, duas escravas mãi e filha, sendo a mãi cabra, de nome Maria, representa ter 50 annos, tem os cabellos brancos, he corcovada, tem um dedo da mão esquerda muito fino e torto, proveniente de um panariço; e a filha de nome Rosa, mulata, de idade 24 annos, pouco mais ou menos, he bastante corpolenta, tem os cabellos carapinhos, olhos vesgos e vê pouco por um delles. Foram escravas do Sr. Seraphim da Silva Ferraz, de Pojeu' de Flores, e foram compradas este anno nesta praça ao Sr. José da Silva Loio, hoje pertencem ao abaixo assignado, que recompensara generosamente a quem as apprehender e as levar na mesma casa, ou na rua da Cadeia do Recife, loja n. 5.
Antonio Bernardo de Carvalho.

PERN.: TYP. DE M. F. DE FARIA. — 1854